

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Educação

Programa de Pós-graduação em Educação

Izabela de Faria Miranda

BRAVÍSSIMO! ABANDONA AS IDEIA E CHUTA O BALDE
olhares feministas sobre homens e masculinidades das juventudes socioeducativo

BELO HORIZONTE

2021

Izabela de Faria Miranda

BRAVÍSSIMO! ABANDONA AS IDEIA E CHUTA O BALDE
olhares feministas sobre homens e masculinidades das juventudes socioeducativo

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação: Mestrado em Educação e Docência – PROMESTRE/FaE/UFMG, como requisito parcial e último para obtenção do título de Mestra em Educação e Docência.

Orientador: Prof. Dr. Frederico Assis Cardoso

Coorientador: Prof. Dr. Guilherme de Alcântara

BELO HORIZONTE

2021

M672b
T Miranda, Izabela de Faria, 1985-
Bravíssimo! abandona as ideia e chuta o balde [manuscrito] : olhares feministas sobre
homens e masculinidades das juventudes socioeducativo / Izabela de Faria Miranda. - Belo
Horizonte, 2021.
152 f. : enc, il., color.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de
Educação.
Orientador: Frederico Assis Cardoso.
Coorientador: Guilherme de Alcântara.
Bibliografia: f. 124-136.
Anexos: f. 138-152.
Apêndices: f. 137.

1. Educação -- Teses. 2. Educação -- Relações de gênero -- Teses. 3. Educação --
Relações étnicas -- Teses. 4. Educação -- Relações raciais -- Teses. 5. Masculinidade --
Aspectos educacionais -- Teses. 6. Feminismo -- Aspectos educacionais -- Teses. 7. Medida
socioeducativa -- Relações de gênero -- Teses. 8. Adolescentes (meninos) -- Assistência em
instituições -- Teses. 9. Juventude socialmente desajustada -- Educação -- Teses.
10. Criminalidade -- Aspectos sociais -- Teses. 11. Juventude e violência -- Teses.
12. Adolescentes e violência -- Teses. 13. Delinquentes juvenis -- Educação -- Teses.
14. Sociologia educacional -- Teses. 15. Antropologia educacional -- Teses.
I. Título. II. Cardoso, Frederico Assis, 1978-. III. Alcântara, Guilherme de, 1978-.
IV. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 362.74

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA/MP

UFMG

FOLHA DE APROVAÇÃO

BRAVÍSSIMO! ABANDONA AS IDEIA E CHUTA O BALDE: olhares feministas sobre homens e masculinidades das juventudes socioeducativo

IZABELA DE FARIA MIRANDA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA/MP, como requisito para obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, área de concentração ENSINO E APRENDIZAGEM.

Aprovada em 03 de dezembro de 2021, pela Banca constituída pelos membros:

Frederico Assis Cardoso

Prof. Frederico Assis Cardoso - Orientador
UFMG

Guilherme de Alcântara

Prof. Guilherme de Alcântara
UFMG

Pedro Teixeira Castilho

Prof. Pedro Teixeira Castilho
UFMG

Jimena de Garay Hernández

Profa. Jimena de Garay Hernández
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Belo Horizonte, 3 de dezembro de 2021.



ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA IZABELA DE FARIA MIRANDA

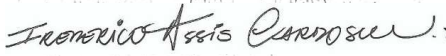
Realizou-se no dia 03 de dezembro de 2021, às 09:30 horas, por Videoconferência, a 296ª dissertação intitulada *BRAVÍSSIMO! ABANDONA AS IDEIA E CHUTA O BALDE: olhares feministas sobre homens e masculinidades das juventudes socioeducativo*, apresentada por IZABELA DE FARIA MIRANDA, número de registro 2019652980, graduada no curso de DIREITO, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof. Frederico Assis Cardoso - Orientador (UFMG), Prof. Guilherme de Alcântara (UFMG), Prof. Pedro Teixeira Castilho (UFMG), Profa. Jimena de Garay Hernández (Universidade do Estado do Rio de Janeiro).

A Comissão considerou a dissertação:

- Aprovada
 Reprovada
 Aprovada com indicações de correções


A Banca sugeriu e o candidato acatou a mudança do título da dissertação para: _____

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.
Belo Horizonte, 03 de dezembro de 2021.


Prof. Frederico Assis Cardoso (Doutor)


Prof. Guilherme de Alcântara (Doutor)


Prof. Pedro Teixeira Castilho (Doutor)


Profa. Jimena de Garay Hernández (Doutora)

AGRADECIMENTOS

Eu nunca fui uma pessoa academicista. Eu achava — e ainda acho — esse ambiente muito enrijecido, elitista e, sinceramente, não parece que aproveita todo seu potencial de transformação social. Para mim, a prática sempre trouxe mais alegria e satisfação. É o espaço da concretude, onde é possível interferir positivamente na vida das pessoas. Neste contexto surge o PROMESTRE, um programa de Mestrado profissional, que me desafiou a superar minhas restrições à Academia. Por isso, eu agradeço antes de qualquer coisa à minha amiga **Deise**, que foi quem me mostrou que eu já tinha um projeto, me orientou na escrita e ainda me convenceu de que eu era capaz de realizar o programa.

Eu dizia: “sou advogada, não professora. Eu nunca publiquei um texto e não quero ser uma famosa teórica de nada. Como eu poderia ser aprovada em um Mestrado?”. Eu passei! E hoje entrego um trabalho que enche meu coração de amor e orgulho, fruto de uma pesquisa que envolveu muitas vidas. Saio dessa trajetória com a prática fortalecida pela Academia e uma titulação que possibilita a ampliação dos meus projetos políticos, para promover as transformações sociais que tanto almejo.

Agradeço ao meu **professor orientador, Frederico**, inicialmente por me escolher, o que eu não acreditava ser possível. Depois de um tempo eu percebi o presente que a vida estava me dando e a peça que estava me pregando. Eu que não gostava da Academia, estava pleiteando uma vaga no Mestrado que tinha um dos poucos pesquisadores — talvez o único — das *masculinidades* da UFMG. Estava também no processo seletivo certo, pois integro sua última leva de orientandas do programa.

Confesso que não sabia exatamente o que eu estava pesquisando. Eu apenas enxergava um contexto problemático, que envolvia predominantemente homens. Mas assim como eu, lá estava o **Fred**, no lugar certo, na hora certa, me apresentando as *masculinidades* como tema de pesquisa. Atualmente eu considero este conhecimento um dos mais importantes e um diferencial na minha política feminista. Agradeço também a você por se mostrar presente e sempre fazer mostrar que eu ia dar conta.

Ao meu **professor coorientador Guilherme**, pela disponibilidade e apoio, por também se mostrar presente e me apresentar caminhos teóricos que foram tão relevantes na escrita.

Agradeço aos/às professores/as que generosamente aceitaram compor minha banca de qualificação e de apresentação pública da pesquisa. À **professora Jimena** pela proximidade proporcionada e pelas políticas, sempre feministas, que nos unem. À **professora Licínia** pelo

carinho de sempre e pela disponibilidade em se aproximar do meu tema de pesquisa. À **professora Juliana**, pela atenção a mim dispensada. Ao professor **Paulo**, pelas inúmeras trocas e vivências, pelas conversas por WhatsApp, e principalmente por atender meu pedido e oferecer a disciplina de masculinidades. Ao professor **Pedro**, pelas discussões tão relevantes, por sempre atender aos meus chamados e me orientar em demandas decorrentes do trabalho no socioeducativo, e também pela pronta disponibilidade para participar da banca.

À **professora Teca** e aos/às **meus/minhas companheiros/as de Seminário**, por me mostrarem uma dimensão repleta de amor.

À **Helô**, pela amizade e companheirismo durante toda orientação. Eu me fortaleci em você.

À **Juliana** pelo carinho de partilhar suas experiências e materiais conosco.

À **Indômitas Coletiva Feminista**, especialmente à **Ana, Jana, Michele e Sandra**, por segurarem minha mão e não soltar a coletiva na minha ausência.

Às **Xicas da Silva**, pelo passado, pelo presente e pelo futuro feminista que estamos construindo juntas.

À **minha mãe**, companheira mais antiga e forte, que me educou para a liberdade de ser e pensar. A você, por tanto amor, pela confiança e pelo apoio a todos os meus caminhos, sejam eles quais forem. Ao seu lado é sempre possível recomeçar.

Ao **meu pai**, que também me cerca de amor e que sempre me oferece condições para fazer minhas próprias escolhas.

Ao **Rafa**, por me ajudar a ter coragem para mudar e não me deixar retroceder.

Ao **Daniel** e ao **Ícaro**, pela parceria e pelo maravilhoso trabalho de design no caderno “Bravíssimo”.

A todos/as pessoas que atravessaram meu caminho no sistema socioeducativo.

À **professora Carlinha**, que abriu essa porta, além de dividir caronas, danças, e tanta experiência de amor e diálogo com esses adolescentes.

À **equipe da unidade pesquisada**, em especial à **Cristiemile**, à **Irani** e à **Vanessa**, pela liberdade, disponibilidade e carinho. Vocês foram essenciais nesta trajetória de pesquisa e sem dúvidas para a continuidade do projeto “Bravíssimo”.

Ao **Afrânio**, juiz da vara de execuções de medidas socioeducativas, que, reconhecendo a importância da proposta, gentil e prontamente autorizou que a pesquisa se realizasse.

Ao **Vitor**, que segue me ensinando a enxergar o mundo de uma forma diferente. Você é um presente na minha vida. Só agradece!

Agradeço especialmente ao **Alexander, Calvin, Davi, Elias, Fernando, Filipe, Gabriel, Gustavo, João Vitor, Marcelo, Marcos, Mateus, Matheus, Michael, Miguel, Miguell, Peterson, Raione, Riquelme, Ronaldo (em memória), Ryan, Thales** e também ao **sorriso mais bonito da unidade, aos dois JV, ao outro menor, ao Zup** e tantos outros, pela amizade, pelas sextas-feiras, por me deixar pertencer e pela confiança em dividir suas histórias. Vocês mudaram minha vida. Só força!

Cria não morre! Cria vira lenda!

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo analisar os processos de socialização ligados ao gênero masculino de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação, e sua relação com a prática de atos infracionais. Verificados altíssimos índices de envolvimento com a criminalidade, pelos homens, necessário se faz um aprofundamento das reflexões sobre o tema sob o viés das masculinidades. O argumento central é pautado na ideia de que a adesão à criminalidade faz parte de um processo de resistência e valorização de um modelo de hegemonia local, a masculinidade do bandido, por homens subalternizados pelas dinâmicas de hegemonia regional e global. Utilizo o conceito de masculinidade hegemônica e masculinidade subalternizada para descrever as dinâmicas dessas relações de poder que se dão entre homens e mulheres, e também entre homens e homens. Assim, a proposta é identificar os modelos de masculinidades construídos e reconstruídos pelas juventudes socioeducativo, bem como os motivos que os levam a atender determinada norma masculina de maneira mais ou menos reflexiva. São adotadas duas chaves de leitura teórica: os estudos feministas de gênero e masculinidades, inseridos no escopo da Sociologia, e os estudos feministas, relações étnico-raciais, masculinidades negras e nossamericanas, inseridos no escopo da Antropologia. Como procedimento metodológico foi adotada uma etnografia feminista, com elaboração de caderno de campo e entrevistas individuais com adolescentes do sistema socioeducativo.

Palavras-chave: Masculinidades. Criminalidade. Juventudes. Sistema Socioeducativo.

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo analizar los procesos de socialización vinculados al género masculino de los adolescentes en cumplimiento de una medida socioeducativa de detención, y su relación con la práctica de actos delictivos. En atención a los altos índices de implicación con la criminalidad por parte de los hombres, es necesario profundizar las reflexiones sobre el tema por medio de la perspectiva de las masculinidades. El argumento es que la adhesión a la criminalidad es parte de un proceso de resistencia y valorización de un modelo de hegemonía local, la masculinidad del bandido, por hombres subalternizados por las dinámicas de hegemonía regional y global. Utilizo los conceptos de masculinidad hegemónica y masculinidad subordinada para describir las relaciones de poder entre hombres y mujeres, así como entre hombres y hombres. Por lo tanto, la propuesta es identificar los modelos de masculinidades construidos y reconstruidos por jóvenes del sistema socioeducativo, así como las razones que los llevan a incorporar una norma masculina de manera más o menos reflexiva. Se adoptan dos claves de lecturas teóricas: los estudios feministas de género y masculinidades, insertos en el ámbito de la sociología, y los estudios feministas, relaciones étnico-raciales, masculinidades negras y nuestra americanas, en el ámbito de la antropología. Como procedimiento metodológico se adoptó una etnografía feminista, con la elaboración de un cuaderno de campo y entrevistas privadas con adolescentes del sistema socioeducativo.

Palabras clave: Masculinidades. Criminalidad. Jóvenes y Sistema Socioeducativo.

LISTA DE SIGLAS

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CIA - Centro Integrado de Atendimento ao Adolescente Autor de Ato Infracional
COEP - Comitê de Ética em Pesquisa
DEPEN - Departamento Penitenciário Nacional
ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente
FBSP – Fórum Brasileiro de Segurança Pública
INFOPEN - Informações Penitenciárias
IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MP – Ministério Público
MVCI - Mortes Violentas por Causa Indeterminada
PROMESTRE – Programa de Mestrado Profissional
SEE - Secretaria de Estado de Educação
SEJUSP - Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública
SIM/MS - Sistema de Informação sobre Mortalidade do Ministério da Saúde
SINASE - Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo
UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais
URBEL - Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte

VOCABULÁRIO BRAVÍSSIMO

As palavras e expressões aqui mencionadas fazem parte da linguagem adotada pelos participantes. Os significados de cada uma são apresentados por eles, mas também são descrições da minha compreensão das mesmas, baseadas principalmente nos contextos em que estão inseridas.

Abandona as ideia e chuta o balde – é uma expressão utilizada para sinalizar que uma discussão deve acabar, ou que determinado assunto deve ser evitado. Geralmente vem acompanhada da palavra bravíssimo.

Abastece – esse é um dos cargos da estrutura do tráfico. É quem leva a droga para a *pista*. Não foi possível verificar se esses cargos se relacionam de forma hierárquica com a *pista*.

Alemão (em geral, *Os alemão*) – traficantes de outras regiões e/ou traficantes que estão em conflito ou guerra entre si.

Atividade – é um dos cargos da estrutura do tráfico. É quem dá notícia da movimentação da *biqueira*, da chegada dos *homi* e dos *alemão*. Esse cargo usa rádio, telefone e em alguns casos nenhum desses equipamentos é necessário.

Balão – pena de suspensão das atividades do cargo no tráfico, sem remuneração, que pode ser aplicada por pessoas que ocupam cargos superiores. São algumas das situações citadas, que podem acarretar em *balão*: brigas, chegar atrasado no plantão, desobedecer a ordens dos cargos superiores, roubar, *rodar* e gerar prejuízos.

Bandido – em geral o termo é utilizado popularmente para designar pessoas em conflito com a lei, lhe sendo atribuído caráter pejorativo. Nesta pesquisa, porém, *bandido* é utilizado para referenciar os adolescentes participantes, pois verifiquei que o termo foi apropriado por eles, ressignificado e transformado em uma forma valorosa de ser homem. O termo é constantemente utilizado como objeto de disputa e hierarquia, onde o melhor e mais respeitado homem pode também ser o melhor e mais respeitado bandido.

Bucetão (em geral, *ficar de bucetão*) – Ficar à toa, despreocupado, sem responsabilidades.

Bicada de pé – chute.

Biqueira – pontos de venda de drogas de cada região.

Bomba – carga de cocaína para venda no varejo.

Bombeiro – a mesma definição do *abastece*.

Braba – algo que não é aceitável ou visto como algo positivo dentro da lógica da criminalidade.

Bravíssimo – é uma palavra que surge sempre que estão desconfortáveis com uma temática que tensiona suas masculinidades ou suas construções morais e éticas.

Burguesa – mulher, geralmente branca, de fora da *quebrada*, que ocupa melhores posições sociais.

Cadeia – é uma nomenclatura vinculada ao espaço físico do sistema prisional, mas também pode se referir à unidade socioeducativa.

Chá – maconha.

Chefe de plantão – é um dos cargos da estrutura do tráfico. É um segundo nível da *pista*, mas suas funções não são muito detalhadas. Dentre as atividades narradas estão: decidir vender ou não vender pessoalmente as drogas, fazer escalas de plantão, distribuir a droga, recolher o dinheiro da *pista*, participar de reuniões e ser a referência do contato com o *gerente*.

Cobrar – é uma forma de dizer que o homem pode fazer o que quiser com sua mulher, inclusive matar, para se vingar da traição, ou qualquer outro ato por ele enxergado como desrespeito à sua autoridade masculina sobre ela. A cobrança é a forma de resgate do respeito e reafirmação da masculinidade.

Colar – ficar mais próximo das pessoas que trabalham na *biqueira* e da atividade ali desenvolvida.

Corre – é utilizada para qualquer atividade, geralmente remunerada, onde a pessoa está em busca de alguma coisa, ou simplesmente conduzindo sua vida e garantindo sua sobrevivência. Entre os participantes a palavra *corre* é utilizada para nomear suas práticas criminalizadas e o meio em que se inserem.

Cria – pessoa que nasceu dentro da favela, que tem as noções de comunidade elaboradas naquele contexto. Ser *cria* é um atributo que compõe as identidades dos participantes, passando pela resignificação e valorização de ser favelado.

Daquele naipe – ficar bem, por cima, também associada a poder.

Dar um high – cheirar cocaína.

De maior – maior de idade.

De rolê – sair para algum tipo de festa.

Derreter – gastar.

Desacertos – eventos não esperados, que prejudicam a atividade ou o adolescente, como apreensão de suas drogas e prisão.

Disposição – iniciativa vinculada à coragem, que enaltece a personalidade e valora a masculinidade daquele homem, naquele contexto.

Dólar – pequena porção de maconha, geralmente para consumo pessoal.

Dono de plantão – a mesma definição do chefe de plantão.

Duzentão – é uma referência ao art. 213 do Decreto Lei nº 2.848/1940 (Código Penal Brasileiro), que define o crime de estupro.

Entoca – local onde armazenam as drogas que são distribuídas para venda.

Estralar – é quando começam algum ato reconhecido como desordem pelo regulamento da unidade, como chutar as portas de ferro dos alojamentos – *chutar a capa* – gerando um barulho estrondoso.

Fechamento – é assumir um compromisso público e monogâmico.

Fiel – é aquela mulher com quem se *fecha*, assumindo compromisso público monogâmico.

Fita – é um roubo encomendado. São exemplos: um mecânico de desmanche que demanda um carro específico, ou um trabalhador/a doméstico/a que denuncia a presença de coisas de valor dentro de uma residência. *Acertar a fita* é ter sucesso nesses furtos ou roubos.

Fortalece – ajuda quando se faz necessária.

Gerente – é um dos cargos da estrutura do tráfico. Em regra, é a autoridade imediata das funções anteriores, *atividade*, *pista* e *chefe de plantão*. Ele distribui drogas, armas quando necessário, recebe dinheiro das vendas e é também a porta de acesso ao *patrão*.

Gingado – é o jeito de andar de alguns jovens, geralmente de periferia, que o identificariam como pessoas envolvidas com a criminalidade. É um jeito de se colocar, de reivindicar olhares, que compõe o estereótipo do bandido.

Homi (em geral, *os homi*) – policiais.

Jack – nome dado àqueles que cometem crimes sexuais, como o estupro. É uma referência ao criminoso Jack Estripador.

Jogar – se insinuar, instigar, atizar, provocar o homem, geralmente finalizando com sexo. A expressão costuma ser “jogar para bandido” ou “instigar vagabundo”.

Loló – Uma espécie de droga similar ao lança perfume.

Maloca – local onde se aglomeram pessoas em situação de rua. É onde dormem e estabelecem suas relações de vizinhança.

Menor – criança ou adolescente, ou menores de idade.

Monitor – a mesma definição do chefe de plantão.

Mundão – É a comunidade, a sociedade e toda vida que existe fora do sistema socioeducativo.

Na régua – referência aos cortes de cabelo milimetricamente calculados, que é também uma expressão de vaidade masculina.

Novinha – a *novinha* é uma nomenclatura envolvida por vários significados, à qual pode ou não ser atribuído caráter pejorativo. Dentre as várias possibilidades da *novinha*, o trabalho antropológico da autora brasileira Camila Fernandes Pinto as descreve como mulheres que apesar da pouca idade, são “descritas como experientes na prática da sexualidade já que “sentam muito”, “dão de ladinho”, entre outras manobras sexuais.” (PINTO, 2017, p. 96).

Patrão – também chamado *paizão*, *meu moço* e *cara de óculos* é um dos cargos da estrutura do tráfico. É a autoridade máxima identificada pelos participantes, muito embora em sua maioria não consigam descrever o que ele faz. É comum dizerem que o *patrão* não faz nada, mas é o dono da *quebrada* e uma autoridade não só do tráfico, mas também das pessoas da região.

Pé de pato – quem executa pessoas em troca de dinheiro.

Pedra – forma como vendem o crack. Também utilizada na expressão “ficar na pedra”, ou seja, sem nada.

Pela ordi – é algo muito bom, ou valorizado.

Pinchado – limpo, arrumado, com roupa de marca. Pode também ser utilizada para referenciar muitas tatuagens, “andar pinchado”, de forma a compor a imagem do bandido.

Piranha – é uma expressão à qual atribuem caráter pejorativo, direcionada às mulheres com quem se relacionam com objetivos principalmente sexuais. Essas mulheres são medidas e julgadas por seus comportamentos e suas roupas, que podem expressar liberdade sexual. Ainda que muitas vezes esses participantes se relacionem com essas mulheres, elas são julgadas inadequadas para compromisso fixo e monogâmico. Essas expressões também são utilizadas comumente quando eles se veem contrariados por uma mulher, seja qual for o motivo.

Pista – é um dos cargos da estrutura do tráfico. É aquele que fica com a droga para efetuar as vendas.

Plantonista – a mesma definição do chefe de plantão.

Putá – o mesmo que *piranha*.

Quebradas – é o nome dado à região, comunidade, aglomerado, vila ou favela onde moram ou atuam no crime.

Representar – é uma expressão que demonstra poder e respeito, incorporando valor à masculinidade daquele homem que *representa*, ou seja, que pratica alguma ação importante no contexto das guerras ligadas ao tráfico de drogas, geralmente matar alguém.

Rodar – quando são levados pela polícia em flagrante de ato infracional genuíno ou forjado pelo corpo policial.

Tiração – é uma palavra usada para dizer que eles estão sendo contrariados, ou que se sentem desrespeitados, muitas das vezes também porque o comentário partiu de uma mulher. “Você está de tiração”, “você é tirada, fessora”.

Travado – muito fora de si, em decorrência do excesso de uso de drogas ilícitas.

Vapor – a mesma definição de *pista*.

Verdão – maconha.

Virar a cadeia – é uma expressão que sinaliza rebeliões ou atos coletivos de desordem, ou ainda desobediência, como *chutar a capa*.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: HOMEM É ASSIM?	20
2 REFERENCIAIS TEÓRICOS: MASCULINIDADES, ENTRE HEGEMONIA E SUBALTERNIDADE	27
2.1 Estado da Arte: estudos sobre masculinidades, criminalidade, sistema socioeducativo e violência	33
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: UMA METODOLOGIA FEMINISTA	43
3.1 A pesquisa, o limbo institucional e as demandas ético-jurídico-burocráticas	44
3.2 Procedimentos específicos: entrevistas individuais e caderno de campo da oficina	46
3.3 Os caminhos de uma etnografia feminista: a oficina “Bravíssimo, abandona as ideia e chuta o balde”	51
4 JUVENTUDES SOCIOEDUCATIVO: HOMENS QUE “ESCOLHEM” O CORRE	59
4.1 “ <i>Freio de Rotam</i> ”: estereótipo e perfil social das juventudes socioeducativo	62
4.1.1 A cor: “Aquele menino preto” (Peterson, 17 anos)	63
4.1.2 O lugar: “A porta da minha casa lá é a <i>biqueira</i> ” (Gabriel, 16 anos)	65
4.1.3 Famílias e violências: “Eu nasci já envolvido já” (Raione, 18 anos)	65
4.1.4 Escola: “Eu ia pra escola só pra fumar maconha mesmo” (Mateus, 16 anos)	66
4.2 “A <i>pista</i> não pode parar”: o <i>corre</i> e as <i>biqueiras</i>	69
4.3 Tráfico de drogas e concentração de renda	75
5 ELES E ELAS: O BINARISMO COMO PONTO DE PARTIDA	79
5.1 Eles e eu: “Você é preconceituosa hein, Izabela?”	84
5.2 Eles e Elas: A branca é mais <i>gostosa</i>	88
5.3 Eles e elas: “ter dinheiro e <i>derreter</i> com as <i>muiê</i> ”	93
6 ELES E ELES: A HEGEMONIA E A SUBALTERNIDADE DO BANDIDO	99
6.1 Eles e Eles: Modelos de hegemonia, entre patrão e trabalhador	103
6.2 O dinheiro dos <i>cria</i>	111
7 CONCLUSÕES: HOMEM NÃO É ASSIM	118
REFERÊNCIAS	124
APÊNDICE: RECURSO PEDAGÓGICO - CADERNO BRAVÍSSIMO	137
ANEXOS	138

1 INTRODUÇÃO: HOMEM É ASSIM?

“Homem é assim!” Eu sou uma mulher e já não lembro quando foi a primeira vez que ouvi essa frase. De maneira geral, me recordo de ouvi-la principalmente da minha mãe, que hoje tem 65 anos de idade. Minha primeira memória do contato com meninos da mesma faixa etária remonta à escola, em 1990, quando eu tinha cinco anos de idade. Refletindo hoje sobre esse período eu me recordo, por exemplo, que os meninos eram mais participativos, falavam o que vinha à mente, esperando algumas risadas e nenhuma censura. Meninos eram bagunceiros, mexiam em tudo, corriam muito no recreio, ocupavam a quadra e não precisavam cruzar as pernas.

A maioria das lembranças que eu tenho dos meninos contém muito barulho e movimento, já de nós, meninas, me recordo principalmente da imobilidade e do silêncio. Então, para mim, sempre pareceu que meninos e homens “só eram”. Ou seja, eles não estavam, eles não faziam, eles eram assim, determinados por suas biologias, mais selvagens, mais fortes, mais ativas. A expressão “homem é assim” aparecia muito para justificar as ações dos meninos e na adolescência passou a ser seguida por outra expressão, “igual bicho”, que estava atrelada à sexualidade masculina. Essas expressões justificavam traições, agressões, estupros, homicídios e diversos outros atos violentos, mas também serviam para me dizer para não usar determinada roupa, ou para evitar ir a determinado lugar, pois um “bicho” poderia me pegar.

Até pouco tempo atrás eu não via a possibilidade de problematizar as *masculinidades*. Antes de entrar neste programa de Mestrado eu sequer usava essa palavra no plural. Gênero para mim era a *mulher* e o homem era o universal (BEAUVOIR, 2009). Entretanto, desde 2004 sou integrante de um grupo cênico musical feminino — hoje também feminista — chamado “Xicas da Silva”. O convívio coletivo possibilitou que eu iniciasse minhas reflexões sobre gênero, me transformando em uma mulher feminista, militante e pesquisadora das masculinidades.

Os feminismos foram e ainda são os maiores mobilizadores de transformação na minha vida. Por eles eu acesso novas reflexões diariamente e ainda encontro rede de apoio para agir e transformar. Por esse motivo, crescia o desejo de compartilhar essas descobertas com outras mulheres e assim talvez elas também conseguissem resgatar em si mesmas a capacidade de transformação. Em 2017, surgiu então a oportunidade de ampliar a partilha das

minhas reflexões e desenvolver um projeto social dentro do *Sistema Socioeducativo*¹ em uma *unidade de internação*² feminina, na cidade de Belo Horizonte. Eu elaborei uma proposta chamada “A construção do Feminismo” para debater a temática de gênero com as adolescentes ali internadas.

Na sequência, no início do ano de 2018, fui convidada para palestrar dentro do circuito de debates do Dia Internacional das Mulheres e falar sobre a violência contra as mulheres em uma *unidade de internação provisória*³ masculina. Essa experiência despertou meu interesse em continuar o diálogo sobre a temática com os homens e assim apresentei um novo projeto de oficinas, contínuas, em uma unidade de internação masculina, que foi intitulado “A desconstrução do seu machismo”. Logo no primeiro encontro deste projeto eu fui mobilizada a mudar o enfoque das discussões. Durante os debates era comum apontarem algumas mulheres como responsáveis por sua própria violência, pois para muitos deles elas eram *piranhas* e *putas*⁴. Isso ocorria principalmente quando identificavam que elas andavam com roupas muito curtas, quando dançavam músicas que pareciam desvalorizá-las, ou ainda quando se relacionavam sexualmente com muitos homens. Nós conversávamos sobre a eventual existência de um “papel de homem” e um “papel de mulher” e se poderíamos pensar que ambos se comportavam de acordo com o que socialmente é esperado de cada um/uma. Assim, talvez as meninas que, segundo eles, eram *piranhas* e *putas*, não tivessem realmente uma escolha, já que os papéis sociais que lhe eram atribuídos muitas vezes passavam pela

¹ O Sistema Socioeducativo é o conjunto de instituições que integram as políticas públicas destinadas à implementação e o cumprimento de medidas socioeducativas. A Lei nº 8.069/90 instituiu o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), onde está previsto que comete ato infracional o/a menor de 18 anos que pratica conduta descrita como crime, devendo a ele/a ser aplicada uma medida socioeducativa. A Lei nº 12.594/12 instituiu o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE), que regulamenta a execução de medidas socioeducativas e cujos princípios são aplicáveis a todas as políticas públicas e programas de atendimento ao/a adolescente em conflito com a lei, em âmbito estadual, municipal e distrital. Em Minas Gerais, essa política é executada pela Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública (SEJUSP), que foi criada após uma reforma administrativa promovida pela Lei Estadual nº 23.304, do ano de 2019. Disponível em: <<http://www.seguranca.mg.gov.br/sobre/institucional/apresentacao>>. Acesso em: 02 set. 2021.

² Locais físicos onde são internados/as adolescentes para cumprimento de medida socioeducativa, conforme previsão do artigo 112, inciso VI do ECA. A internação é a mais severa das medidas socioeducativas e o local é comumente chamado e comparado à *cadeia* pelos/as internos/as e pessoas envolvidas nesse contexto.

³ Unidade de internação onde o/a adolescente apreendido/a por ordem judicial ou em flagrante de ato infracional permanece pelo prazo de até 45 dias (art. 183 do ECA), aguardando as providências de órgãos do Poder Judiciário: o representante do Ministério Público (MP), que poderá arquivar os autos, conceder a remissão ou representar à autoridade judiciária para aplicação de medida socioeducativa adequada (art. 180, I, II, III do ECA); o/a juiz/a é quem pode homologar os casos de arquivamento e remissão ou encaminhar à Procuradoria Geral de Justiça em caso de discordância (art. 181, § 1º e 2º do ECA). Havendo representação, a autoridade judiciária designa audiência de apresentação do adolescente e deve decidir nessa audiência sobre a manutenção da internação (art. 184 do ECA).

⁴ Os termos em itálico extraídos das falas dos participantes fazem parte do “Vocabulário Bravíssimo”, que estão explicados e listados no respectivo glossário.

nudez, pela subordinação e pela dependência econômica face aos homens. Em determinado momento, um adolescente intercedeu dizendo: “Fessora, todo mundo tem escolha. Nós aqui, por exemplo, escolheu ser bandido”.

A fala do adolescente permitiu que eu me desse conta, talvez pela primeira vez, da existência cultural daqueles homens. Ele deslocou o foco das minhas reflexões para *os homens* e novas questões se instalaram: afinal, que *escolha*⁵ é essa? Quais elementos estruturais contribuem para a sua existência? Em que momento e em que condições essa escolha acontece? Que adesão, mais ou menos reflexiva, ela provoca nos adolescentes? Será que “escolher” ser *bandido* é uma escolha “de homem”? Afinal, será que “homem é assim”?

O primeiro passo no redirecionamento temático do trabalho foi buscar os índices da violência no Brasil, para conhecer o que a literatura especializada apresentava. Foram consultados o *Atlas da Violência*⁶ e o *Levantamento Anual do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo* (SINASE)⁷, disponibilizados no ano de 2019 e o *Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias* (Infopen)⁸, atualizado até junho de 2017. Estes

⁵ A palavra escolha e suas derivações entre aspas é tanto o respeito à autonomia dos adolescentes participantes da pesquisa, que de maneira crítica ou não, em sua totalidade afirmam que entrar para o crime é uma escolha, quanto a minha percepção de pesquisadora, de que essa “escolha” não é algo tão livre e consciente quanto pode parecer.

⁶ Documento oficial elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, anualmente. O atlas de 2019 se refere aos dados de 2017. Optei por utilizar esta referência temporal porque é o primeiro atlas no qual eu aprofundei minha análise, e também porque nos últimos anos houve uma notável deterioração na qualidade dos registros oficiais, que foi apontada expressamente no Atlas da Violência de 2021. Exemplo disso é que o documento atual aponta uma incompatibilidade entre os dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade do Ministério da Saúde (SIM/MS) e os dados publicados no “Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020” (FBSP, 2020), que tem como fonte os boletins de ocorrência produzidos pelas Polícias Cíveis (BRASIL, 2021, p. 11). Este mesmo documento apresenta uma incompatibilidade entre a taxa de homicídios totais — que teria se reduzido — e a taxa de Mortes Violentas por Causa Indeterminada (MVCI) — que teria aumentado — entre os anos de 2014 a 2019 (BRASIL, 2021, p. 12). Neste cenário de sucateamento das instituições de pesquisa, eu sequer consegui acessar o Atlas da Violência de 2021 pelo site do Governo Federal (via Ipea), e sim pelo site do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, que é uma instituição do terceiro setor. Disponíveis em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>> e <<https://forumseguranca.org.br/atlas-da-violencia/>>. Acesso em: 02 set. 2021.

⁷ Documento oficial do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos e suas coordenações. O documento disponibilizado em 2019 se refere ao ano de 2017 e será utilizado como parâmetro, acompanhando o lapso temporal do Atlas da Violência. O último Levantamento publicado foi o do ano de 2019. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/LevantamentoAnualdoSINASE2017.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2021.

⁸ Documento também oficial, elaborado pelo Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN), do Ministério da Justiça e Segurança Pública. Utilizo a atualização de junho de 2017, acompanhando o lapso temporal do Atlas da Violência e do Levantamento Anual do SINASE. O Infopen era um documento atualizado semestralmente, mas a última atualização disponível no site do Ministério é datada de dezembro de 2019. Além disso, desde junho de 2017 não são mais disponibilizados documentos para download, apenas um painel interativo com informações pouco detalhadas em vista daquelas anteriores. Disponível em: <<http://antigo.depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen/relatorios-sinteticos/infopen-jun-2017-rev-12072019-0721.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2021.

documentos apontam que homens representam mais de 90% das pessoas assassinadas, em cumprimento de medida socioeducativa e encarceradas no Brasil. No sistema socioeducativo a situação é a mais grave, pois homens correspondem a 96% das pessoas em cumprimento de medida socioeducativa e 98,62% das pessoas em cumprimento de medida de internação em Minas Gerais, no ano de 2017 (IPEA, 2019, p. 30). Das 35 unidades socioeducativas do estado, apenas duas são femininas. Naquele ano, eram 1.229 homens e apenas 17 mulheres em cumprimento de medida de internação. Apesar do alarmante quadro, nenhum documento oficial consultado apresenta as masculinidades como objeto de estudo e, sendo assim, tornam distantes as possibilidades de implementação de políticas públicas para prevenção à criminalidade sob esta perspectiva. Em posse dessas informações, as oficinas tomaram outra forma e nós passamos a refletir sobre homens, masculinidades e essa estreita aproximação com a violência.

A intensidade do convívio com esse grupo de adolescentes e a constatação das enormes lacunas existentes nas políticas públicas voltadas para o sistema socioeducativo me mobilizaram a aprofundar sobre o tema, fazendo das masculinidades minha pesquisa feminista. O objetivo geral deste trabalho é contribuir com os estudos que buscam compreender os aspectos estruturais envolvidos na socialização do gênero masculino e sua eventual relação com a violência e a prática de atos infracionais pelas juventudes masculinas, no contexto do sistema socioeducativo. A pesquisa qualitativa foi *suleada*⁹ por uma etnografia feminista, composta por entrevistas individuais de 22 adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação e a elaboração de caderno de campo de dez encontros das oficinas. As oficinas antecedem e permanecem após a realização da pesquisa. Atualmente ela é chamada “Bravíssimo: abandona as ideia e chuta o balde”, e é um dos projetos sociais da “Indômitas Coletiva Feminista”, uma associação sem fins lucrativos criada por mim e outras cinco mulheres, no ano de 2019.

A dissertação é dividida em sete partes: 1) Referencial teórico, que contém também um estado da arte das pesquisas sobre o tema; 2) Procedimentos metodológicos, que incluem relatos sobre as interações da oficina; 3) Apresentação dos participantes da pesquisa e análise dos contextos; 4) Análise das relações estabelecidas entre os participantes e as mulheres; 5) Análise das relações estabelecidas entre homens; 6) Conclusão; e 7) Recurso educativo, que é um caderno com charges de histórias e personagens que surgem nas oficinas, cujos desfechos

⁹ Adoto a palavra *sulear* em oposição à ideologia colonial existente na palavra *nortear* (FREIRE, 1997, p. 12).

propõem novas reflexões sobre as masculinidades e também um futuro longe da criminalidade.

Iniciei esta trajetória acadêmica em 2019 em busca dos “porquês” e, já adiantando aos/às meus/minhas leitores/as o desfecho da pesquisa, finalizei com muitos “talvez”. Inserido no escopo da sociologia utilizei referenciais teóricos e políticos do feminismo para fazer estudos de gênero, com recorte nas masculinidades. Dentre tantas vertentes feministas, encontrei principalmente no feminismo negro da professora estadunidense bell hooks a abertura necessária para incluir os homens. Explorei também as dimensões do conceito de masculinidade hegemônica, revisitado pela socióloga australiana Raewyn Connell e pelo sociólogo norte-americano James W. Messerschmidt. Refleti sobre as dinâmicas das masculinidades hegemônicas e as relações de poder no contexto brasileiro e nossamericano¹⁰ por meio da obra da colombiana Mara Viveros Vigoya, me apoiando também nos estudos sobre as masculinidades negras dos antropólogos brasileiros Rolf Malungo de Souza e Osmundo Pinho, e também da filósofa brasileira Aparecida Sueli Carneiro. Reuni toda essa bagagem teórica e levei para a realidade do sistema socioeducativo, o que foi facilitado pela metodologia feminista encontrada no trabalho da pesquisadora mexicana com residência no Brasil, Jimena de Garay Hernández, onde também descobri mais um desdobramento dos estudos das masculinidades, a masculinidade do bandido, implementado ainda pelos estudos sobre o tema da etnógrafa brasileira Mylene Mizrahi.

Foram dois os meus maiores desafios para realizar esta pesquisa feminista com homens. O primeiro deles foi encontrar formas de tratá-los tanto como sujeitos ativos, que constituem e perpetuam a estrutura de dominação que violenta mulheres e tudo que se entende por feminino, quanto sujeitos passivos que resultam desse processo de construção do dominador. No país onde se mata treze mulheres por dia (IPEA, 2018) e que é campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais (OLIVEIRA, 2020, p. 13), pensar o homem — suas masculinidades e as violências por eles praticadas — como “vítima” ou resultado da estrutura patriarcal que é feita por e para eles, pode parecer uma incoerência. Tratar também como oprimido o opressor da ordem de gênero, utilizando ainda fundamentos e a prática feminista como escopo teórico-filosófico para se pesquisar, caminha em algum momento para

¹⁰ Conceito utilizado pela antropóloga colombiana Mara Viveros Vigoya (2018), dentro de uma perspectiva de estudo pós-colonial, para contrapor o conceito de América Latina. Com esse conceito, a autora reivindica um olhar das américas sobre si mesmas.

uma inversão de valores e prioridades, que se utilizados por pessoas descomprometidas ou mal-intencionadas, pode causar desgastes na militância política feminista.

Porém, esta não é uma pesquisa só sobre homens e sim uma pesquisa que faz parte do projeto de constituição de uma sociedade feminista. A pesquisa feminista sobre masculinidades é também uma pesquisa sobre mulheres, que têm suas vidas diretamente afetadas e até mesmo interrompidas pelas práticas dos homens. Ao me propor compreender por que homens têm maior adesão à criminalidade e a partir daí pensar estratégias para que essa não mais seja uma “escolha” atraente, estou interferindo diretamente na vida de uma mulher. A cada jovem assassinado é uma mãe que enterra seu filho. A cada homem preso é uma esposa passando por humilhações para fazer a visita. A cada feminicídio é uma mulher a menos. São filhos/as ficando sem pai e jovens homens entrando na vida adulta sem referências masculinas próximas que os auxiliem a pensar em trajetórias diversas daquela da criminalidade. Pesquisar homens e como atua o patriarcado na construção de suas masculinidades é então uma das mais urgentes demandas do movimento feminista.

O segundo desafio foi lidar com o abismo existente entre nossas realidades e tentar fazer uma escrita politicamente responsável. *Abismo* é aquilo que divide dois ou mais lados e tentar dar um passo em sua direção é ter certeza da queda, de modo que nunca será possível chegar ao outro lado. Na interação da pesquisa eu caí nesse abismo diversas vezes, pensando ser possível alcançar a realidade dos participantes. São eles jovens homens, majoritariamente negros, periféricos, com baixa escolaridade e em privação de liberdade. Eu sou uma mulher adulta, branca, não periférica, com alta escolaridade e livre. São essas apenas algumas das características que nos distanciam e é impossível nesta dissertação dimensionar o nível das dificuldades enfrentadas por nós (eles e eu) para realizar esta pesquisa. Eu não cheguei ao outro lado, mas construímos um início de ponte, onde é possível enxergá-los melhor. Quando eles falam eu já escuto, mesmo que em volume baixo e com muita interferência dos meus parâmetros e alguns julgamentos. Dessa forma eu me esforcei para localizar cada fala dos participantes, cada contexto, além de trazer informações que possam ampliar as possibilidades de interpretação. Deixei também palavras e expressões próprias da linguagem adotada por eles, ao longo do texto, devidamente explicadas e centralizadas no glossário “Vocabulário Bravíssimo”. Essa foi a forma que eu encontrei de lidar com o meu conflito pessoal, o de escrever um texto em linguagem que meus participantes não conseguiriam ler e entender.

Homem NÃO é assim! Embora meninos e meninas aparentemente sejam submetidos/as a condições semelhantes de vulnerabilidade social, há nesse percurso de

formação da juventude brasileira diferenças determinantes para que a criminalidade seja compreendida como uma “escolha” majoritariamente masculina. Homens não *são*, homens *estão* fazendo “escolhas” dentro de suas realidades específicas, limitados por padrões de gênero que ainda hoje seguem uma lógica binária. Estão ainda fazendo essas “escolhas” inseridos em um modelo de sociedade patriarcal, capitalista, estratificada e racista, que produz uma infinidade de excluídos/as. Por ser uma estrutura construída para poucos/as, sempre será atormentada pelos/as muitos/as. Enquanto essas estruturas existirem, as *juventudes socioeducativo*¹¹ serão sua tormenta, pois são muitos e estão em movimento de reivindicação de existência e reconhecimento.

¹¹ O que entendo por *juventudes socioeducativo* será apresentado no capítulo quatro.

2 REFERENCIAIS TEÓRICOS: MASCULINIDADES, ENTRE HEGEMONIA E SUBALTERNIDADE

(...) a “masculinidade do Bandido” é subalterna, no sentido de dobrar em sujeitos específicos que não têm acesso aos valores hegemônicos e de certa forma os transgridem

(DE GARAY HERNÁNDEZ, 2018, p. 203)

Inserido no escopo da sociologia, utilizo referenciais teóricos e políticos do feminismo para fazer estudos de gênero, com recorte nas masculinidades. Nessa pesquisa, compreendo *gênero* como uma categoria de análise relacional, fruto da produção social que divide homens e mulheres, mas que também estabelece relações de poder e de subalternização entre os próprios homens, precarizando algumas vidas, naturalizando a violência e fazendo da criminalidade um espaço de adesão predominantemente masculina.

Para essa investigação, o conceito de gênero será tratado tal como apresentado pela historiadora norte-americana Joan Scott, para quem “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 2019, p. 73). Ao trazer a socialização dos corpos, feminino e masculino, para o centro das discussões de gênero a autora evidencia a natureza também histórica e política desse conceito, se afastando de premissas essencialistas. Além disso, ao reconhecer gênero como forma primeira de significar relações de poder, traz para a perspectiva o patriarcado, que baseará suas hierarquias na ideia da diferença entre os sexos.

O conceito de patriarcado é algo bastante debatido no campo dos estudos feministas. A socióloga brasileira Heleieth Saffioti faz uma imersão histórica e política no termo, apresentando inclusive algumas críticas à sua utilização. Para a autora, o “*patriarcado*, que, como o próprio nome indica, é o regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens” (SAFFIOTI, 2011, p. 44). Ainda segundo Saffioti, a polissemia desse conceito pode constituir um argumento contrário ao seu uso, mas que colocar o “nome da dominação masculina — *patriarcado* — na sombra significa operar segundo a ideologia patriarcal, que torna *natural* essa dominação-exploração” (SAFFIOTI, 2011, p. 44). A autora defende ainda

que é necessário que se parta desse conceito e também do conceito de gênero para evidenciar o viés histórico e político dessas relações entre homens e mulheres, como fica explícito na passagem a seguir:

A fim de se adentrar este difícil terreno, é preciso que se parta, explicitamente, de um conceito de patriarcado e de um conceito de gênero. Apelar-se-á, no momento, para Hartmann (1979), definindo-se patriarcado como um pacto masculino para garantir a opressão de mulheres. As relações hierárquicas entre os homens, assim como a solidariedade entre eles existente, capacitam a categoria constituída por homens a estabelecer e a manter o controle sobre as mulheres (SAFFIOTI, 2011, p. 104).

Sem exaurir essa discussão, me aproximo deste posicionamento de Saffioti e adoto o referido termo nesta pesquisa. Entendo que nomear essas relações hierárquicas possibilita enxergá-las com mais nitidez e conseqüentemente combatê-las. Bell hooks afirma ainda que o patriarcado é uma outra forma de nomear o sexismo institucionalizado e explora outras dimensões das hierarquias por este sistema produzidas. Afirma ela que *homens* podem ser compreendidos como uma classe política que detém privilégios face às mulheres (HOOKS, 2018, p. 13), mas que *homens* individuais se beneficiam de formas diferentes desse patriarcado supremacista branco e capitalista (HOOKS, 2019, posição 1457 e posição 1832). O feminismo negro defendido por esta autora, dentre diversas outras pautas, busca o equilíbrio entre as lutas das mulheres e o resgate da dignidade dos homens e de suas masculinidades subalternizadas. É a vivência que reconhece as dores, as violências e o caráter dinâmico das relações entre oprimidos/as e opressores/as, mas que também afirma que um homem que ataca as mulheres, e não o sexismo e o capitalismo, é um inimigo das mulheres e de si mesmo, e também um oprimido (HOOKS, 2019, posição 221).

O conceito de masculinidade será utilizado neste trabalho tal como apresentado por Connell e Messerschmidt, para quem a masculinidade é definida “como uma configuração de práticas organizadas em relação à estrutura das relações de gênero” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 259). Sobre essa estrutura das relações de gênero, Connell e a pesquisadora australiana Rebecca Pearse acrescentam:

Acima de tudo, o gênero é uma questão de relações sociais dentro das quais indivíduos e grupos atuam.

A manutenção de padrões amplamente difundidos entre relações sociais é o que a teoria social chama de “estrutura”. Nesse sentido, o gênero deve ser entendido como uma estrutura social. Não é uma expressão da biologia, nem uma dicotomia fixa na

vida ou no caráter humano. É um padrão em nossos arranjos sociais, e as atividades do cotidiano são formatadas por esse padrão (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 47).

Na sociedade ocidental, os padrões de comportamento generificados amplamente difundidos visam a manutenção do poder nas mãos dos homens, que é mantido pelo uso de diversas formas de violência. Embora homens acumulem vantagens patriarcais “eles não compartilham destas vantagens uniformemente, já que há assimetria baseada na classe, raça/etnia religião e, obviamente, orientação” (DE SOUZA, 2013, p. 36). A definição de masculinidade adotada visa sobretudo evidenciar essas assimetrias, sem se desvencilhar do viés político das relações de gênero. No interior dos estudos feministas, a masculinidade pode ser compreendida como um elemento dessa estrutura de gênero e também a partir dos sujeitos que “desfrutaram das vantagens patriarcais, em direção à crítica de sua participação e responsabilidade neste ordenamento de gênero” (VIVEROS VIGOYA, 2018, p. 18).

Os arranjos sociais estruturantes também violentam determinadas masculinidades, subalternizadas, numa tentativa de homogeneização dos parâmetros do que é *ser homem*. Adoto, portanto, o conceito de *masculinidade hegemônica*¹², conceituada e revisitada por Connell e Messerschmidt (2013), que pode ser entendida como modelo normativo de masculinidade que dita formas supostamente mais valorosas de ser homem, possibilitando a dominação dos homens sobre as mulheres, bem como a hierarquia e a dominação de homens sobre outros homens e suas masculinidades, consideradas subordinadas ou subalternas. Adoto ainda o conceito de *masculinidade subalterna*¹³, do autor norte-americano Michael S. Kimmel (1998), como modelo que é produzido simultaneamente às noções de hegemonia.

Em uma sociedade capitalista, as masculinidades hegemônicas são sobretudo políticas econômicas que visam a manutenção do poder e o acúmulo de riquezas nas mãos de poucos homens. Elas reúnem características que são inacessíveis para a maioria, mas a baixa possibilidade reflexiva própria do patriarcado faz com que movimentos transgressores das masculinidades subalternizadas por vezes retroalimentem as práticas e os discursos de subalternização, legitimando as noções de hegemonia, justificando a exploração, o extermínio e encarceramento de homens e suas masculinidades não hegemônicas, como aquelas dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa. Segundo Connell (2013):

¹² Utilizarei nesta pesquisa o termo “masculinidades hegemônicas” no plural, por entender que modelos de hegemonia são elaborados e reproduzidos em contextos específicos e muitas vezes são antagônicos entre si.

¹³ Nesta pesquisa utilizarei o termo “masculinidade subalternizada”, por entender que ela não é uma masculinidade subalterna em si mesma e sim resultado de um processo de deslegitimação e subalternização resultante de processos históricos provocados pelas noções de hegemonia.

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245).

Viveros Vigoya dialoga tanto com o trabalho de Connell quanto expande as possibilidades dos estudos de gênero e masculinidades ao introduzir as experiências coloniais e interseccionais, em especial as relações étnico-raciais na Nossa América. Munida das contribuições de teóricas do *Black Feminism*¹⁴, sobre homens negros nossamericanos, afirma a autora que “os sistemas de escravização, colonialismo e imperialismo não somente recusaram sistematicamente para eles uma posição dominante nas hierarquias de gênero, mas também impuseram formas específicas de terror com o fim de oprimi-los” (VIVEROS VIGOYA, 2018, p. 21).

Os homens negros, os homens nossamericanos, racializados no processo genocida colonizador, foram destituídos de sua humanidade e, por conseguinte, da sua masculinidade. Embora o Brasil e os outros países da Nossa América, como a Colômbia, apresentem contextos nacionais e estruturas racistas distintas, guardam semelhanças entre as posições dos homens negros, sendo suas identidades elaboradas, significadas e ressignificadas em um contexto de extrema violência, conforme afirma Viveros Vigoya:

A relação das masculinidades com as distintas violências – política, socioeconômica, conjugal, de delinquência comum etc. — que marcam a história da Nossa América é um tema ineludível. Elas estão presentes desde o início na fratura imposta pela conquista e pela colonização europeia e, mais tarde, na dominação das classes oligárquicas e na permanência dos regimes militares no poder durante grande parte do século XX. Elas caracterizam também uma realidade contemporânea atravessada pelas guerras e conflitos armados, narcotráfico, crise e recessão econômica e políticas neoliberais. Em resumo, na Nossa América, a construção das identidades masculinas tem se realizado em um contexto de violência histórica, estrutural e cotidiana (VIVEROS VIGOYA, 2018, p. 78).

De Souza afirma que os homens negros são um dos “principais grupos marginalizados pela masculinidade hegemônica, na medida em que estão, simbolicamente, mais distantes dos

¹⁴ Em Português, “Feminismo Negro”. Optei pela utilização da expressão em inglês, acompanhando a forma utilizada pela autora, que destaca a contribuição da intelectual norte-americana bell hooks (2018).

padrões criados e mantidos pelo grupo dominante” (DE SOUZA, 2013, p. 36). Porém, as noções de hegemonia e subalternidade são continuamente elaboradas e reelaboradas dentro das relações sociais e estão inseridas em processos históricos diversos. As masculinidades hegemônicas e subalternizadas não são estáticas. Como afirma Pinho, *o homem* foi reconduzido à diversidade e variação histórica e por isso acessa diferentes masculinidades (PINHO, 2004). São elas definidas dentro de um dinâmico jogo de poder e dominação, frutos do consenso e também da contestação dos/as sujeitos/as sociais. É o que apresenta o autor no seguinte trecho:

Sobre esse aspecto, é preciso destacar dois pontos. Em primeiro lugar, quando se fala de hegemonia e subalternidade, fala-se de processos dinâmicos de construção e reconstrução de hegemonias ou de consensos parciais sobre o sentido das relações sociais, seus significados e práticas instituintes. Ou seja, *hegemônicos* e *subalternos* não estão definidos essencialmente, mas sim como sujeitos políticos engajados em jogos de poder e dominação que ocorrem em contextos sociais estruturados, porém abertos à inovação. Isso implica, em segundo lugar, a consideração de hegemonias regionais — por exemplo, ligadas à vida doméstica ou ao exercício da sexualidade — e um descolamento entre sujeitos sociais de gênero e estruturas de gênero. Em outros termos, um indivíduo masculino pode apresentar uma posição hegemônica em dada situação e, em outra, estar colocado em situação subordinada. Isso é muito importante para entender como se produzem e sustentam identidades masculinas subalternas como um lugar da contradição entre sistemas de poder diferentes — a estrutura das classes, o sistema dimórfico dos gêneros, as práticas e discursos racializantes — que, ao se combinarem interseccionalmente, produzem novas diferenças, desigualdades e vulnerabilidades. Se essa intersecção é também capaz de produzir sujeitos para emancipação é outra questão (PINHO, 2004, p. 65).

Para os homens negros, historicamente alijados de acesso a bens materiais e simbólicos que são concentrados pelos grupos dominantes, é particularmente necessário um esforço demasiadamente árduo para acessar modelos hegemônicos de masculinidade. Connell e Messerschmidt (2013) demonstraram que os padrões particulares de agressão não seriam um efeito mecânico da masculinidade hegemônica, mas sim de uma busca pela hegemonia. Porém, pensar o grupo de participantes desta pesquisa, composto por 78% de homens pretos e pardos, ou, ainda, pensar sobre a situação prisional brasileira, os índices de violência letal, a fome e a miséria, ou qualquer outro índice que exprima uma situação de vulnerabilidade social, é constatar o predomínio da população preta e parda na condição de vítimas de um perverso sistema estrutural que produz inúmeras desigualdades. Pensar os homens desse

contexto de pesquisa, a masculinidade do *bandido*¹⁵ — ora subalterna, ora hegemônica — é mais que compreender seus esforços para acessar bens hegemônicos e o poder simbólico, é também compreender seus esforços para emergir enquanto pessoas.

Quando se é um jovem homem negro, pobre e periférico, não corresponder a um modelo hegemônico de masculinidade pode representar muitas vezes não existir social e culturalmente. Quedar-se inerte diante dessa situação é talvez viver marcado por uma subalternização quase que perpétua. Qualquer movimento de afirmação de identidade que tensione as estruturas dominantes é um movimento transgressor, ainda que, muitas vezes, acrítico ou não-intencional, não reflexivo. Sendo assim, ser *bandido* é *ser* algo, é ser alguém na vida, é uma forma de existir, de emergir enquanto pessoa masculina. De Garay Hernández, em uma pesquisa cartográfica realizada dentro do sistema socioeducativo masculino do Rio de Janeiro, identifica o bandido como uma forma legítima de ser homem e a passagem pelo sistema socioeducativo uma parte da trajetória de constituição da sua masculinidade (DE GARAY HERNÁNDEZ, 2018).

A análise dos dados da presente pesquisa me levou a concluir que, além das várias vulnerabilidades sociais a que estão submetidos os participantes, em muitos casos, o envolvimento com a criminalidade decorre também da busca por uma masculinidade que estes homens entendem como mais valorizada ou que possa produzir algum tipo de rendimento social, pois ela contém características que são legitimadas e até exaltadas por toda sociedade, como a exibição do dinheiro e das mulheres, compondo a imagem do indivíduo. A interação dos pesquisados com o dinheiro e com as mulheres será refletida, principalmente, a partir do trabalho etnográfico da autora brasileira Mylene Mizrahi, quando esta explora suas dimensões de adornos, que vão compor a imagem do homem do funk, e também do trabalho sobre gênero, raça e ascensão social de Sueli Carneiro.

¹⁵ Adoto a expressão popular *bandido* pois verifico que o termo foi apropriado pelos adolescentes, sendo ainda ressignificado e transformado em uma forma valorosa de ser homem. O termo é constantemente utilizado como objeto de disputa e hierarquia entre homens e masculinidades, onde o melhor e mais respeitado homem pode também ser o melhor e mais respeitado bandido.

2.1 Estado da Arte: estudos sobre masculinidades, criminalidade, sistema socioeducativo e violência

Em 2017 o Brasil atingiu o maior nível histórico de letalidade violenta intencional (IPEA, 2019), uma realidade que evidenciou também a quase unanimidade da participação masculina nesse panorama. Apesar disso, a produção de estudos sobre criminalidade, ato infracional e violência, quando associada aos recortes de gênero e de masculinidades, talvez ainda se apresente bastante modesta. Foi possível perceber tanto pela ausência de pesquisas, como a partir da análise daquelas poucas encontradas nesse estado da arte, que há uma naturalização da violência como algo próprio do que se entende por masculino. Por esse motivo, é provável que o campo não esteja recebendo a devida atenção que merece, seja por parte da comunidade científica, seja por parte das políticas públicas, ou mesmo ainda por parte da sociedade em geral.

A presente pesquisa do estado da arte foi realizada na plataforma da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), onde estão cadastrados os trabalhos científicos produzidos em Universidades públicas e privadas do Brasil. Embora essa dissertação de Mestrado tenha como recorte específico de pesquisa as masculinidades de adolescentes homens do sistema socioeducativo, não foi possível restringir as chaves de busca na plataforma, pois foram raríssimos os resultados encontrados. Dessa maneira, realizei buscas com diversas chaves de entrada, com intuito de identificar e analisar o panorama geral das pesquisas científicas nesse campo.

Tendo como marco histórico a letalidade do ano de 2017, as pesquisas foram delimitadas ao período compreendido entre 2015 e 2019. A primeira chave de busca utilizada foi “criminalidade”, com 1.007 resultados no período. A busca por “criminalidade *AND* gênero”¹⁶ reduziu os resultados para 88. A leitura dos títulos e dos resumos desses trabalhos demonstrou que a inserção da palavra *gênero* servia principalmente para elucidar a crescente participação feminina na criminalidade e as suas particularidades. Cerca de 50% dos trabalhos tem no título uma das seguintes palavras: mulher, mulheres, feminino, feminina, encarcerada, presidiárias, maternidade, mãe, adolescentes. A outra metade não necessariamente se detém

¹⁶ Conforme informação da própria plataforma “*AND* funciona como a palavra ‘e’, fornecendo a intercessão, ou seja, mostra apenas os registros que contenham todas as palavras digitadas, restringindo a amplitude da pesquisa” (CAPES, 2019).

na análise sobre homens, ou masculinidades. Em sua maioria “homens” se refere apenas aos sujeitos dentro do objeto de pesquisa “criminalidade” e em nenhum dos trabalhos aparecem referências específicas do masculino, no título.

Talvez esse primeiro resultado sirva como uma demonstração do que Beauvoir (2009) entendeu por ser *Universal*, sendo *o Outro*, ou *a Outra*, colocado/a em perspectiva de análise de gênero. Os estudos sobre os homens ainda hoje se confundem com a percepção da própria humanidade. Por muito tempo o termo *homens* sequer foi tematizado como relacionado aos sujeitos detentores de um gênero (CONNELL, 2016, p. 159). E mesmo com o crescente avanço dos estudos feministas, o termo *homens* continua sendo utilizado para fazer referência à universalidade. Dessa forma, o reconhecimento do gênero como uma categoria útil de análise (SCOTT, 2019) não tem alcançado as masculinidades, o que dificulta o rompimento com teorias essencialistas e, por conseguinte, favorece a criação de resistência aos avanços desse campo de pesquisa e igualmente das políticas públicas de enfrentamento à violência e à criminalidade.

Na segunda etapa das buscas, o objetivo foi encontrar produções acadêmicas que tivessem como objeto de análise as masculinidades e a eventual relação com a criminalidade, ou ato infracional, ou o sistema socioeducativo, ou a medida socioeducativa, ou ainda, menos específica que as anteriores, a violência. Nessa etapa não foi feita restrição temporal, sendo utilizadas as seguintes chaves de entradas e encontrados os seguintes resultados: 1) “masculinidade AND criminalidade” (5 resultados); 2) “masculinidades AND criminalidade” (5 resultados); 3) “masculinidade AND infracional” (4 resultados); 4) “masculinidades AND infracional” (1 resultado); 5) “masculinidade AND violência” (207 resultados); 6) “masculinidades AND violência” (128 resultados); 7) “masculinidade AND socioeducativo” (4 resultados); 8) “masculinidades AND socioeducativo” (1 resultado); 9) “masculinidade AND socioeducativa” (5 resultados); 10) “masculinidades AND socioeducativa” (2 resultados).

Foi necessário fazer uso dos termos “masculinidade” e “masculinidades”, tanto no singular como no plural, tendo em vista que ambas as palavras eram utilizadas em trabalhos diferentes, e todos eles são importantes para a composição do estado da arte. Na análise conjunta dessas chaves de busca, desconsiderando as possíveis repetições entre elas, foram encontradas apenas cinco pesquisas de 1997 a 2000. A partir do ano de 2001, a cada cinco anos o número de pesquisas praticamente dobra em relação ao período anterior. De 2016 a 2019 foram registrados 186 trabalhos e 2018 foi o ano com o maior número de produções

cadastradas, 81 total, ocorrendo uma queda em 2019, quando apenas 38 produções puderam ser mapeadas.

A maioria das produções encontradas foi composta por dissertações de Mestrado (251), seguida das teses de Doutorado (115) e de dissertações de Mestrado Profissional (10). Um importante dado é que não foram encontradas teses de Doutorado com as chaves de busca 3 e 4 (*infracional*), 9 e 10 (*socioeducativa*) e apenas uma tese de Doutorado foi encontrada a partir das chaves 7 e 8 (*socioeducativo*). Apesar disso, essa tese se refere ao estudo de um grupo socioeducativo de autores de violência contra as mulheres, mas não ao sistema socioeducativo em específico. Talvez seja oportuno afirmar, com base no conjunto do material analisado, que por mais que se verifique um aumento das pesquisas na área de estudos sobre as masculinidades, a criminalidade e/ou a violência, o sistema socioeducativo e as juventudes que compõem esse sistema ainda não estejam, em plenitude, sendo alcançadas pelo interesse da Academia.

Os resultados encontrados nas chaves 1 e 2, 3 e 4, 7 e 8, 9 e 10 são pouco representativos, do ponto de vista numérico e, por isso, não foram aplicados outros filtros para uma seleção mais apurada. Além disso, termos como “criminalidade”, “infracional”, “socioeducativo”, “socioeducativa” foram palavras utilizadas conjuntamente em vários trabalhos, sendo nesta pesquisa separados como estratégia de busca. Excluídos então os trabalhos repetidos, as buscas apresentam 17 resultados, nas grandes áreas de conhecimento: Ciências Humanas (12), Ciências Sociais Aplicadas (3), Multidisciplinar (1), Linguística, Letras e Artes (1).

Para análise e categorização dos dados, optei pela área de conhecimento de cada trabalho, cadastrada na própria busca no site da CAPES: Psicologia (5), Sociologia (4), História (2), Comunicação (2), Antropologia (1), Serviço Social (1), Sociais e Humanidades (1), Linguística (1). Um dos trabalhos cadastrados na área de Psicologia não estava disponível, na data da produção do estado da arte, na plataforma CAPES. A busca por outro meio de divulgação do trabalho restou frustrada e, portanto, foi retirada da análise final.

Tabela 1: Produções sobre masculinidade(s) e criminalidade, masculinidade(s) e infracional, masculinidade(s) e socioeducativo, masculinidade(s) e socioeducativa, chaves de busca 1 e 2, 3 e 4, 7 e 8, 9 e 10

Categoria	Descrição	Referências
Psicologia	1.A crise da masculinidade no contexto contemporâneo e como novas configurações de paternidade impactam as crianças. Nesse trabalho há apenas menção à criminalidade, como uma característica negativa geralmente associada à	BERNABÉ (2018); BERTOL (2010);

	<p>masculinidade, mas não faz parte do escopo teórico do trabalho; 2. Investigação psicanalítica sobre a inscrição subjetiva que adolescentes autores de atos infracionais produzem acerca da Lei; 3. Investigação da subjetividade a partir dos sentidos produzidos por educadores da cultura hip-hop em trabalho desenvolvido no sistema socioeducativo. Nesse trabalho a masculinidade é citada como característica questionada nos sujeitos da pesquisa, mas não é uma categoria de análise; 4. Cartografia das diferentes masculinidades, realizada a partir de encontros e experiências da pesquisadora com os jovens em cumprimento de medida socioeducativas, perpassando também pela problematização do encarceramento da juventude negra, pobre e do gênero masculino.</p>	<p>CASTRO (2015); VIANA (2016)</p>
Sociologia	<p>1. Abordagem da construção dos projetos de futuro de jovens da socioeducação em meio aberto. Aqui a masculinidade é apenas citada como uma característica que honra o sujeito, mas não é uma categoria de análise; 2. Estudo sobre a as diferenças de gênero e a criminalidade, partindo a análise das mulheres nas redes de comercialização de drogas ilegais. Nesse trabalho a masculinidade não é uma categoria de análise, sendo utilizada apenas como comparativo feminino/masculino; 3. Pesquisa que visa identificar como jovens homens negros constroem seus projetos de vida e suas identidades masculinas. Embora tenha tido acesso ao resumo, não foi localizado o trabalho para melhor análise; 4. Sociabilidades, os conflitos intersubjetivos, construção social das masculinidades, entre adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa na cidade de Vitória-ES.</p>	<p>ARAUJO (2019); KOERICH (2018); OLIVEIRA (2018); SENA (2015)</p>
História	<p>1. Trabalhos sobre o adultério feminino na Paraíba nos anos 1920 e 1930, e os discursos que dão visibilidade às práticas de infidelidade diante do surgimento de formas modernas de sociabilidades. A masculinidade não é uma categoria de análise, servindo apenas como modelo histórico, assim como feminilidade; 2. Trabalho que analisa o cenário sociocultural do consumo de substâncias psicoativas por homens e as relações com a violência contra as mulheres.</p>	<p>CIPRIANO (2002); COSTA (2012)</p>
Comunicação	<p>1. Trabalhos que analisam a performance do apresentador do telejornal policial Cidade Alerta, Marcelo Rezende. Aqui a masculinidade é apenas mencionada como uma característica de constante afirmação pelo sujeito, mas não uma categoria de análise; e 2. Análise de filmes de casais de foras da lei e as relações de poder entre a masculinidade e a feminilidade.</p>	<p>SANTOS (2018) e SOUZA (2018)</p>
Antropologia	<p>1. Trabalho que analisa as interfaces de criminalidade e identidade masculina entre homens jovens em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto, análise dos seus discursos, partindo da concepção de que, além da pobreza,</p>	<p>OLIVEIRA (2006)</p>

	existem outras questões envolvidas nas atitudes ilícitas destes jovens, inclusive gênero.	
Serviço Social	1.Trabalho de investigação do exercício da sexualidade dos jovens autores de ato infracional no município de Mossoró-RN.	MOURA (2019)
Sociais e Humanidades	1.Trabalho de análise das implicações de gênero dentro do sistema prisional feminino, diante da ausência de unidades prisionais destinadas especificamente às mulheres. O trabalho apenas menciona masculinidade como contraponto da feminilidade.	BUGAI (2018)
Linguística	1.Trabalho de análise dos discursos de sessão de grupo socioeducativo para homens que praticaram violência contra mulher e como se articula com os processos de (re)construção de masculinidades. Tal trabalho não guarda correlação com o sistema socioeducativo.	SOARES (2018)

Os resultados das buscas com as chaves “masculinidade(s)” e “violência” tenderam a aumentar significativamente se comparadas às chaves anteriores, 335 resultados no total, desconsiderando-se a possível repetição entre elas. Quando comparada à busca por “feminilidade(s)” e “violência”, também foi possível verificar uma significativa diferença, na medida em que foram encontrados 97 resultados. Uma leitura inicial apenas dos títulos desses trabalhos, demonstrou que “feminilidade(s)” esteve majoritariamente associada às mulheres enquanto vítimas da violência masculina, e não como sua causadora direta. Da leitura dos títulos ficou evidenciado o protagonismo violento das mulheres em apenas quatro trabalhos, com os seguintes temas: subjetividade das mães negligentes na assistência social (RENA, 2012); narrativa de meninas autoras de atos infracionais (OTTO, 2017); análise dos discursos dos homens violentados por mulheres (JUNIOR, 2011); e estudo sobre feminilidades de mulheres acusadas de homicídio (JESUS, 2017).

Para a busca com as chaves de leitura 5 e 6 delimitar os trabalhos publicados a partir do ano de 2015, encontrando 177 resultados no total. As grandes áreas desses trabalhos se encontravam divididas da seguinte forma: Ciências Humanas (90), Multidisciplinar (27), Ciências da Saúde (20), Ciências Sociais Aplicadas (21), Linguística, Letras e Artes (17), que se subdividiam em aproximadamente 30 áreas de conhecimento. Procedi então à verificação dos trabalhos, eliminando aqueles que se repetiam entre as chaves de busca, bem como aqueles em que as masculinidades não possuíam relação direta com o objeto desta pesquisa, o que resultou finalmente em 106 trabalhos.

Embora o número de trabalhos encontrados nessas chaves seja maior, alguns temas foram muito recorrentes, como a violência praticada contra mulheres (48 trabalhos). Foi

possível verificar também que na maioria dos resultados encontrados, os homens são citados como sujeitos que praticam violência, mas essa violência não é analisada sobre a perspectiva de gênero como uma matriz de poder. Menos de 20% desses trabalhos entrelaçam as masculinidades e a violência.

Para elaborar os critérios de categorização das produções encontradas, foram analisados os resumos, a área de conhecimento, os textos, na íntegra ou em parte, com destaque para a adoção do referencial teórico de cada trabalho. As categorias criadas a partir de então podem ser apresentadas, na ordem decrescente de incidência, da seguinte maneira:

1. Violência contra mulher. Investigações cujas pesquisas partiram da violência doméstica e familiar contra as mulheres, a violência conjugal, o feminicídio, no contexto da Lei Maria da Penha¹⁷, ou fora dela;

2. Vulnerabilidade masculina: Estudos que se dedicaram ao entrelaçamento da prática de atos violentos e as masculinidades, além da prática de violência sexual contra meninos. Esta foi a categoria que guardou maior proximidade com a temática desta pesquisa;

3. Modelos de masculinidades: Pesquisas que se propuseram a construir reflexões sobre modelos de masculinidades elaborados pela mídia, pela publicidade, por livros, filmes e/ou personagens históricos;

4. LGBTQIA+: Análises construídas a partir da homossexualidade e da transexualidade;

5. Homens, esportes e torcidas: Contribuições que analisaram a atuação masculina em setores desportivos;

6. Gênero e Escola: Estudos que apresentaram a temática da socialização de gênero na escola com destaque para conteúdos educativos e/ou pedagógicos;

7. “Outros trabalhos”. Produções que não tiveram enquadramento em nenhuma temática e que foram desenvolvidas em contextos bastante específicos, tais como os campos da religiosidade, da paternidade e saúde masculina.

Tabela 2: produções sobre masculinidade(s) e violência, chaves de busca 5 e 6

Categoria	Descrição	Referências
1.Violência contra mulher	Trabalhos que se dedicam principalmente à compreensão da violência contra mulher, sob	AKUTSU (2017); ALMEIDA

¹⁷ BRASIL, 2006. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, que cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher.

(48 trabalhos)	a perspectiva do agressor, a produção de sentidos, seus discursos e o contexto patriarcal que estão inseridos. Contudo alguns trabalhos são produzidos a partir da narrativa das mulheres dentro de programas de atendimento à mulher em situação de violência. É grande também a incidência de trabalhos produzidos a partir de grupos reflexivos de homens, ou no contexto de processos criminais. Alguns trabalhos se dedicam à análise dos papéis de gênero e da violência que se desenvolve dentro dos relacionamentos amorosos. Foi encontrado um trabalho que trata da violência contra a criança. A maioria dos trabalhos deste grupo é da área da Psicologia, seguido da Sociologia, Ciências da Saúde e Enfermagem, e Direito.	(2016); ALVES (2019); BATISTA (2018); BILLAND (2016); BILLERBECK (2018); BRANCAGLIONI (2016); BRASCO (2018); CARDOSO (2018); CARRARO (2019), DANTAS (2017); FERRARI (2016); FERREIRA (2017); FONSECA (2019); FORNARI (2019); GARCIA (2018); GIRALDI (2016); GNOATO (2017); GONÇALVES (2019); GUIMARAES (2015); LEITE (2017); LIMA (2019); LOPES (2015); MARCH (2015); MASCHIO (2016); MEQUE (2016); MISTURA (2015); MORAES (2016); MORAES (2018); OLIVEIRA (2016); OLIVEIRA (2018); OSHIRO (2017); PAIXÃO (2016); RIBEIRO (2017); SANTOS (2018); SANTOS (2018); SCOTT (2018); SILVA (2016); SILVA (2019); SOARES (2015); SOARES (2018); SOUSA (2016); SOUSA (2017); SOUZA (2015); SPAZIANI (2017); TELES (2018); VERAS (2018); WESTPHAL (2016).
2.Vulnerabilidade e masculina (19 trabalhos)	Trabalhos que se situam no campo dos estudos feministas e discorrem sobre a construção social das masculinidades em vários contextos: periferias, presídios, população de rua, exército, escola,	ARNO (2015); BURBULHAN (2015); CARVALHO (2015); FELIPPE (2016); FERREIRA (2019);

	<p>prostituição, raps, legislações, artigos acadêmicos, partindo da análise da formação dos discursos dos sujeitos e suas subjetividades. Além desses, são destacados trabalhos de pesquisa sobre a violência sexual praticada contra meninos. A grande maioria dos trabalhos parece reconhecer a violência como um resultado da socialização masculina, lutando contra uma visão essencialista de gênero. Perpassa pela maioria deles, de maneira mais ou menos acentuada, discussões sobre racismo, masculinidades negras, principalmente nas pesquisas com propostas decoloniais. Na quase unanimidade dos trabalhos identifiquei referenciais teóricos da sociologia, como CONNELL (1995) e CONNELL; MESSERSCHIMIDT (2013) e a utilização do conceito de “masculinidade hegemônica”. Nesse grupo não há concentração de áreas de conhecimento, se dividindo entre História, Sociologia, Psicologia, Saúde, Direito, Serviço Social, Geografia e Relações Internacionais.</p>	<p>GOMES (2018); GRACIA (2018); HOHENDORFF (2016); MOORE (2015); MOORE (2016); OLIVEIRA (2017); OLIVEIRA (2018); PACHECO (2019); PINHEIRO (2018); SILVA (2017); SOARES (2019); SOUZA (2015); SOUZA (2017); VARELA (2016)</p>
3. Modelos de masculinidades (14 trabalhos)	<p>Trabalhos que apontam como os modelos de masculinidades elaborados pela mídia, publicidade, livros, filmes e personagens históricos contribuem para a formação das identidades masculinas e, em alguns casos, legitimando a prática da violência. São utilizadas como parâmetros de pesquisa as telenovelas, o programa “Malhação”, filmes de Beto Brant, o filme <i>Táxi Driver</i>, os de cowboys de Clint Eastwood e <i>Sniper Americano</i>, os livros <i>A Varanda do Frangipani</i> e <i>Feliz Ano Novo</i>, textos de Lygia Bojunga e Lya Luft, a imprensa do Maranhão na 1ª República, políticas públicas voltadas para saúde masculina. Além disso, há a influência de personagens como Matryoshka Putina e Nagisa Oshima. Nem todos os trabalhos desse grupo trazem a violência como tema, muitas vezes ela é só citada. Esses trabalhos estão cadastrados principalmente na área de conhecimento Letras, seguido pela História.</p>	<p>CAMARGO (2018); CAMPBELL (2015); DUTRA (2015); LIMA (2018); MAGALHÃES (2019); OLIVEIRA (2017); PEREIRA (2017); PEREIRA (2018); RIBEIRO (2018); REIS (2018); ROSA (2018); SANTOS (2019); STACUL (2016); TINEN (2018)</p>
4. LGBTQIA+ (9 trabalhos)	<p>Trabalhos voltados para os estudos da homossexualidade e também das transexualidades. Nesse grupo há um grande</p>	<p>BRAGA (2017); KELLER (2016); LEMOS (2017);</p>

	número de trabalhos sobre a violência contra a população trans, homofobia e violência de parceiro homoafetivo. A maioria deles está localizada na área de Ciências da Saúde, seguido de Antropologia, Sociologia, Estudos Culturais e Direito, com o mesmo número de trabalhos.	MACIEL (2018); MOREIRA (2017); PODESTA (2018); SILVA (2016); SILVA (2017); VILLA (2017)
5.Homens, esportes e torcidas (6 trabalhos)	Trabalhos que analisam a cultura das masculinidades no contexto das lutas (MMA, Boxe e Jiu-jítsu). Além desses, outros trabalhos que discorrem sobre a formação de torcidas organizadas e suas práticas violentas. Também nesse grupo não há maior incidência de área de conhecimento, estando divididos entre Sociologia, Antropologia, Saúde, Educação e Educação Física.	ALMEIDA (2016); BAGNI (2015); RIGHETO (2016); MALTEZ (2018); FERREIRA (2016); SOARES (2018)
6.Gênero, Pedagogia e Escola (6 trabalhos)	Trabalhos dedicados ao estudo das relações de gênero na escola e fora dela, que buscam compreender como masculinidades são construídas com base em projetos sociais, políticos e também pedagógicos. Parte desses trabalhos se dedica à identificação dos marcadores de gênero na educação infantil, embora a maioria se localize na adolescência. Esses trabalhos são desenvolvidos na área da Educação.	CORDEIRO (2017); FRANCA (2018); GUERRA (2015); MACEDO (2017); SANTOS (2018); SILVA (2017)
7.Outros (4 trabalhos)	Trabalhos não enquadrados nas categorias anteriores, que se dedicam ao estudo da construção social das masculinidades em diferentes contextos: representações masculinas e violência em uma pastoral amazônica; análise da participação masculina e o abortamento entre casais; homens e atenção primária e autocuidado.	CASTRO (2018); COSTA (2019); NEVES (2017); SILVA (2017)

Parece evidente uma lacuna de investimentos em pesquisas, em todas as áreas de conhecimento, dedicadas à compreensão sobre o fenômeno da criminalidade e da prática de atos infracionais sob a ótica de gênero e das masculinidades. Da mesma forma, os estudos de gênero e as masculinidades carecem de uma abordagem dedicada à compreensão da adesão masculina à criminalidade e a prática de atos infracionais, como um resultado das relações de gênero construídas *por* e *para* a manutenção de um modelo patriarcal de sociedade. As desigualdades e as vulnerabilidades sociais talvez possam contribuir para a compreensão dos acelerados índices de criminalidade no Brasil, mas não são os únicos fatores explicativos.

Além disso, não explicam a quase unanimidade da participação masculina nesse panorama, seja como vítima, seja como causador.

O patriarcado é um projeto genocida que despreza e vitimiza mulheres apenas por serem mulheres. Mas faz também vítimas entre os seus algozes que, aprisionados a uma ideia de hegemonia masculina, utilizam da violência como prática de manutenção de suas estruturas. A naturalização da ideia de que a violência é uma característica essencialmente masculina, torna as relações sociais entre eles — e também entre eles e elas — determinadas por essa condição, o que compromete a viabilidade de políticas públicas para a prevenção à criminalidade. Rompendo com o essencialismo, talvez seja possível compreender a complexidade dos processos de construção e reconstrução das identidades masculinas. A partir daí, será também possível ampliar o debate sobre a criminalidade, um espaço de adesão predominantemente masculina, o que aparentemente vem sendo ignorado pelas produções científicas mais recentes.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: UMA METODOLOGIA FEMINISTA

O feminismo acadêmico constitui a revolução epistemológica do século vinte (...)

(CASTAÑEDA, 2008, p. 11, tradução minha)

A pesquisa foi suleada por uma metodologia feminista. O surgimento das mulheres como sujeitas epistêmicas se deu mediante mobilização política e social (CASTAÑEDA, 2008,), resultado das diversas frentes de luta feminista. Tal metodologia pressupõe “conhecer a partir das mulheres, conceituadas como sujeitas cognoscentes e cognoscíveis” (CASTAÑEDA, 2008, p. 9, tradução própria), desestabilizando o “sujeito universal produtor de conhecimento” (DE GARAY HERNÁNDEZ, 2017, p. 66). A pesquisa feminista não se separa de seu projeto de construção de uma sociedade pautada na valorização de cada pessoa, de relações coletivas e solidárias, onde não há hierarquia entre gêneros e também entre raça/etnia, classe social, sexualidades etc., fato esse que não afasta a possibilidade de realização de pesquisas sobre homens e masculinidades.

Na Nossa América, os estudos sobre homens e masculinidades foram iniciados por mulheres feministas, que subvertendo a ordem de gênero que pressupõe a universalidade masculina, ressaltaram a necessidade de pensar os homens como seres generificados, questionando seus privilégios (VIVEROS VIGOYA *apud* DE GARAY HERNÁNDEZ, 2017, p. 67-68). Ao se reconhecer gênero como uma categoria relacional, afirmamos que as vidas de homens e mulheres estão necessariamente entrelaçadas, sendo, portanto, possível compreender os mecanismos de perpetuação do machismo, das violências de gênero e da dominação masculina, por meio de metodologias feministas (DE GARAY HERNÁNDEZ, 2017).

Embora eu me aproprie com certa tranquilidade dessa posição, pesquisadora de gênero com recorte em masculinidades, isso não se aplica à totalidade das interações com os participantes da minha pesquisa, mas que por meio da metodologia feminista é possível me posicionar na pesquisa, no tecido social e fazer uma aproximação para uma construção “comum em nossas resistências”. Afirma de Garay Hernández (2017):

Ao considerar novamente que o gênero não é o único dispositivo que produz nossas experiências, outro elemento muito importante é pôr em análise as nossas posições de sujeito no campo. A partir de uma perspectiva metodológica feminista, é importante manter em constante e profunda análise como os participantes, sujeitos dobrados, se relacionam e se produzem conosco, sujeitos/as também dobrados/as, que nos inserimos, participamos e somos capturados/as de formas distintas nas instituições-estabelecimento, instituições-organização e instituições-forma. O fato de sermos reguladas/os de formas diferentes pelos discursos e práticas hegemônicas e cujas resistências também podem ser diferentes, não significa que não possamos construir um comum em nossas resistências (DE GARAY HERNÁNDEZ, 2017, p. 77).

O problema de pesquisa é identificado a partir de dados quantitativos, disponibilizados por órgãos oficiais e já apresentados anteriormente. Diante de números tão expressivos, passei para uma análise qualitativa desse fenômeno, que iniciou com um levantamento bibliográfico sobre o tema. Foram adotadas as seguintes chaves de leitura teórico-interpretativas: 1) estudos feministas de gênero e masculinidades, inseridos no escopo da Sociologia; 2) estudos feministas, relações étnico-raciais, masculinidades negras e nossaamericanas, inseridos no escopo da Antropologia.

O levantamento bibliográfico deu início à pesquisa qualitativa e foi retomado em diversas outras situações demandadas durante a produção, análise, organização de informações e escrita. A coleta foi realizada pelos seguintes meios: 1) elaboração de caderno de campo de dez encontros da oficina “Bravíssimo, abandona as ideia e chuta o balde” e; 2) entrevista individual semiestruturada com 22 adolescentes que cumpriam medida socioeducativa em uma unidade de internação masculina de Belo Horizonte.

3.1 A pesquisa, o limbo institucional e as demandas ético-jurídico-burocráticas

A proposta de pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (COEP/UFMG) e foi autorizada, conforme Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) de nº 27448619.9.0000.5149. Porém, esse caminho foi demasiadamente burocrático e demonstrou o limbo institucional em que o sistema socioeducativo se encontra. Sou da opinião de que o primeiro obstáculo para realizar pesquisas no sistema é acessar pessoas que saibam te orientar sobre os procedimentos e também dispostas a prestar auxílio nos desdobramentos do percurso. Quando eu acessei as primeiras informações institucionais, fui orientada a conseguir uma Carta de Anuência da Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública (SEJUSP), que foi requerida por e-mail,

como parte dos procedimentos internos. A pesquisa foi autorizada e o documento emitido ainda em 2019.

Enquanto eu elaborava os termos e autorizações a serem assinadas — Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, TALE (Anexo 1) e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, TCLE (Anexo 2) —, questioneei a direção da unidade socioeducativa sobre o histórico de pesquisas realizadas ali. A diretora me informou que em trabalhos anteriores — também autorizados pela SEJUSP — fora ela quem assinou os TCLEs, autorizando a participação dos adolescentes que se voluntariassem.

De posse dessa informação, elaborei o TCLE direcionando para a assinatura da diretora da unidade, o que foi negado pelo COEP, ao argumento de que pesquisas realizadas por menores de idade, devem ter o TCLE assinado pelos responsáveis legais. Nesse momento, percebi que as regras gerais da Resolução 466 de 12 de dezembro de 2012 do Ministério da Saúde, que dispõe sobre a realização de pesquisas científicas envolvendo seres humanos, não forneciam alternativas viáveis às particularidades do contexto do sistema socioeducativo. Muitos dos adolescentes e suas famílias estão em situação de vulnerabilidade social. Alguns são do interior do estado, outros não têm responsáveis legais e estavam em trajetória de rua, outros sequer são alfabetizados. Mobilizar um responsável legal para explicar a pesquisa e pedir sua assinatura em um documento, que em nada se relaciona com o cumprimento da medida, inviabilizaria a pesquisa, ou pelo menos reduziria significativamente as amostras. Eu não possuía vínculos com os familiares, nem sequer tinha acesso a seus contatos. Seria necessário o engajamento da equipe técnica socioeducativa para me auxiliar, o que definitivamente não seria enxergado como uma obrigação, pela unidade.

Em resposta ao COEP, informei que esses adolescentes estavam sob tutela do Estado, cuja representante era a diretora da unidade, além das dificuldades específicas do contexto em si. Foi me exigido então um documento que comprovasse expressamente que a diretora possuía poderes para dar essa autorização, o que também poderia ser suprido por uma autorização judicial. Após algumas mobilizações, consegui a autorização pela Vara de Execuções de Medidas Socioeducativas. O projeto foi então aprovado pelo Comitê de Ética e elaborado um TCLE para cada adolescente entrevistado. O documento foi assinado pela diretora da unidade, por mim e meu orientador, sendo uma via entregue a ela e a outra arquivada.

Iniciada a etapa das entrevistas individuais, foram apresentadas as informações da pesquisa contidas no TALE, em linguagem acessível, sendo destacada a presença dos meus

contatos pessoais a cada adolescente. Foi colhida assinatura dos entrevistados e entregue uma via do documento, que após a entrevista era repassado para a equipe pedagógica da unidade, guardado junto aos objetos pessoais dos adolescentes, para serem entregues no momento do desligamento.

Pelo que pude observar, as pesquisas dentro do sistema socioeducativo dependem de uma aproximação muito maior que aquela de pesquisador/a. Hoje tenho a convicção que só foi possível realizá-la da forma prevista porque meu trabalho é anterior ao início da pesquisa. Talvez se eu me apresentasse na unidade simplesmente para pesquisar, eu não conseguiria alinhar as demandas do COEP às possibilidades da unidade socioeducativa.

3.2 Procedimentos específicos: entrevistas individuais e caderno de campo da oficina

No ano de 2020 foram realizadas entrevistas individuais e elaborado caderno de campo de dez encontros sucessivos das oficinas, ou seja, dez semanas. Quando eu consegui autorização para fazer a pesquisa, todos os adolescentes da unidade integravam as oficinas e foram coletivamente convidados para as entrevistas individuais. Todos eles aceitaram e enquanto eu entrevistava esse grupo inicial, outros adolescentes foram inseridos na oficina e individualmente convidados para serem entrevistados também. Eu não restringi o período das entrevistas, sendo elas realizadas de acordo com a disponibilidade dos adolescentes e viabilidade da segurança, até entrevistar todos eles. Ao final de aproximadamente quatro meses, eu tinha 27 entrevistas — de todos adolescentes que permaneceram na unidade por tempo suficiente para sua realização. O intuito de se entrevistar todos os adolescentes daquela unidade socioeducativa, ainda que posteriormente excluídos alguns deles, foi também fazer uma amostra representativa do sistema socioeducativo do estado de Minas Gerais, ou pelo menos da cidade de Belo Horizonte. O caso particular daquela unidade pode ilustrar o geral, como apresentado pela professora brasileira Claudia Fonseca:

Ora, a *representatividade* dos sujeitos pesquisados não é tratada na etnografia da mesma forma que o é em outros ramos das ciências sociais (ZALUAR, 1975; BECKER, 1994). Nas análises usuais destes, os “informantes” são cuidadosamente escolhidos conforme critérios (muitas vezes estatísticos) formulados de antemão; devem ser “representativos” das categorias analíticas (e/ou tipos ideais) usadas na formulação inicial do problema. O particular é usado para ilustrar ou testar alguma afirmação geral (FONSECA, 1999, p. 60).

Das entrevistas realizadas, eu excluí cinco delas, por entender que algumas circunstâncias destoam dos procedimentos aplicados à maioria. A primeira se refere a um adolescente de 14 anos que era paciente da saúde mental. No dia da entrevista ele não estava muito bem e nem disposto a falar, mesmo tendo concordado anteriormente. No início da conversa eu disse a ele que iríamos só conversar e ele me explicaria por que não se sentia bem naquele dia. Apenas no decorrer da conversa é que foi possível iniciar a gravação. Noutra situação, uma entrevista foi iniciada e interrompida para que o adolescente fosse para outra atividade. Antes que pudéssemos marcar a continuação, esse adolescente foi desligado do sistema. Um outro adolescente foi entrevistado, mas não autorizou a gravação. Um dos adolescentes foi entrevistado e somente autorizou a gravação no final da conversa. E, por fim, um dos adolescentes se tornou amigo próximo meu ao ser desligado do sistema. Além da amizade, eu o acompanho em demandas burocráticas, com escola, programa de egressos do sistema, curso de jovem aprendiz. Eu conheci sua casa, sua família e fatos que extrapolam aqueles narrados na entrevista. Embora a proximidade não prejudique o olhar de pesquisa em si, ao contrário, pode até ampliar suas possibilidades, com certeza minha relação de pesquisadora com ele se difere muito da relação com os outros. Seriam análises diferentes sobre um mesmo contexto de pesquisa. Optei por excluí-lo, mas certamente fui transformada por suas histórias e isso também transforma a pesquisadora.

A amostra da pesquisa é composta então de 22 entrevistas, integralmente gravadas, o que corresponde a aproximadamente 30 horas de gravação. Foram elas feitas na forma de um “bate papo”, direcionadas pelo “modelo de entrevista semiestruturado” (Anexo 3), mas não restritas a ele. Após a apresentação e assinatura do TALE, eu pedia a autorização para começar a gravação. A partir daí perguntava o nome completo, a idade e se eles autorizavam a utilização de um nome fictício feminino, para identificá-los na pesquisa. O objetivo desta última pergunta era já fomentar debate sobre o machismo, caso eles se sentissem ofendidos com os codinomes femininos. Contudo, fui positivamente surpreendida pelas respostas, pois 14 deles autorizaram imediatamente, sem um mínimo sinal de incômodo, proferindo palavras e expressões como “claro”, “tranquilo”, “pode uai”. Quatro adolescentes me perguntaram a motivação do codinome feminino e logo depois autorizaram. Quatro deles não autorizaram de forma alguma. No total, 18 adolescentes concordaram e forneceram codinomes femininos para a pesquisa. Contudo, por se tratar de uma pesquisa sobre homens e masculinidades, optei por utilizar nomes fictícios masculinos, que também foram fornecidos pelos participantes. São eles: Alexander, Calvin, Davi, Elias, Fernando, Filipe, Gabriel, Gustavo, João Vitor, Marcelo,

Marcos, Mateus, Matheus, Michael, Miguel, Miguell, Peterson, Raione, Riquelme, Ronaldo, Ryan e Thales.

Passada a identificação pessoal, a pergunta de número um, “o que é ser homem para você?”, abria todas as entrevistas, mas a continuidade foi determinada pelas respostas trazidas pelos entrevistados. Além dessa, as perguntas 5, 6 e 25, “podemos falar sobre o corre?”, “quem te chamou pro corre, como foi isso?” e “o que você mais gosta no corre?”, foram feitas a todos os entrevistados, compondo um quadro geral das circunstâncias do envolvimento com a criminalidade, para aquele grupo. A estratégia principal das entrevistas era deixar o participante falar o que desejasse e, na espontaneidade, os aspectos estruturais da relação entre masculinidades e criminalidade apareciam. Elaborei algumas perguntas que exigiam respostas diretas, para saber a opinião dos adolescentes sobre determinados tipos de masculinidade, como por exemplo, se é um homem de respeito aquele que troca fraldas de seus filhos. Elaborei outras que já no início das entrevistas percebi que não teriam resposta, mas logo entendi que a ausência de resposta é também uma resposta, como “o que é ser homem pra você?”.

Minha atuação não se limitava a fazer perguntas e aguardar respostas, eu também exprimia opiniões além de responder às perguntas sobre minha vida pessoal, o que é extremamente comum na relação construída com os participantes. No que se refere à vida pessoal dos entrevistados, me afastei da abordagem curiosa, temendo tocar em pontos sensíveis, como a relação com pais, mães, filhos, violência doméstica, situação de pobreza e vulnerabilidade social. Naquele momento, a experiência com as oficinas já demonstrara que admitir certas situações, bem como citar a violência de algumas relações familiares, muitas vezes partindo das mães, não são temas facilmente mencionados. Alguns entrevistados falaram abertamente sobre esses temas, sem que eu perguntasse. Contudo, por ter acesso a informações da equipe técnica e administrativa, também identifiquei adolescentes que maquiaram algumas situações, ou omitiram informações pertinentes às dificuldades enfrentadas por eles e suas famílias, se esforçando para passar uma imagem que, na sua visão, seria mais positiva. De maneira geral, temas sensíveis foram explorados apenas quando o próprio adolescente o mencionou, o que também impossibilitou que eu fizesse uma composição exata da situação socioeconômica dos participantes.

No que se refere ao início da adesão à criminalidade, a estrutura do tráfico¹⁸, a dinâmica das práticas dos atos infracionais e das relações sociais dos entrevistados, mostrei bastante interesse e curiosidade. Busquei compreender os adolescentes para além do nosso contato coletivo nas oficinas, seus processos de socialização, como eles construíam e reconstruíam suas identidades masculinas, quais eram as suas referências masculinas, seus ganhos e frustrações, e se tudo isso contribuiu para a sua inserção na criminalidade. Por mais que eu demonstrasse muito interesse nas narrativas pertinentes ao envolvimento com a criminalidade, já conhecendo meus limites emocionais, eu não procurava saber a dimensão da violência dos atos praticados. Eu não perguntava, por exemplo, se estavam envolvidos em crimes que envolviam torturas e execuções, que pelo que narram nas oficinas, é algo comum na dinâmica do tráfico de drogas.

Ainda que não tenham sido feitas todas as perguntas, o modelo de entrevista conduziu o diálogo. Foram todas ouvidas pelo menos até a resposta à pergunta de número 69, “você acha que homens e mulheres podem fazer as mesmas coisas?”, sendo detalhadamente digitadas as informações que atendem às seguintes diretrizes: 1) A construção do contexto socioeconômico do grupo pesquisado (escolaridade, território, família, violências, trabalho, reconhecimento étnico-racial); 2) A trajetória na criminalidade (primeiro contato, motivação, execução da atividade criminosa, histórico de atos infracionais, posições ocupadas dentro da estrutura do crime, remuneração, consumo, relacionamentos interpessoais, conflitos com a lei e com a polícia, envolvimento atual); 3) Noções sobre homens e masculinidades (sexualidade, relacionamentos com as mulheres e relações entre homens e homens). Como as entrevistas não tinham tempo de duração, em poucas ocasiões tive que acelerar para terminá-las. A maior delas durou 02 horas e 47 minutos e a menor durou 59 minutos, discrepância esta decorrente da própria interação dos adolescentes.

Um dos grandes obstáculos enfrentados foi delimitar o que seria tratado nesta pesquisa. Além desse, encontrar formas de identificar e organizar as informações relevantes dentro de mais de 30 horas de gravação. São inúmeras falas e contextos problemáticos, que poderiam ser analisados sobre as mais variadas perspectivas teóricas ligadas às masculinidades. A solução encontrada foi elaborar uma planilha que tinha por objetivo verificar a recorrência de falas e narrativas, assim compreendendo-as como padrões de

¹⁸ Nesta pesquisa a palavra *tráfico* sempre se refere ao comércio de substâncias químicas ilegal, abrangido pela Lei nº 11.343 de 05 de junho de 2019, que institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas (SISNAD).

hegemonia. São mais de 80 subtemas, que foram organizados dentro dos seguintes temas: autorização para codinome feminino, heteroidentificação étnico-racial, se já pensou sobre o que é ser homem, idade, escola, identidade, o *corre*, cargos, lucro médio, consumo, patrão/gerente, mulheres, os prazeres associados ao *corre*, a escolha, dinheiro fácil, dinheiro ruim, atos infracionais e atos não denunciados, sentir, armas, polícias. Aqueles temas que mais se destacaram foram então selecionados para análise.

Assim, as informações contidas na planilha foram utilizadas para: 1) traçar o perfil socioeconômico dos participantes, que está contido no capítulo “*Juventudes socioeducativo: homens que “escolhem” o corre*”; 2) apresentar o que seriam os discursos hegemônicos dentro das relações com as mulheres, contidas no capítulo “Eles e Elas: o binarismo como ponto de partida”; e 3) apresentar o que seriam os discursos hegemônicos dentro das relações com outros homens, contidas no capítulo “Eles e Eles: a hegemonia e a subalternidade do bandido”.

Os caminhos de adesão à criminalidade e as noções de prazer ligadas a este envolvimento têm narrativas muito similares. Concentrei então a análise nas respostas à pergunta de número 25, “o que você mais gosta no corre?”. O dinheiro e o consumo como desdobramento do dinheiro apareceram em 19 narrativas. As relações com as mulheres e o dinheiro como ferramenta necessária para se relacionar com as mulheres apareceram em 16. Concentrei também a análise nas perguntas de 1 a 4, “o que é ser homem pra você?”, “como deve ser um homem pra você?”, “o que ele faz, como se veste?” e “o que você acha que é assim, coisa de homem?”, que me permitiram identificar alguns modelos de hegemonia masculina, como *patrões e trabalhadores*.

O conjunto de respostas selecionado me mobilizou também a extrapolar o caminho teórico inicialmente traçado, já que hipóteses iniciais foram sendo contraditadas e novas hipóteses surgiam progressivamente, durante a coleta e análise de informações, em consonância com o que afirma a professora brasileira Carmen Lúcia Guimarães de Mattos:

Em etnografia, os dados ditam o caminho teórico a ser conduzido durante as análises e os resultados da pesquisa, suas hipóteses, vão sendo construídas progressivamente à medida que os dados respondem ou não às perguntas que os agentes de pesquisa, junto com o pesquisador, formulam diante do objeto pesquisado (MATTOS, 2011, p. 37).

A coleta de informações do caderno de campo das oficinas se limitou a dez encontros sucessivos, o que durou aproximadamente dois meses, onde passaram 32 adolescentes (27

entrevistados, 2 deles desligados do Sistema Socioeducativo antes de serem convidados para entrevista e outros 3 que entraram quando as entrevistas já haviam sido finalizadas) e todos foram utilizados para contagem da heteroidentificação étnico-racial, pois assim entendo ser esta mais fidedigna à realidade geral do sistema. Após cada oficina, eu fazia os registros dos acontecimentos, pelo gravador do meu celular, o que totalizou três horas. Em regra, os registros são abertos com a data, a proposta daquele dia de oficina, a lista de presença dos adolescentes, seguidas das minhas considerações e demais informações que possam ter ocorrido dentro da unidade socioeducativa. Esse material foi integralmente ouvido e detalhadamente anotadas as suas informações.

Com o caderno de campo, eu busquei compreender as relações de poder e dominação estabelecidas entre eles, muitas vezes percebendo significativas diferenças de postura e opinião em relação às falas da entrevista individual. Esse material é articulado com todos os capítulos da dissertação, mas é principalmente o despertar criativo que resulta no recurso educativo, finalidade primordial de uma dissertação produzida no âmbito de um Mestrado profissional. Ele registra o cotidiano das oficinas, as histórias dos adolescentes, as propostas apresentadas, as interações coletivas, o que tem dado certo e errado. O recurso educativo é um caderno de *charges* chamado “Bravíssimo, abandona as ideia e chuta o balde”, com histórias e personagens que surgem nas oficinas, cujos desfechos propõem novas reflexões sobre as masculinidades e também um futuro longe da criminalidade.

Todas as gravações, bem como os documentos com as transcrições serão arquivadas/os por cinco anos e posteriormente eliminadas/os, já que sua utilização é restrita às finalidades acadêmicas, o que foi detalhado na declaração de uso e destinação de dados, presentes nos termos assinados pela diretora da unidade e também pelos adolescentes, e comunicado ao COEP/UFMG.

3.3 Os caminhos de uma etnografia feminista: a oficina “Bravíssimo, abandona as ideia e chuta o balde”

A *descrição densa*, considerada um dos princípios basilares da tarefa do/a etnógrafo/a, além da descrição da observação, pauta-se pela busca dos significados por trás das ações e pela capacidade de interpretação, o que só é possível por meio da aceitação do/a pesquisador/a dentro do contexto investigado (GEERTZ *apud* JARDIM, 2013, posição 7228). Enquanto

mulher, tive¹⁹ a difícil missão de ser aceita em um contexto essencialmente masculino e ainda buscando os significados que eles atribuem às suas ações. Essa aceitação não significou que eu fosse vista ou considerada como parte do grupo. Ao contrário disso, fui um corpo visto, analisado, julgado e marcado pela diferença de gênero, mas também pelo diálogo entre nossas diferenças, rumo à construção de objetivos comuns.

Meu corpo também esteve em campo. Minha interação com os adolescentes e o que eu produzo a partir disso passa necessariamente pela percepção deles sobre mim. A antropóloga e professora brasileira Silvana de Souza Nascimento faz importantes reflexões sobre o corpo da antropóloga e os desafios dessa interação:

No diálogo etnográfico, no qual os corpos das pesquisadoras são observados, classificados, desejados, refutados e postos em dúvida, rastros, ruídos, sussurros, silêncios e sinais aparecem e interferem nos processos de produção da escrita etnográfica que se iniciam, muitas vezes, no próprio trabalho de campo. Na procura pela compreensão da alteridade, tornamo-nos outras a partir da percepção desses(as) outros(as) e esta relação se faz, antes de mais nada, pelo corpo, com suas experiências, gestualidades, movimentos, práticas, hábitos, vestimentas, cor, cheiro, modos de falar, caminhar, expressar-se etc. (NASCIMENTO, 2019, p.460).

Como afirmou a antropóloga brasileira Cecília Maria Barcellar Sardenberg, mesmo com o “peso de décadas em que parte da tarefa fundamental da empreitada antropológica recaía na tentativa de estabelecer o seu *status* de cientificidade, enterrando a persona do investigador nos prefácios”, onde se acreditava em um discurso científico “supostamente imune, asséptico e universal, descorporificado” (SARDENBERG, 2014, p. 141), tal modelo já se mostrou superado. As informações que me repassaram os adolescentes, a forma como se colocaram, as iniciativas e os limites de cada fala e os comportamentos são específicos da interação construída comigo, que sou uma mulher, individual, específica, corporificada, racializada e sexuada.

Essa interação, generificada, gera desdobramentos diversos, específicos da relação construída com cada um dos adolescentes, individualmente. Pelo que pude observar, alguns participantes me forneceram certas informações, exatamente por eu ser uma mulher, entendendo assim que eu teria uma boa receptividade, o que para eles não é comum entre homens. Falar sobre amor, relacionamentos e frustrações daí decorrentes é um exemplo disso. Outros participantes, ao contrário disso, omitem informações, exatamente por eu ser uma mulher, entendendo assim que certas narrativas podem talvez evidenciar fraqueza. O vício em

¹⁹ Embora as oficinas que originam essa pesquisa estejam em andamento, o material de pesquisa é delimitado e por isso utilizarei os tempos verbais no pretérito.

drogas ilícitas e a perda do vínculo com o tráfico em virtude desse fato, às vezes levando à trajetória de rua, é um exemplo disso. Minha proposta metodológica é então permanentemente marcada pela generificação das nossas relações, construindo uma etnografia feminista do contexto pesquisado.

Em uma pesquisa etnográfica o/a pesquisador/a deve se ater ao que é visível e também ao que está invisível, bem como ser capaz de interpretar e refletir sobre os aspectos sociológicos que interferem nas narrativas, e não apenas descrever. É também um método dinâmico e sem padrões rígidos, guiado pela sensibilidade do/a pesquisador/a, evitando assim condições artificiais de pesquisa. Como afirma Mattos:

A etnografia é um processo guiado preponderantemente pelo senso questionador do etnógrafo. Deste modo, a utilização de técnicas e procedimentos etnográficos, não segue padrões rígidos ou pré-determinados, mas sim, o senso que o etnógrafo desenvolve a partir do trabalho de campo no contexto social da pesquisa. Os instrumentos de coleta e análise utilizados nesta abordagem de pesquisa, muitas vezes, têm que ser formulados ou recriados para atender à realidade do trabalho de campo. Assim, na maioria das vezes, o processo de pesquisa etnográfica será determinado explícita ou implicitamente pelas questões propostas pelo pesquisador (MATTOS, 2001, p. 50).

Dentro de uma *descrição densa*, o relato da inserção do/a pesquisador/a e suas interações dentro do contexto pesquisado, até a realização da pesquisa, é de significativa importância e por esse motivo ocupa papel de destaque na descrição metodológica. No início do ano de 2018 iniciei um processo de imersão no sistema socioeducativo masculino, com oficinas quinzenais voltadas para o debate de temas pertinentes às masculinidades, à violência e à criminalidade. A proposta era realizada dentro do espectro pedagógico da unidade socioeducativa, substituindo as aulas de Português de uma professora naquele dia. Dentre os desdobramentos deste trabalho em parceria com a professora, destaco a realização de uma palestra sobre violência contra as mulheres, que era tema de um concurso de redação em que participariam alguns adolescentes.

O ano de 2019 foi politicamente conturbado, com significativas mudanças na direção da escola e no processo de contratação de professoras e professores no estado de Minas Gerais. Esse fato dificultou a retomada das oficinas em parceria com a escola e por esse motivo a proposta foi apresentada diretamente à direção de atendimento de uma outra unidade socioeducativa, que é também a unidade onde a pesquisa foi realizada, com frequência semanal. Essa transição do projeto, da escola para a unidade socioeducativa, rompe o vínculo

com a Secretaria de Estado de Educação (SEE) e passa a ser ligado à SEJUSP, o que não acarretou prejuízos para o argumento pedagógico da proposta.

Essa nova fase do projeto ampliou as possibilidades de atuação, pois se antes eu estava limitada pelas atividades e horários da escola²⁰, nessa nova fase eu poderia integrar qualquer espaço dentro da rotina dos adolescentes, articulando propostas com as pessoas que ocupavam diariamente aquele espaço físico. Além disso, mesmo a escola sendo obrigatória e sua ocorrência ser protegida, ela deve cumprir procedimentos e orientações da segurança. São, por exemplo, os/as professores/as que levam, recolhem e guardam os cadernos e materiais dos alunos, os materiais são contados no início e no final das aulas, os alunos em geral não podem levar materiais para os alojamentos para fazer “para casa”, em algumas unidades os agentes socioeducativos permanecem dentro da sala de aula. Qualquer alteração na rotina da escola precisa ser comunicada e articulada com as diretorias da unidade, o que muitas vezes imobilizava minha proposta. Quando eu me vinculei à própria unidade, eu mesma consegui negociar minhas demandas, como a utilização da quadra, da sala de TV, de um projetor, levar um lanche para confraternização, flexibilizar horários.

Como estratégia de atuação optei por evitar as palavras “gênero” e “feminismo”, priorizando as palavras “machismo” e “homens”. Até o momento o projeto de oficinas teve dois nomes: “Desconstruindo seu machismo” e “Homens que transformam”. Esse último tem sido motivo de deboche por parte de alguns agentes socioeducativos, que ao convocarem os adolescentes para a oficina ironizam dizendo coisas como “chama lá os homens que se transformam”, associando transformação a transformismo, troca de sexo, tripudiando sobre os adolescentes e a suposta possibilidade de virar mulher naquela oficina. Essa ironia dos agentes é uma das diversas provocações que fazem parte das dinâmicas das relações de poder, hegemonia e subalternidade, estabelecida entre os *homens da unidade*²¹. Comparar um homem a uma mulher, destacar em um homem características do que se entende por feminino e ainda questionar a heterossexualidade dos homens²² são exemplos das mais frequentes ferramentas utilizadas para reivindicar poder e posições hegemônicas no contexto. Agentes e

²⁰ As nove unidades socioeducativas de internação da cidade de Belo Horizonte são atendidas por uma Escola Estadual. Cada unidade tem um espaço destinado à escola, pedagogas responsáveis, professoras e professores que podem circular entre as unidades, mas a diretoria é uma só, localizada em uma unidade diversa daquela em que eu atuava.

²¹ As relações estabelecidas entre os adolescentes e os agentes não fazem parte do escopo de análise adotado nesta pesquisa. Algumas situações serão mencionadas, quando em diálogo com o contexto.

²² Questões pertinentes à sexualidade dos adolescentes e à lgbtfobia, embora muito presentes, também não fazem parte do escopo de análise adotado nesta pesquisa.

adolescentes, adolescentes e adolescentes, agentes e agentes, se provocam mutuamente com esse tipo de abordagem. Contudo, em nenhum momento eu fui pessoalmente questionada sobre a inadequação do nome, pelos adolescentes. Ao contrário disso, presenciei um adolescente sendo provocado por um agente e em resposta ele disse que não tinha qualquer problema com aquele nome. Ainda assim, optei por mudá-lo e a partir do ano de 2021 passou a se chamar “Bravíssimo: abandona as ideia e chuta o balde”.

A palavra *bravíssimo*²³ é muito utilizada e surge sempre que estão desconfortáveis com uma temática que tensiona sua masculinidade ou suas construções morais e éticas. A expressão *abandona as ideia e chuta o balde* é também muito comum, utilizada para sinalizar que a discussão deve acabar — quando um agente socioeducativo se aproxima, por exemplo —, ou que determinado assunto deve ser evitado.

O objetivo geral das oficinas era debater temas cotidianos, sob a perspectiva de gênero e masculinidades. Eu selecionava temas, tentava apresentá-los por meio de músicas, clipes, vídeos e outros materiais que podiam compor alguma dinâmica (cartolinas, canetões, baralho com perguntas e curiosidades, personagens de pelúcia). Mas durante todo o período de existência o projeto foi e continua sendo aperfeiçoado e adaptado para atender as tão variadas realidades do Sistema Socioeducativo. Na coleta de informações, essas realidades estavam atravessadas pelas restrições geradas pela pandemia da COVID-19. Em fevereiro do ano de 2020, a unidade pesquisada tinha 33 adolescentes internados e 16 deles participavam da oficina, mas já em março elas foram interrompidas pela necessidade do isolamento social. Foi então iniciada uma campanha multidisciplinar, com a participação do poder judiciário, para reavaliar a situação de cada adolescente e a possibilidade de progredir a medida socioeducativa de internação, para medidas mais brandas, ou até o desligamento dos adolescentes. No final do primeiro mês da pandemia, a unidade chegou a ficar com 12 adolescentes.

Em maio de 2020, a SEE/MG determinou que fossem realizadas atividades pedagógicas diárias, de no mínimo duas horas, para todos os adolescentes. Nesse momento fui convidada para retornar com a oficina que seria uma dessas atividades, com as devidas e possíveis precauções higiênicas e utilização de máscara. Na ausência da escola, com a proibição do trabalho presencial pelos professores, faltavam personagens para desenvolver as

²³ Os termos em itálico extraídos das falas dos participantes fazem parte do “Vocabulário Bravíssimo”, que estão explicados e listados no respectivo glossário.

tais “atividades pedagógicas”, o que justificava a conveniência da minha atuação. Uma oficina sem vínculo empregatício com nenhuma secretaria é responsabilidade trabalhista de ninguém. A atuação de voluntárias/os no sistema socioeducativo, principalmente ligadas/os à religião é muito comum, mas também muito controversa. O sistema conta com inúmeras pessoas que, assim como eu, são realmente engajadas nessa pauta. Contudo, nossa massiva presença talvez venha contribuindo com um afastamento do poder público, que não investe diretamente e suficientemente em políticas públicas que potencializem os trabalhos pedagógicos para a concretude da ressocialização.

Além da satisfação de desenvolver esse trabalho, mas também com interesses de pesquisa eu retomei as oficinas, o que estreitou ainda mais meus laços com a unidade e facilitou a sua realização. Durante esse período, todos os acessos possíveis me foram possibilitados. Horários flexíveis, acompanhamento de estudo de caso²⁴, entregar cartas de aniversário diretamente para os adolescentes²⁵, levar bolos para fazer festas de aniversário e realizar as oficinas na ponta da quadra, muito distante²⁶ da entrada onde permaneciam os agentes socioeducativos.

O ciclo de oficinas foi reiniciado com novos adolescentes, alguns conhecidos de vista ou de outra unidade. Dessa vez a participação era obrigatória, pois a oficina substituíra uma atividade da escola. O tempo, que era de uma hora e meia, passou a ser de duas horas, o que comprometeu meu planejamento, pois me faltaram recursos pedagógicos para manter o interesse e a interação dos adolescentes por tal lapso temporal. Foram realizados três encontros na forma de atividade pedagógica obrigatória e então retomamos ao formato de adesão voluntária de uma hora e meia. Dessa vez o ciclo não foi reiniciado, já que os adolescentes disponíveis no horário da oficina optaram por permanecer.

O isolamento social reduziu drasticamente o volume de atividades disponíveis na unidade socioeducativa, as saídas externas à unidade, o número de adolescentes por atividade, além de limitar a visita dos familiares, que passou a ser quinzenal e de apenas uma pessoa. As

²⁴ É a reunião das áreas pedagógica e jurídica, e também da segurança, para trabalho multidisciplinar que direciona e acompanha o cumprimento da medida do adolescente.

²⁵ Tudo que a ser entregue aos adolescentes precisa de autorização da supervisão pedagógica e de segurança. O procedimento padrão exigiria que agentes e pedagogas lessem as cartas.

²⁶ Na unidade socioeducativa pesquisada, sob aquela direção específica e naquele momento específico, não existia uma política tão coercitiva direcionada a mim ou aos participantes, durante as oficinas. Em regra, os/as agentes se posicionavam fora da sala de aula, ou distantes do grupo, quando as atividades eram realizadas na quadra ou em outro local. Havendo uma demanda particular a equipe de segurança se posicionava de outra forma. Essa não é a realidade das outras unidades socioeducativas que eu já passei, onde os agentes ficam bem próximos dos adolescentes, muitas vezes interferindo na oficina.

refeições passaram a ser realizadas dentro dos alojamentos, já que a convivência coletiva no refeitório foi suspensa. A comida que era preparada no local, por funcionários/as da unidade, passou a ser servida por empresa terceirizada que distribuía para todas as unidades. A qualidade caiu drasticamente, sendo comum a reclamação da comida nas minhas oficinas e segundo os adolescentes, ela vinha crua, sem carne, aguada. No início dessa transição teve greve de fome e os adolescentes *estralaram* em reivindicação.

Situações como essas, de sucessivas perdas de direitos, geram muita frustração e revolta entre os adolescentes, que já estão ali privados de liberdade. Esse clima é extremamente perigoso e se não contornado adequadamente, pode “virar a cadeia”. Nessa circunstância, coloquei minha oficina como um espaço livre e dinâmico, para todo adolescente disponível na unidade naqueles horários. Todos os adolescentes que entravam optavam por participar. Quando os procedimentos de pesquisa iniciaram, todos adolescentes da unidade participavam das oficinas.

A utilização da quadra, que é um espaço aberto, tornou a oficina também um lazer. Ali nós poderíamos tomar sol e conversar, tornando nossas relações mais próximas, reduzindo a imagem da professora e ampliando a imagem da amiga e confidente. A utilização da quadra se mostrou uma excelente estratégia, pois os adolescentes ficavam visivelmente mais calmos, se comparados à sala de aula. Nesse contexto, que uniu necessidade institucional e conveniência de pesquisa, a oficina tomou uma forma totalmente diferente, mantida também por vínculos afetivos. Adquiriu também um caráter de permanência, sem previsão de encerramento, nem número limitado de participantes. Muitas vezes eu sequer conseguia pensar em conteúdo para debater, o que também foi muito positivo, pois eu estava ali apenas para escutar suas novidades.

Minha inserção em campo foi algo muito mais amplo que o período em que foram aplicados os procedimentos de coleta de informações adotados na pesquisa. Não me sinto sequer confortável com a expressão *campo de pesquisa*, já que meu contato com os participantes não se deu em virtude dela e em nenhum momento se limitou a ela. Não foi só a partir de leituras, entrevistas e oficinas, delimitadas pelos processos formais do COEP/UFMG, que essa dissertação foi elaborada. Ela nem mesmo se limita aos adolescentes entrevistados e aos participantes das oficinas realizadas naqueles meses. Minha inserção começou no primeiro contato com os adolescentes homens do sistema, passa pelas seis unidades socioeducativas masculinas onde estive desenvolvendo oficinas e palestras,

participando de eventos comemorativos, além dos passeios externos que tive a oportunidade de participar.

A inserção consistiu e consiste em todos os momentos em que estou com essas juventudes, o que eu ouço fora dos procedimentos formais, nas aulas de reforço escolar, nas histórias contadas reservadamente pelos adolescentes e pela equipe técnica, o que falam na minha frente e pelas minhas costas, as mentiras que me contam e as verdades que só a mim são ditas. É uma sucessão de sorrisos e marras, explosões, desespero, choros engolidos, dias que tentam me enrolar, dias que pedem desculpa, o dia em que me senti ameaçada e todos os outros dias em que me senti amada. Todas essas vivências, apoiadas pelos estudos científicos sobre o tema, compõem minhas reflexões individuais.

A sexta-feira das oficinas sempre foi nossa. Eu sempre estava ali e eles também. Eu trabalhava com e para eles, não para a instituição. Foi com uma presença comprometida, sempre buscando novas abordagens, que acolhem e valorizam a diversidade daqueles homens e suas masculinidades, que consegui ser pessoalmente aceita pelo grupo e pelos indivíduos e, posteriormente, ser aceita como pesquisadora.

4 JUVENTUDES SOCIOEDUCATIVO: HOMENS QUE “ESCOLHEM” O CORRE

No meu ponto de vista, querendo ou não é tipo escolha mesmo. Eu quis, sempre fiz sabendo, entrei de cabeça, sempre fui certo das ideias, até hoje tenho sido certo

(Alexander, 17 anos)

Retomando a situação que compõe a justificativa desta pesquisa, o *ser bandido* como uma “escolha” de vida, que foi também o meu despertar para as reflexões sobre homens e masculinidades, dedico este capítulo à apresentação desses homens e desse *corre*, que envolve a prática de atos infracionais. O *corre* é uma palavra utilizada para qualquer atividade, geralmente remunerada, onde a pessoa está em busca de alguma coisa, ou simplesmente conduzindo sua vida e garantindo sua sobrevivência. Todo mundo que trabalha está fazendo seu *corre*, assim como o adolescente que está na escola. A prática de atos infracionais — ou crimes — é uma forma de se alcançar objetivos e muitas vezes a única forma de garantia de sobrevivência. Entre os participantes a palavra *corre* é utilizada para nomear suas práticas criminalizadas e o meio em que se inserem. Assim, nessa pesquisa a palavra *corre* pressupõe envolvimento com a criminalidade.

A *criminalidade* pode ser entendida como o contexto formado por pessoas envolvidas, contínua e coletivamente, com a prática de crimes e atos infracionais, principalmente ligados ao tráfico de drogas e ao roubo. É um meio predominantemente masculino, que se estrutura em torno das práticas criminalizadas e não das pessoas, o que é evidenciado pela grande rotatividade. Dentro da criminalidade são formados grupos, gangues, facções, milícias, famílias, onde as pessoas são ligadas por interesses comuns, facilitados também pela proximidade geográfica entre elas. Esses grupos têm uma existência paralela e marginal, com regras, leis, códigos e princípios próprios, que tanto resistem e reagem às normas da sociedade em geral, quanto incorporam e potencializam alguns de seus códigos morais, religiosos e as relações de poder e dominação ali estabelecidas, como o machismo, o racismo e a lgbtfobia.

Outro importante conceito a ser apresentado é o que eu entendo por *juventudes socioeducativo*. A juventude aqui considerada é uma concepção jurídica, vinculada à menoridade penal e cível, e que está definida no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

As juventudes são divididas entre crianças (até 12 anos incompletos) e adolescentes (entre 12 e 18 anos de idade), orientando também a fixação das medidas socioeducativas. Os 22 participantes da pesquisa tinham na época das entrevistas entre 15 e 18 anos (quatro adolescentes de 15 anos, cinco de 16 anos, oito de 17 anos e cinco de 18 anos de idade). Embora 18 anos de idade já configure a maioria cível e penal, cumprem medida socioeducativa aqueles que cometeram o ato infracional antes de completar os 18 anos e por esse motivo serão aqui considerados adolescentes.

Compreendo então as juventudes socioeducativo como o grupo de crianças e adolescentes que são inseridos no sistema socioeducativo. A palavra *juventudes* evidencia a pluralidade e a diversidade das pessoas que a compõem, bem como a especificidade de cada trajetória. O objetivo de se utilizar a palavra *socioeducativo* e não *socioeducativas* é fazer concordância sintática com a palavra *sistema*, evidenciando a institucionalização dessas juventudes pela inserção no sistema socioeducativo. Essa institucionalização constitui uma série de experiências e interseções com outras instituições, tais como o poder judiciário e as polícias, o resgate de vínculos, como a escola e até mesmo a reestruturação de vínculos, como o do tráfico de drogas, que produz subjetividades, regula “desejos, tempos e territórios, atravessando de forma bastante marcada as relações” e coproduzindo o funcionamento do sistema socioeducativo (DE GARAY HERNÁNDEZ, 2018, p. 19).

A inserção de determinados grupos de jovens no sistema socioeducativo não está vinculada somente à prática de atos infracionais. Ela é também consequência da seletividade punitiva, que determina os tipos de condutas e pessoas que serão criminalizadas. Afirma o delegado da Polícia Civil do Rio de Janeiro, Orlando Zaccone D’Elia Filho, que esse fenômeno ocorre uma vez que “não é possível ao sistema penal prender, processar e julgar todas as pessoas que realizam as condutas descritas na lei como crime e, por conseguinte, as agências penais devem optar entre o caminho da inatividade ou da seleção” (D’ELIA FILHO, 2017, p. 16).

A inatividade acarretaria o desaparecimento do aparato institucional e por isso há uma “inversão total da estrutura formal do aparelho repressor” (D’ELIA FILHO, 2017, p. 16), onde o poder judiciário passa a ter sua atuação delimitada pela seleção policial que decide “quem vai ser processado e julgado criminalmente” (D’ELIA FILHO, 2017, p. 16). Dessa forma, fatores como reconhecimento étnico-racial, classe social e gênero compõem o estereótipo do bandido, direcionam as abordagens policiais e centralizam a violência

institucional em determinados grupos de pessoas. D’Elia Filho (2017, p. 21) assim descreve esse estereótipo:

O estereótipo do bandido vai-se consumando na figura de um jovem negro, funkeiro, morador da favela, próximo do tráfico de drogas vestido com tênis, boné, cordões, portador de algum sinal de orgulho ou de poder e de nenhum sinal de resignação ao desolador cenário de miséria e fome que o circunda.

Na visão das polícias e da sociedade em geral, o *bandido* poderá ser qualquer homem que se encaixe em seus estereótipos, seja ele envolvido ou não com a criminalidade. Quando a motivação é a suposta guerra às drogas, as pessoas ali envolvidas serão elementos determinantes para enquadramento como usuário de drogas — onde não há previsão de pena de privação de liberdade — ou traficante de drogas — pena de reclusão de 5 a 15 anos, nos termos da Lei nº 11.343/06, que institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas (SISNAD). Ainda sobre a seletividade punitiva, afirma D’Elia Filho:

Aos jovens consumidores da Zona Sul aplica-se o paradigma médico, através de atestados médicos que garantem soluções correcionais fora dos reformatórios, ao contrário do destino dado aos jovens das classes baixas, para os quais se aplica o paradigma criminal (D’ELIA FILHO, 2017, p. 21).

As juventudes socioeducativo não podem então ser reduzidas a uma conceituação focada na prática de atos infracionais. A criminalização de juventudes específicas faz parte de um projeto político higienista que associa crime e miséria (D’ELIA FILHO, 2017, p. 19) e está essencialmente ligada aos sujeitos que praticam os atos infracionais e que, conseqüentemente, serão institucionalizados. Nem todo adolescente que comete ato infracional será inserido no sistema socioeducativo. Nem todo adolescente inserido no sistema socioeducativo praticou algum ato infracional. Nem todo adolescente que cometeu ato infracional está efetivamente envolvido na vida do crime. “Vemos assim vários jovens que entram no sistema por erro, por atos infracionais forjados ou aumentados pela polícia ou enquadrados por outras pessoas” (DE GARAY HERNÁNDEZ, 2018, p. 109), especialmente quando eles já têm passagem pelo sistema.

As juventudes selecionadas para serem institucionalizadas são compostas majoritariamente por homens, negros, empobrecidos, de baixa escolaridade e moradores de favelas (DE GARAY HERNÁNDEZ, 2018), o que certamente é evidenciado pelo perfil dos participantes desta pesquisa. Entre eles existem relatos de situações em que foram

apreendidos pela polícia e a eles imputados atos infracionais que não haviam praticado. Porém, todos narraram ter ou ter tido algum envolvimento com a criminalidade e trajetória dentro do tráfico de drogas.

4.1 “Freio de Rotam”: estereótipo e o perfil social das juventudes socioeducativo

Entre os entrevistados há uma assustadora convicção de que correspondem aos estereótipos visados nas abordagens policiais e que compõem ainda a cara das prisões, do sistema socioeducativo e dos índices de violência letal urbana. Expressões como “freio de Rotam”²⁷ ou “freio de mão de S10”²⁸ são comumente utilizadas para dizer que eles atraem olhares das polícias. Por suas narrativas, é possível descrever esse bandido visado como alguém que tem um *gingado*²⁹ ao andar, usa bermuda de tacetel, cueca à mostra, camisa de time, boné, cabelo *na régua*, platinado ou pintado, sobancelha cortada, cara sempre fechada, correntes e tatuagens que incluem cifrões, escorpiões, carpas, coringas, palhaços e lágrimas. Esses bandidos são predominantemente pretos e pardos, e figuras comuns nas *quebradas* onde residem.

Para mim que os conheci dentro do sistema socioeducativo, onde são geralmente vetadas as reivindicações por individualidade, é difícil imaginá-los da forma como descrevem sua aparência no *mundão*. As bermudas estampadas de tacetel e as camisas de time são a vestimenta comum, se diferenciando principalmente pelo tempo de uso e limpeza de cada uma. Os cabelos estão sempre baixos, na cor natural e a sobancelha não pode ser cortada. Uma característica que não é limitada pelos muros do sistema é o reconhecimento étnico-racial.

²⁷ Batalhão de Rondas Táticas Metropolitanas da cidade de Belo Horizonte. Entre meus alunos, é o batalhão que concentra o maior número de relatos de violência e demais abusos policiais nas favelas, não limitados às pessoas envolvidas com a criminalidade. Em geral eles demonstram muito medo e revolta contra esse setor da polícia. Um relato comum é de que em suas apreensões, ficam horas no carro da Rotam, apanhando, antes de serem direcionados para o Centro Integrado de Atendimento ao Adolescente Autor de Ato Infracional (CIA). Já ouvi de um adolescente que ele apanhou tanto que vomitou e depois tentaram fazê-lo comer seu próprio vômito. Alguns têm ainda a convicção de que a qualquer hora a Rotam pode matá-los e sumir com seus corpos.

²⁸ A S10 é um tipo de veículo comumente utilizado pela Rotam.

²⁹ Os termos em itálico extraídos das falas dos participantes fazem parte do “Vocabulário Bravíssimo”, que estão explicados e listados no respectivo glossário.

4.1.1 A cor: “Aquele menino preto” (Peterson, 17 anos)

Os dados do SINASE apontaram que as juventudes socioeducativo são compostas de 40% de pessoas pretas e pardas, 23% de pessoas brancas, 36% de pessoas sem informação étnico-racial e 1% de pessoas indígenas e amarelas (SINASE, 2019, p. 41). A coleta de informações daquele documento tem como base a autodeclaração, mas entendo que não expressam a gravidade da questão étnico-racial no contexto do sistema socioeducativo. Nas entrevistas individuais e também em algumas dinâmicas das oficinas são feitas reflexões sobre racismo e elaboradas perguntas que buscam compreender qual é a identidade étnico-racial dos participantes, mas não consegui alcançar resultados objetivos.

O Brasil foi um país escravocrata e o processo de formação da identidade nacional “recorreu aos métodos eugenistas, visando o embranquecimento da sociedade” (MUNANGA, 2008, posição 251). Segundo o antropólogo brasileiro-congolês Kabengele Munanga, esse branqueamento é uma estratégia genocida que começou pelo estupro da mulher negra escravizada, por invasores brancos e imigrantes europeus, e originou produtos de “sangue misto”, “o mulato, o pardo, o moreno, o pardavasco, o homem de cor... situado no meio do caminho entre a casa grande e a senzala” (NASCIMENTO *apud* MUNANGA, 2008, posição 1564), sendo ainda utilizados como símbolos de uma suposta democracia racial.

A miscigenação foi uma “peça ideológica na defesa do mito de democracia racial” simbolizada pela “saúdavel” interação sexual (MUNANGA, 2008, posição 1559). Ela faz parte de um projeto que visava à extinção do povo preto após sucessivas gerações de relacionamentos inter-raciais, o que certamente invisibiliza o/a negro/a e impossibilita a identificação do pertencimento étnico-racial por boa parte da população brasileira. Ainda segundo Munanga, “a maior parte das populações afro-brasileiras vive hoje nessa zona vaga e flutuante” (MUNANGA, 2008, posição 1482), que entre a maioria dos participantes da pesquisa é simbolizada pela figura do “moreno”. Alguns se identificam como brancos e apenas os negros retintos costumam se autodeclarar negros, ou pretos.

Essa “zona vaga e flutuante”, materializada na figura do “moreno”, não torna as juventudes socioeducativo menos vítimas das políticas repressivas do Estado. Embora seja considerado uma “ponte étnica entre negro e branco”, o moreno não possui *status* social diferente do negro (MUNANGA, 2008, posição 1574). Hoje as pessoas desse grupo, em sua grande maioria, “são filhos e filhas de pais e mães da classe pobre e, portanto, constituem-se

na maior vítima da discriminação racial, devido à ambiguidade cor/classe, além de serem mais numerosos que os ‘negros’”. (MUNANGA, 2008, posição 1574).

O autor brasileiro Deivison Nkosi faz importantes reflexões sobre masculinidades negras no Brasil, afirmando que dentro do processo colonial os homens negros — onde se incluem os “morenos” — foram reduzidos a seus corpos, hipermasculinos e taxados como perigosos. Sendo assim, o tratamento dispensado a eles pelas polícias não seria sinal de despreparo, mas sim “expressão sistêmica de uma instituição preparada e socialmente autorizada a violentar e matar seletivamente” (NKOSI, 2014, p. 99). Esse olhar que racializa, segrega e autoriza a matar também alimenta o ódio entre suas vítimas. O olhar da branquitude muitas vezes constrói situações e fazem o *bandido*, o que é muito bem representado por uma narrativa de um participante.

Peterson é um homem negro retinto que foi soltar pipa na Lagoa da Pampulha³⁰, mas não teve muita sorte aquele dia. Perdeu a pipa e a linha, ficou nervoso e por isso com sua tradicional cara fechada. Ele voltava de bicicleta para casa, quando percebeu alguns olhares das pessoas que estavam em um ponto de ônibus. Segundo ele, olhares para “aquele menino preto”, seu chinelo, a bermuda rasgada, a blusa amassada. Acrescentou ele: “olha pro cê vê, eu sou preto, eles olhou pra mim e pá, ficou meio pá [inaudível]. A mulher olhou pra mim tipo debochando tá ligado?”. Ele disse que não ia roubar, mas percebendo esses olhares ele foi tomado pelo ódio, mudou de ideia, abordou essas pessoas na rua e gritou “perdeu”.

Objetivando dar a devida gravidade à questão étnico-racial no contexto das juventudes socioeducativo, opto então pela heteroidentificação racial, aquela que utiliza a percepção social de outra pessoa e não de si própria (MIRANDA; FLEURY; DE JESUS; CORREA; VAGO, 2020, s/p). Dos 32 adolescentes que passaram pelas oficinas no período, identifiquei sete brancos, quinze negros retintos e dez pardos, o que corresponde a 78% de pretos e pardos. Essa minha percepção racial talvez represente o olhar da branquitude, que marca e segrega esses adolescentes no *mundão*. Um olhar que fecha o vidro e esconde a bolsa quando passa por eles e, conseqüentemente, direciona a violência institucionalizada que extermina a juventude negra (NKOSI, 2014, p. 99).

³⁰ Lagoa situada na região da Pampulha, que abrange vários bairros da cidade de Belo Horizonte.

4.1.2 O lugar: “A porta da minha casa lá é a *biqueira*” (Gabriel, 16 anos)

Outro elemento que se destacou na composição do perfil das juventudes socioeducativo é o domicílio em vilas, favelas e conjuntos habitacionais³¹ e/ou proximidade com as *biqueiras*. Dos 22 entrevistados, cinco eram do interior do estado, onde iniciaram sua trajetória na criminalidade. Filipe informou que a *biqueira* ficava na esquina de casa e Elias, que ela ficava a menos de meio quilômetro. Raione é parte da família que comandava o tráfico da sua região, o que pressupõe uma certa proximidade geográfica. João Vitor e Ryan não forneceram informações precisas sobre a proximidade com as *biqueiras*, mas demonstraram não ter dificuldade para acessá-las, até mesmo pelo alegado envolvimento de familiares próximos. Cinco entrevistados moravam na região metropolitana de Belo Horizonte e todos eles sinalizaram ter fácil acesso às pessoas envolvidas no tráfico da região. Doze residiam na cidade de Belo Horizonte. Desses, dez deles residem nas regiões mapeadas pela Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte (Urbel). Gabriel informou que a porta da sua casa é a *biqueira*. Riquelme disse que ficava mais na casa da sua namorada, que também fica na *biqueira*. Contudo, com as informações fornecidas por eles eu não consegui encontrar essas duas *quebradas* no mapeamento.

Dentro das favelas a proximidade com os pontos de venda de drogas pode variar bastante. Alguns participantes sinalizaram morar na própria *biqueira*, outros moram nas proximidades e acompanham cotidianamente a movimentação do tráfico de drogas, sabendo como acessar as pessoas envolvidas naquela atividade. Miguel é de outro bairro, mas acabou se envolvendo com a criminalidade e se mudando para a *quebrada* onde era envolvido. Marcos, Filipe e João Vitor narraram ainda ter trajetória de rua e abrigo.

4.1.3 Famílias e violências: “Eu nasci já envolvido já” (Raione, 18 anos)

Vinte dos entrevistados têm familiares e amigos próximos envolvidos com a criminalidade, uma média de 2,77 pessoas envolvidas por participante. Riquelme e Raione são filhos de patrão e da antiga patroa do tráfico, respectivamente, além de terem irmãos e irmãs envolvidos/as. Gabriel, além de morar na própria *biqueira*, é filho de pessoa envolvida e era enteado do antigo *patrão* da região. Matheus e Fernando afirmaram que são filhos de *patrão* e

³¹ Nomenclatura utilizada pelo mapeamento da Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte (Urbel).

gerente geral da biqueira respectivamente e que ambos foram assassinados. A mãe de Fernando, com quem mantenho contato, me apresentou uma versão diferente. Ela me informou que o pai de Fernando é falecido, que ele era “alcoólatra³²”, mas que não era envolvido com a criminalidade. Acredito que a história contada por Fernando seja uma demonstração do processo de valorização da masculinidade do *bandido*. Para ele, aparentemente, é mais valoroso ou aceitável ser filho de um gerente geral da *biqueira*. No total, 13 entrevistados informaram ter perdido alguma pessoa próxima por morte violenta relacionada à criminalidade. Thales chegou a perder 11 pessoas em uma semana e se envolveu com o tráfico logo depois desse fato, por revolta.

Relatos sobre violência doméstica surgiram em três entrevistas. Marcos já presenciou muita agressão contra sua mãe, praticada por seu pai e também pelo padrasto. Ele já teve que intervir diversas vezes e em um desses eventos chegou a dar facadas no padrasto. Logo em seguida, teve que sair da casa de sua mãe por medo de ser pego dormindo. Filipe narrou várias violências sofridas por ele e também por sua mãe, tendo o padrasto como protagonista. Em um desses eventos o padrasto bateu com o rodo na boca de sua mãe, que estava grávida. Filipe intercedeu e jogou de volta na cara dele. Michael contou que o pai tinha costume de bater na mãe e também de maltratá-los. Um dia ele e seu irmão souberam pelos vizinhos que o pai tinha tentado matar a mãe enquanto eles saíram. Diante na notícia, o irmão foi atrás do pai para tentar matá-lo, mas não o encontrou.

O que é possível perceber é que a violência física e as mortes violentas são cotidianas para as juventudes socioeducativo. Nas interações coletivas, as narrativas de brigas, torturas e execuções muitas vezes são contadas de maneira cômica e os detalhes da crueldade ouvidos com muita atenção. Essas violências podem gerar situação de revolta e a necessidade de vingança, o que foi apontado por sete entrevistados como um dos motivos do envolvimento.

4.1.4 Escola: “Eu ia pra escola só pra fumar maconha mesmo” (Mateus, 16 anos)

Embora eu não disponha de informações precisas, ficou evidenciado que os entrevistados têm uma significativa distorção idade-série³³ e uma relação conflituosa com a escola. Essa imprecisão decorre da notável perda de vínculo com a escola regular, fazendo

³² Foi a expressão utilizada pela mãe de Fernando.

³³ Indicador educacional do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), que permite verificar o percentual de alunos que têm idade acima da esperada para a série em que estão matriculados.

com que grande parte dos entrevistados não saibam dizer a última série cursada antes da medida socioeducativa, em qual idade e série pararam de estudar e quantas vezes repetiram de ano, nos casos em que isso ocorreu. A narrativa quase unânime é de que interromperam os estudos no início do envolvimento com o *corre*. Por se tratar de uma garantia constitucional, quando são inseridos na medida socioeducativa de internação, os adolescentes são compulsoriamente matriculados na escola, dando sequência à série interrompida e sendo formado um novo vínculo, com a escola do sistema.

Dentre os participantes, apenas o Alexander estava na série regular, 2º ano do Ensino Médio, compatível com a sua idade (17 anos), mas também informou que já havia sido expulso de uma escola particular. Dezesete participantes informaram algum rompimento com a escola regular e/ou repetência, como Davi, que tinha 18 anos e cursava o 6º e 7º anos, e Marcelo, que disse ter repetido de ano seis vezes na escola regular. Thales informou que não rompeu com a escola regular e nunca repetiu de ano, mas também tem uma distorção idade-série aproximada de seis anos. Pelo que afirma, na cidade onde morava não tinha escola e ele começou a estudar quando se mudou para a região metropolitana de Belo Horizonte. Contudo, consultando o site da SEE/MG verifiquei que existem seis escolas estaduais no município mencionado por ele. Em três entrevistas o tema “escola” não surgiu.

O que a rotina de oficinas na unidade e as conversas com a equipe técnica deixam evidente é que a maioria dos adolescentes reincidentes na medida de internação só frequenta a escola dentro do sistema socioeducativo. Naquela instituição, a escola assume um caráter de transitoriedade, até mesmo pela esperada rotatividade. Assim, a sala de aula geralmente reúne duas ou mais séries, com um/uma mesmo/a professor/professora. É comum que os alunos reconheçam sua escolaridade atrelada à da sala de aula que pertencem, ou até mesmo que estejam vivendo a transição entre uma série e outra.

Doze participantes forneceram informações sobre a série que cursavam e assim foi possível fazer uma média da distorção idade-série³⁴ do grupo. Marcos, Marcelo e Thales estavam no 6º ano, Davi e Calvin estavam no 6º e 7º ano, Filipe estava no 8º ano, Ronaldo, João Vítor e Matheus estavam no 8º e 9º ano, Riquelme e Fernando no 1º ano do Ensino

³⁴ A média da distorção idade-série foi calculada com base na série cursada no momento da entrevista e a idade do participante. É necessário considerar ainda que dentro do sistema socioeducativo são adotadas estratégias para reduzir as distorções advindas da escola regular. Assim, é comum que um aluno que há muitos anos não frequente a escola, consiga dentro do sistema socioeducativo se aproximar da série correspondente à sua idade. Para aqueles casos em que os alunos cursam duas séries concomitantemente, considerei a mais avançada delas para cálculo. A média calculada, portanto, já pressupõe a superação de parte da distorção verificada antes da inserção no sistema socioeducativo.

Médio e Alexander no 2º ano do Ensino Médio. Ao todo, são 42 anos de distorção idade-série, o que corresponde a uma média de 3,5 anos entre esses participantes, ou 1,9 se considerarmos todos os participantes.

No Brasil, os homens negros apresentam a maior defasagem escolar, se comparados a homens brancos, mulheres brancas e mulheres negras. Para cada dez homens negros, mais de seis estariam defasados (PINHO, 2013, p. 235). Ainda segundo Pinho (2013), os dados sobre o tema são “pobres” e “diluídos”, com interpretações ainda associadas ao senso comum. Um dos mais citados fatores para o abandono escolar entre homens negros seria a inserção no mercado de trabalho, porém, essa informação ainda não daria conta da expressiva parcela de jovens que não estudam nem trabalham (PINHO, 2013), como as juventudes socioeducativo.

Existe uma estreita relação entre abandono escolar e adesão à criminalidade, muito embora não seja possível precisar a cronologia desses fatores entre os participantes da pesquisa. Um estudo sobre a reincidência infracional do adolescente no estado de São Paulo, realizado entre os anos de 2016 e 2017, apontou a experiência com a escola como um dos fatores de risco para a reincidência. Dentre os reincidentes na medida de internação, metade não estava matriculada na escola regular e 30% deles não voltou à escola após a última internação. Dentre os fatores apontados para o abandono escolar, o mais mencionado naquele estudo foi a repetência, seguida da dificuldade em entender o conteúdo (INSTITUTO SOU DA PAZ, 2018, p. 22).

Embora evidente a relação entre abandono escolar e envolvimento com a criminalidade, a sua complexidade, associada ainda aos índices de defasagem escolar entre homens negros, indicam um caminho de pesquisa que precisa ser melhor explorado. A relação dessas juventudes com a escola é sem dúvidas conflituosa, mas estamos ainda muito longe de conhecer suas dimensões. Entre os participantes, merecem destaque algumas narrativas sobre essa relação.

Raione tinha 18 anos e informou que largou a escola aos 12 anos. Ele lia apenas palavras simples de duas sílabas, o que eu pude verificar dando aula de reforço para o mesmo. Marcos informou que não tem como ficar sem “zuar” na escola. Marcelo afirmou ter tomado seis “bombas”, que gosta pouco da escola, mas tem vontade de aprender. Um dos seus atos infracionais é depredar a escola. Filipe ficou três anos sem estudar. Fora do sistema ele parou no 6º ano. Riquelme não estudava fora do sistema e parou no 6º ou 7º ano. Reincidente nas internações, no socioeducativo fez algumas provas que o fizeram progredir para o 1º ano do Ensino Médio; Gustavo informou que “matava aula”, que tomou “bomba”, “zuava tudo”, “era

muito tentado” e “ficava estourando bomba”. Chegou a ser expulso da escola, antes de entrar para o *corre*; Mateus já tomou “bomba” e só ia à escola para fumar maconha. Ele não gostava, assistia aula e tirava notas médias para baixas. Conheceu também na escola um menino que lhe convidou para vender *loló* ali dentro. João Vitor conheceu um menino mais velho que veio a conduzi-lo para o *corre*, dentro da escola. Elias informou que tomou três bombas e que já furtou computadores da escola. Antes da inserção no sistema estava estudando no Educação para Jovens e Adultos (EJA). Ele afirmou que “zuava”, mas fazia as atividades. Calvin também informou que tomou três “bombas”, que parou no 6º ou 7º ano e ficou quatro anos sem estudar. Matheus parou de estudar no 6º ou 7º ano, quando começou a se envolver na criminalidade. Antes disso, mesmo repetindo de ano, gostava da escola. Fernando afirmou que estudava quando foi apreendido pela primeira vez, aos 14 anos. Miguell também afirmou que estudava quando começou a se envolver. Foi um rapaz que vendia drogas atrás da escola que despertou seu interesse.

4.2 “A pista não pode parar”: o *corre* e as *biqueiras*

As informações sobre o início do *corre*, as circunstâncias e marcadores temporais fazem parte de um trabalho de interpretação da integralidade das entrevistas e não necessariamente a resposta direta fornecida pelos participantes. Com a pergunta “E o *corre*? Como começou isso?”, eu buscava compreender as dinâmicas do início do envolvimento com a criminalidade, os fatores socioeconômicos ali envolvidos e se de alguma forma a adesão se relacionava à construção de suas identidades masculinas. Em resposta, alguns enumeraram atos infracionais, como furto de bicicleta, padarias, supermercados e casas, depredação de escola, fumar maconha ou guardar armas para pessoas envolvidas com o tráfico de drogas, ainda na infância. Por se tratarem de fatos isolados, não serão considerados marcadores do início do envolvimento.

Por *envolvimento* entendo a prática frequente de atos infracionais, onde se denota uma certa continuidade que acarretará adesão aos grupos que se formam no contexto da criminalidade, em algum momento passando pelo tráfico de drogas ou durando toda trajetória infracional. O envolvimento dos participantes se iniciou então entre 09 e 17 anos (1 adolescente aos nove anos, 5 adolescentes aos dez anos, 2 aos onze anos, 6 aos doze anos, 4 aos treze anos, 3 aos catorze anos e 1 aos dezessete anos de idade). 20 dos 22 entrevistados iniciaram o envolvimento entre 10 e 14 anos de idade.

Todos os participantes são usuários de drogas ilícitas, sendo que onze deles de alguma forma associam o uso ao início do envolvimento. A forma como apresentam essas narrativas passa a impressão de que iniciar a prática de atos infracionais é uma decisão simples, fruto da liberdade ou autonomia dispensada aos homens. Meu espanto diante da simplicidade desta decisão é uma demonstração do abismo que marca nossa interação na pesquisa. Contudo, diante de um contexto muito mais abrangente, que envolve pelo menos 22 histórias de vidas marcadas por diversas formas de violência, trago para a pesquisa e para os próximos capítulos algumas reflexões sobre tais “escolhas”. Sem qualquer pretensão de exaurir esta discussão, cabe aqui uma breve e reducionista apresentação das situações, incluindo palavras e expressões utilizadas pelos participantes.

Alexander via “os cara” com dinheiro, moto, mulheres, chamando atenção e pediu pra entrar no tráfico. Raione é filho de ex-patroa do tráfico e integra uma família amplamente envolvida. Aos dez anos, foi convidado por um primo para matar uma pessoa que tinha tentando matar um outro primo. Ele foi e nessa idade foi apreendido e inserido no sistema socioeducativo pela primeira vez. Marcos começou a fumar maconha, “pegar maldade” e depois se envolver. Marcelo começou a andar com um primo que furtava no centro da cidade e por isso começou a furtar também, para comprar roupas e pagar drogas. Como é morador de uma grande favela de Belo Horizonte, depois de um tempo furtando, pediu para entrar no tráfico. Riquelme, além de ser filho de patrão de tráfico, cresceu dentro de uma família envolvida. Ele afirmou que quis e pediu para entrar. Gabriel começou fumando maconha e depois de um tempo também pediu para entrar no tráfico. Ele morava na biqueira e já estava imerso no meio. Thales começou fumando maconha e depois de perder onze amigos assassinados em uma semana, ficou revoltado e se envolveu com o tráfico. Gustavo também é morador de uma grande favela da cidade e entrou por “emoção”. Afirmou que “resolveu” e foi. Filipe, quando passou a fugir de casa, começou a roubar supermercado, usar droga e depois decidiu entrar no tráfico. Aos dez anos, Peterson foi chamado pelos “caras da biqueira” e aceitou o convite. Mateus começou fumando um *chá* e depois foi convidado pra vender loló na porta da escola. Ele não quis fazer isso, mas aderiu ao trabalho na biqueira. Davi foi atrás das pessoas envolvidas com o tráfico, começou usando drogas, até que se envolveu. Michael experimentou droga e daí começou a fazer o *corre* para sustentar o vício. Ele afirma que foi instigado pelo irmão. Ronaldo passava dificuldade porque as pessoas da obra em que ele trabalhava não estavam pagando o salário. Ele começou então a *colar* na biqueira e se envolver. João Vitor começou fumando baseado. Um *de maior* o chamou para roubar,

perguntando ainda se ele tinha *disposição*. Ele disse que sim e foi. Miguel falou que a mãe passava dificuldade e por esse motivo foi atrás do tio que era envolvido, para se envolver também. Ryan começou a “ir na onda do irmão” que já era envolvido. Elias fazia pequenos furtos e trabalhava em um ferro velho. Seu colega de trabalho vendia droga e queria passar o plantão para frente. “Eu que quis”, ele disse. Calvin começou a fumar *chá* com 12 anos de idade e quando ele completou 14 anos o primo estava virando gerente do tráfico. Ele começou a guardar droga para o primo e depois de um “tempão” ele começou a vender. Matheus é de uma famosa favela da cidade e convivia com as pessoas envolvidas diariamente. Ele começou fazendo “*atividade pros cara*” e depois pediu para vender drogas. Fernando queria umas coisas que a mãe não podia dar. Juntou um grupo de sete adolescentes e começaram a furtrar, de bicicleta. Miguell via as pessoas envolvidas e que elas sempre tinham dinheiro. Isso o atraiu, ele começou também a usar drogas até que se envolveu.

O primeiro acesso à criminalidade é majoritariamente pelo tráfico de drogas, que se desdobra em furtos, roubos e homicídios. A estrutura não é única em todas as regiões e sua complexidade varia muito de acordo com a cidade e o tamanho da *quebrada*. Favelas grandes podem ter várias *biqueiras*, vários padrões e até serem divididas entre grupos rivais. Nas estruturas descritas pelos entrevistados aparecem os seguintes cargos, em ordem crescente de hierarquia: *atividade*, *pista* ou *vapor*, *bombeiro* ou *abastece*, *chefe de plantão* ou *dono de plantão* ou *plantonista* ou *monitor*, *gerentes* e *patrão*. A descrição de cada cargo é feita a partir da junção das informações fornecidas por alguns participantes sobre suas respectivas *quebradas*, mas admito a possibilidade de ser uma descrição reducionista, que talvez não acompanhe as particularidades de cada uma. A associação entre *vapor* e *pista* é comum a vários participantes de quebradas distintas. Já *bombeiro* e *abastece*, *chefe de plantão*, *dono de plantão*, *plantonista* e *monitor* apareceram em poucas estruturas, sendo essa associação feita por mim, como cargos intermediários que se localizam entre a pista e a gerência.

Atividade é quem dá notícia da movimentação da *biqueira*, da chegada *dos homi* e *dos alemão*. Um participante também associou pequenos serviços como levar almoço e outros objetos à *atividade*. Esse cargo usa rádio, telefone e muitas vezes nenhum desses equipamentos é necessário. *Pista* ou *vapor* é aquele que fica com a droga para efetuar as vendas. Em geral, ele pega a droga com o primeiro cargo acima do dele, ou com o *abastece* ou com o *bombeiro* — o que geralmente acontece no mesmo dia —, mas existem também alguns casos em que o adolescente compra a droga e vende por sua conta. *Abastece* ou *bombeiro* é quem leva a droga para a pista. Apenas dois participantes narraram a existência de

tais funções. Não foi possível verificar se esses cargos se relacionam de forma hierárquica com a *pista*. *Chefe de plantão*, *dono de plantão*, *plantonista* ou *monitor* é um segundo nível da *pista*, mas suas funções não são muito detalhadas. Quatro participantes narraram existir função análoga em suas *quebradas*, sendo que dois deles são da mesma *quebrada*. Dentre as atividades narradas estão decidir vender ou não vender pessoalmente as drogas, fazer escalas de plantão, distribuir a droga, recolher o dinheiro da pista, participar de reuniões e ser a referência do contato com o gerente. *Gerente*, em regra, é a autoridade imediata das funções anteriores. Ele distribui drogas, armas quando necessário, recebe dinheiro das vendas e é também a porta de acesso ao patrão. *Patrão* é a autoridade máxima identificada pelos participantes, muito embora em sua maioria não consigam descrever o que ele faz. Ao contrário disso, é comum dizerem que o *patrão* não faz nada, “*fica só de bucetão*”, “*só praia e maconha*”, sendo que quatro entrevistados informaram que os seus padrões sequer moram na *quebrada*. O patrão é também comumente chamado de *paizão*, *meu moço* e *cara de óculos*, é o dono da *quebrada* e uma autoridade não só do tráfico, mas também das pessoas da região.

Riquelme é *chefe de plantão* e a título de exemplo, apresento a estrutura de sua *quebrada*, com a descrição dos cargos feita por ele, em ordem crescente, bem como as idades aproximadas das pessoas em cada uma das funções. Perguntei se era uma *quebrada* grande, visto que constatei a presença de muitos cargos e ele respondeu “mais ou menos”.

Quadro 3: Estrutura da quebrada de Riquelme

CARGO	DESCRIÇÃO	IDADE
Atividade	Avisa quando os policiais estão chegando	13-14 anos
Pista	Vende a droga	Não informada
Abastece	É o que leva a droga para a pista, busca o dinheiro e leva para o chefe de plantão. O <i>pista</i> não pode pegar a droga pessoalmente por que “a pista não pode parar”. Ele faz esse transporte da forma que preferir, a pé, de moto, etc.	Não informada
Chefe de plantão	Coloca os outros três para trabalhar. Riquelme informa que cuida só do plantão dele e que “tem que colocar a droga pra rolar, não importa o jeito”. Ele recebe a droga “de cima” e passa para o <i>abastece</i> . Ele não tem local fixo, mas geralmente fica na casa da namorada — que mora na <i>boca</i> — vendo “o que tá pegando, o ponto que tá vendendo”.	17 anos, no caso específico de Riquelme. Geralmente a partir de 20 anos
Monitor	Monitora e resolve tudo. “Que que tiver pegando, droga que vem errada, qualquer coisa”. Monitor não trabalha para o gerente, trabalha para o patrão, mas	Entre 21 e 25 anos

	é um cargo abaixo do gerente.	
Gerente	É com quem se acerta a droga, dinheiro e quantidades. Resolve os problemas que o monitor não consegue resolver. São quatro gerentes na quebrada do Riquelme.	Entre 21 e 25 anos
Patrão	“Só praia e maconha”.	30 anos

O *patrão* de Riquelme é também seu irmão, que ele considera um pai, pois foi quem o criou. Ele estava preso na época da entrevista e mesmo assim ele associa sua atividade a “praia e maconha”. Eu tentei compreender um pouco melhor a atividade do *patrão*, mas ele não soube ou não quis me explicar com detalhes. Eu disse que se o *patrão* estava preso, é porque ele fazia alguma coisa relevante dentro daquela estrutura. Ele então me informou que o *patrão* foi preso em virtude de alguma investigação.

Pelo que eu pude perceber, sob a perspectiva de Riquelme, não enxergar alguma atividade que possa ser associada à regularidade de um trabalho formal, com certa disciplina e frequência, faz com que ele não associe a atividade do *patrão* a trabalho. Riquelme não sabe dizer, por exemplo, se é o *patrão* que atravessa a droga para o Brasil. Eu pergunto sobre os contatos e coisas afins e ele afirma que o *patrão* “só desembola tudo por telefone”. Pergunto também como é a dinâmica para mudar de cargo e ele informa que precisa de “tempo e foco” e que não necessariamente precisa alguém sair do cargo para outro subir. Tudo depende da vontade do *patrão* e da necessidade da *quebrada*.

Todos os participantes têm passagem pela *pista*, que é também o cargo onde ficam mais expostos e mais sujeitos a abordagens policiais. Por esse motivo, a reincidência também é alta, sendo identificada em dezenove das narrativas. Por reincidência considero não só aqueles casos em que são processados e inseridos no sistema socioeducativo, mas também as vezes que *rodam*. A rotatividade na *pista* é alta e sempre que um menor de idade *roda* ou toma um *balão* tem outro para substituí-lo, afinal, “a pista não pode parar”. É também nessa situação que alguns participantes partem para o roubo, pois veem suspensas sua possibilidade de remuneração. Dezoito entrevistados alegam já ter roubado.

Apesar do unânime envolvimento com o tráfico, sendo também essa a porta de entrada para dezessete deles, é o roubo o ato infracional mais comum nas medidas de internação. Em 2017, o roubo foi o ato infracional responsável por 3.045 medidas de internação, contra 411 do tráfico de drogas (SINASE, 2019, p. 45). O furto surge em quatro narrativas sobre o início do envolvimento, mas apenas um participante aponta o roubo como marcador. Se roubar fosse resultado de uma demanda meramente financeira do adolescente, talvez não fosse necessária a

adesão ao tráfico. Porém, os participantes da pesquisa começam a roubar depois que estão envolvidos com o tráfico, o que me leva a concluir que, provavelmente, para além do alegado *balão* — que retira a possibilidade de remuneração pelo tráfico —, o tráfico demanda que seus atores busquem também o roubo. Dentre meus dados de pesquisa, surgem indícios de que o roubo é necessário para pagar dívidas contraídas dentro do tráfico, mas também para incorporar valor à masculinidade do *bandido*, assim como matar e *representar* a *quebrada*.

Além da *pista*, quatro entrevistados já passaram pela *atividade* e seis alegaram ser *donos de plantão*. Dois participantes são ainda responsáveis por executar pessoas a mando do *patrão*. Raione não mais traficava e também não recebia pelas execuções que praticava. Perguntei o que ele ganhava com isso e ele respondeu que estava *representando* a *quebrada*. Disse ainda que “matar por dinheiro *é braba*”, também chamado “pé de pato”. Em contrapartida, por essa atividade, além da demonstrada satisfação em matar e *representar*, afirmou que “os cara fortalece” quando ele precisa de arma ou está sem dinheiro. Mas em geral ele é remunerado praticando roubos. Matheus vende drogas e também mata quando necessário. Afirmou que se mandar matar ele vai matar, se mandar destruir ele vai destruir. Quando eu perguntei se ele se sentia poderoso na *quebrada*, ele respondeu que tem um certo poder: “já matei pros cara, já representei”.

Informações sobre homicídios ou latrocínios surgiram em oito entrevistas, Alexander e Ronaldo informaram já ter matado na consecução das atividades no tráfico, mas se tratava de homicídios circunstanciais, não necessariamente eram encarregados dessa tarefa continuamente. Riquelme já cometeu latrocínio e Elias cumpria medida por latrocínio, mas afirmou não ser ele o responsável pelo tiro e sim o colega que o acompanhava na situação do ato. Filipe já executou uma pessoa por vingança e Ryan cometeu homicídio triplo, tentado e consumado.

Davi cumpria medida socioeducativa por estupro, informação esta fornecida pela equipe técnica da unidade. Desde o início, sua presença causou muitas brigas nas minhas oficinas. Os outros adolescentes sabiam informações sobre seu ato e ficavam provocando, chamando-o de *duzentão* e *jack*. Na sua entrevista eu não perguntei especificamente sobre isso, mas tentei abordagens que o conduzissem a me informar, caso quisesse. Ele não entrou no assunto e assim não permitiu que o mesmo se desenvolvesse.

4.3 Tráfico de drogas e concentração de renda

A criminalidade acompanha a mesma lógica capitalista, de exploração, estratificação e descarte de vidas. As *quebradas* não estão mais ricas, mais bonitas, nem houve uma melhora na distribuição de renda. O *patrão* do tráfico é muito semelhante ao patrão liberal, que concentra a maior parte da riqueza, exerce domínio sobre a comunidade e algumas vezes sequer mora na região. Quem mais lucra com a criminalidade não é quem está morrendo à frente desse front de batalha com as forças estatais, lotando o sistema socioeducativo e prisional. Pouquíssimos jovens das camadas populares conseguem estabelecer-se no crime, mas contribuem para que outros personagens enriqueçam (ZALUAR, 2002).

Uma das informações mais difíceis de se trabalhar, com precisão, foi aquela referente aos ganhos financeiros decorrentes do envolvimento com o tráfico. Com todos entrevistados eu insisti muito para entender como ocorre a remuneração e quanto isso representaria em um mês, por exemplo. Minha estratégia com os entrevistados consistia na seguinte sequência de indagações: 1) quanto ganhavam por plantão, em média; 2) se aquele valor era só deles, ou o total que passava nas mãos deles naquele dia; 3) quantos plantões eles faziam em um mês, ou como era a escala dos plantões. Eu fazia o cálculo, considerando os valores informados, ou a partir das informações sobre as cargas de drogas, que muitas vezes era uma linguagem contábil mais acessível, e continuava as indagações; 4) se aquele valor que eu encontrava era verdadeiro; 5) se eles já pegaram aquele dinheiro todo na mão; 6) quais bens eles já adquiriram com tanto dinheiro; 7) com o que gastavam.

Foram muitos os obstáculos enfrentados para compreender as informações fornecidas. O primeiro deles é talvez nosso distanciamento linguístico e minha dificuldade de explicar a informação que estava buscado. O segundo é a constatada defasagem escolar dos participantes, que me levou a concluir que nem todos sabiam fazer os cálculos e as médias que eu buscava. O terceiro é que a remuneração é por plantão e quase instantânea. À medida em que vão recebendo, muitos já vão repassando o dinheiro para os cargos superiores e gastando a parte que lhes competia. Não é prudente que fiquem com grandes quantidades de dinheiro, pois, pelo que informam, para a polícia e para o poder judiciário, quando o indivíduo é alguém da favela, ter muito dinheiro é um dos indícios do envolvimento com o tráfico. O quarto é que eu buscava uma regularidade que muitas vezes não condiz com a realidade da criminalidade, onde os *desacertos* são muito frequentes. Como foi dito anteriormente, a rotatividade é muito alta e é absolutamente possível que um adolescente não consiga ficar um

mês direto na *pista*, seja por estar em internação, ou afastado por um *balão*, ou por ter abandonado momentaneamente o ofício, ou mesmo se escondendo de abordagens policiais.

Além desses obstáculos, me deparei com a dificuldade de avaliar algumas informações fornecidas. Alguns participantes informaram que recebiam valores tão altos que me pareceram ilusórios, principalmente se comparados à sua situação socioeconômica e de seus familiares. Por mais que eu tentasse destrinchar os hábitos de consumo — quantos tênis possuem, roupas, quanto gastam nas alegadas festas e bailes — as informações sobre o que ganhavam, com o que gastavam e o que possuíam me soavam incompatíveis. Seguindo as informações fornecidas pelo Mateus, por exemplo, chegamos a um valor mensal de 24 mil reais. Ele informa que atua na pista, é envolvido desde os 12 anos, tem 16 anos e não tem nenhum bem ou dinheiro guardado. No total, 10 entrevistados informaram não possuir bens. Sete deles possuem bens, Alexander e Riquelme tinham uma moto, Raione tinha 50 mil enterrado, do último roubo praticado, Michael e Elias têm dinheiro guardado, Miguel tem uma moto e um carro, Ryan tem um terreno. Os demais não prestaram essa informação. Por mais que os prejuízos sejam parte do cotidiano no tráfico — perder drogas, dinheiro e armas nas abordagens policiais, além de pagar subornos aos policiais —, não me parecem razoáveis algumas narrativas sobre remuneração apresentadas por parte dos entrevistados. Desloquei então a atenção da remuneração para a concentração do dinheiro que passava pelas mãos dos entrevistados, naqueles casos em que esse cálculo era possível. Em alguns casos, o parâmetro é o próprio dinheiro e em outros casos, o parâmetro é a droga.

• *Entrevistados com plantão*

- ✓ *Alexander*: Em um dia, de R\$48.000,00 que ele recebe das pessoas que vendem sob sua supervisão, ele retém R\$8.000,00 e passa R\$40.000,00 para os cargos superiores, o que corresponde a 83,33%. A parte que ele retém é dividida por 10 pessoas, entre atividade, pista e outros donos de plantão;
- ✓ *Miguel*: A cada 24 bombas, 4 remuneram o Miguel e 20 são para remunerar os cargos superiores, o que corresponde a 83,33%.

Obs.: Embora Alexander e Miguel sejam da mesma quebrada, Miguel não informou sobre a divisão da parte que ele retém. Mas, a informação de Alexander é pertinente, visto que, como donos de plantão, são responsáveis por acertar com os cargos que estão sob sua

supervisão. Isso demonstra a dificuldade de alguns em delimitar as informações, ou minha dificuldade de pedi-las de uma forma mais assertiva.

•**Entrevistados na pista**

- ✓ **Marcelo:** *A carga de pedra tem 60 pedaços de R\$10,00, totalizando R\$600,00. Ele fica com R\$90,00 e passa R\$510,00 para os cargos superiores, o que corresponde a 85%;*
- ✓ **Thales:** *Ele vendia só maconha e de cada quatro dólar, um era dele e 75% dos cargos superiores;*
- ✓ **Gustavo:** *A cada carga de pedra que ele vende, R\$50,00 são dele e R\$100,00 ele passa para os cargos superiores, o que corresponde a 66,66%;*
- ✓ **Mateus:** *A cada carga que ele vende, cinco são dele e o valor das outras dez ele passa para os cargos superiores, o que corresponde a 66,66%;*
- ✓ **Davi:** *Em uma carga de dólar ou de pedra, cinco são dele e 20 são passados para os cargos superiores, o que corresponde a 80%;*
- ✓ **Elias:** *Afirmou que no tráfico, enquanto ele ganhava R\$1.000,00 por semana de trabalho, o gerente ganhava R\$7.000,00, o que corresponde a 87,5% do valor total.*
- ✓ **Calvin:** *Dos R\$4.000,00 que passavam pelas mãos dele, ele ficava com R\$800,00 e passava R\$3.200,00 para os cargos superiores, o que corresponde a 80%;*
- ✓ **Fernando:** *Dos R\$3.000,00 que passavam pelas mãos dele, ele ficava com R\$200,00 e passava R\$2.800,00 para os cargos superiores, o que corresponde a 93,33%.*

Obs.: As informações passadas por Fernando são da época em que ele atuava na *pista* e ele informou que acabara de receber o *plantão*.

Fica então evidente que na estrutura do tráfico existe uma grande concentração de renda nas mãos de *patrões* e *gerentes*, principalmente *patrões*, seguindo a mesma lógica capitalista de uma empresa comum. A quantidade de pessoas na *atividade*, na *pista*, ou chefiando *plantões* é infinitamente maior que a quantidade de *patrões*. Contudo, dentro dessa amostra, uma média de 80,08% do capital que passa pelas mãos dos participantes é direcionada para os cargos superiores. A grande rotatividade demonstra ainda que ninguém ali é indispensável ao funcionamento da estrutura, a não ser talvez o próprio dono da estrutura, ou o *patrão*. Isso não significa que o *patrão* seja a última posição hierárquica, já que os

participantes da minha pesquisa não souberam ou quiseram informar detalhes sobre a travessia das drogas, se era realizada pelos patrões, ou se contavam com o apoio de outros órgãos, pessoas e estruturas.

A criminalidade é um espaço de homens, que em alguns discursos assume uma natureza subversiva, antissistema, mas que na verdade produz, reproduz e retroalimenta violências que atingem principalmente aqueles que ocupam a base dessa estrutura, homens pretos, pobres e periféricos. Nesse contexto são moldadas masculinidades, igualmente hierarquizadas, tornando a hegemonia possível àqueles que são alijados do acesso a bens simbólicos produzidos na sociedade em geral. Nem todo *bandido* terá o topo, mas a promessa que inclui dinheiro, mulheres e poder mobiliza milhares de adolescentes a tentar, ainda que isso custe suas vidas.

5 ELES E ELAS: O BINARISMO COMO PONTO DE PARTIDA

Ah por que deus criou nois uai, o homem e a mulher

(Marcos, 16 anos)

O que é ser homem para você?

Uma pergunta que leva a maioria dos participantes a pensar pela primeira vez sobre o assunto e arriscar uma resposta. A eles não restam dúvidas de que são homens e que eu sou uma mulher, mas não existe exatidão sobre o que nos diferencia. A resposta talvez óbvia, a marca da diferença reprodutiva dos nossos corpos não é a única noção que os acompanha. Ao contrário disso, a biologia não foi a resposta imediata de ninguém, surgindo em doze entrevistas após as seguintes provocações: “como você sabe que você é homem e eu mulher?”, ou ainda “é o *pinto*³⁵ e a vagina?”. Ainda que esses marcadores não sejam uma resposta imediata, é possível concluir pela análise integral do material de pesquisa que, para o grupo de participantes, nascer com um pênis é o primeiro requisito para ser um homem. Talvez as respostas não apresentem esse marcador, exatamente por não cogitarem a hipótese de existir um homem sem pênis e que isso sequer precisa ser dito. Porém, em algumas respostas a necessidade de ser ter um pênis foi explicitamente dita.

Peterson demorou a arriscar uma resposta, mas diante da minha insistência respondeu que o homem que ele conhece era seu pai e que ele era adolescente, pronto para virar homem. Perguntei se era necessário ter um *pinto* e ele respondeu: “tem que ter pinto”. Riquelme disse que ser homem era viver como ele vive, evidenciando que sua compreensão da pergunta era a de apontar um homem ideal, ou mais valorizado, não um homem “qualquer”. Indagado sobre a forma como ele vivia e se podia descrevê-la melhor, ele afirmou: “ah, não tem como explicar não. Ser homem pra mim é, sei lá. É ser homem”. Perguntei então se era necessário ter um *pinto* e ele respondeu que sim. Ronaldo compreendeu a pergunta da mesma forma que Riquelme e afirmou que ser homem é não abaixar a cabeça para ninguém. Perguntei então se eu, uma mulher, poderia abaixar a cabeça e ele disse que também não. Finalizei perguntando como ele sabia que ele era homem e a resposta foi que ele nasceu homem, nasceu com um pênis.

³⁵ Geralmente é assim que me refiro ao pênis, nas entrevistas.

É significativo também um padrão de respostas que afirma que uma pessoa que tem pênis, mas não reúne outros atributos, pode ser desqualificada como homem. Essa noção talvez demonstre que a premissa da construção social dos gêneros vem superando os determinismos biológicos e já alcançam as juventudes. Para Mateus, Davi e Elias, ser homem não era “só” ter um pênis, defendendo a ideia de que existem mais coisas, ainda que não necessariamente saibam apontá-las. Quando pergunto se ser homem é ter um pinto, Davi responde: “não ué, é ter responsabilidade”. Mateus teve muita dificuldade para responder como ele sabia que ele era homem, mas insistiu que não é só por que ele tem um pênis. Elias segue a mesma linha de Mateus e afirma que não é só o pênis que o faz um homem.

Em geral, o maior obstáculo encontrado foi o de se pensar *homens* como indivíduos autônomos, não relacionais, o que era superado quando traçavam um paralelo com *mulheres*. As respostas espontâneas cuidavam muito mais de dizer quais são as características esperadas de um homem passível de ter a admiração deles, sendo o trabalho a mais comuns delas, indicando talvez um modelo hegemônico de masculinidade. Apesar do demonstrado constrangimento de alguns para falar sobre pênis e vaginas com uma mulher, o que foi possível constatar é que *ser homem* é ser muita coisa, mas, antes de tudo, *ser homem* é não ser uma mulher. Dentro dos Estudos Culturais é formulada a premissa básica de que a oposição binária é elemento constitutivo das Identidades Sociais e que existe “o *nós* (aquilo que somos) e o *eles/elas* (aquilo que são, ou o que não somos nós) ou seja, *os/as outros/as*” (CARDOSO, 2004, p. 52). Ainda segundo apontado pelo professor brasileiro Frederico Assis Cardoso:

São as posições que os sujeitos assumem, e com as quais se identificam, que dão forma às identidades. Por isso, a identidade é sempre relacional, uma vez que, para existir, ela é construída na dependência de uma *outra* identidade, daquela que é diferente. *Os/As outros/as*, por sua vez, são sempre marcados/as por condições sociais e materiais diferentes da nossa (CARDOSO, 2004, p. 52).

Marcos nunca tinha parado para pensar sobre o que é ser um homem, mas apresenta um padrão de fala em que demonstrou ter certeza de que ele era homem e que eu era sua *outra*, uma mulher. É o registro do nosso diálogo:

Izabela: Você já parou pra pensar sobre o que é ser homem procê?
 (...)
 Izabela: Você nunca parou para pensar nisso não?
 Marcos: Não.
 Izabela: Mas você é homem?
 Marcos: Sou uai.
 Izabela: Eu sou mulher?

Marcos: Você é mulher.
 Izabela: E como que nós sabemos disso?
 Marcos: Ah por quê, não sei.
 Izabela: Pode falar uai.
 Marcos: Mas eu não sei.
 Izabela: Então por que você afirmou que eu sou mulher com certeza e que você é homem com certeza?
 Marcos: Ah por que deus criou nois uai, o homem e a mulher.
 Izabela: Você acha que é por que você tem um pinto e eu tenho uma vagina?
 Marcos: Ah. Não ué. É uai, pra mim é isso, que eu sou homem.
 (...)
 Izabela: Então o que é ser homem pra você, é ter pinto, ou tem mais alguma coisa?
 Marcos: Ser homem pra mim é ser sincero, verdadeiro, pra mim é ser homem.
 Izabela: E o que mais?
 Marcos: Pra mim ser homem é um homem que trabalha na vida, pra mim isso é um homem. Se não for isso, pra mim é um moleque.

Miguel também afirmou que é um homem e que tudo que ele faz compõe sua identidade masculina. Ele teve dificuldade para destrinchar esses hábitos que o fazem um homem e abandonou a resposta. Quando eu pergunto se ele é homem e eu mulher porque nascemos com pênis e vagina, respectivamente, ele afirma: “é ué, por causa disso aí mesmo. Deus fez o homem e a mulher”. Marcelo também nunca tinha refletido sobre o tema, mas afirmou que é um homem. Quando indagado sobre a relacionalidade da nossa interação, ou por que é possível afirmar que ele é um homem e eu uma mulher, ele responde: “porque seu sexo é feminino e o meu é masculino”.

Marcos, Miguel e Marcelo são homens e eu sou mulher! Isso é um fato, que dentro de uma lógica binária, é evidenciado pelos símbolos que todos/as carregamos em nossos corpos, ainda que minha vagina e seus pênis não estejam à mostra uns para os/as outros/as. Conceitos normativos, como aqueles produzidos pelas religiões, direcionam a interpretação desses signos a uma oposição que faz com que eles tenham certeza de que são homens, de que eu sou uma mulher e que isso é ainda uma criação de deus. Sobre o gênero e os aspectos em torno dele implicados, afirma Scott (2019):

Segundo aspecto: os conceitos normativos que colocam em evidência interpretações do sentido dos símbolos que tentam limitar e conter as suas possibilidades metafóricas. Esses conceitos são expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas e tipicamente tomam a forma de uma oposição binária que afirma de forma categórica e sem equívoco o sentido do masculino e do feminino (SCOTT, 2019, p. 67).

Segundo Viveros Vigoya, a masculinidade é uma noção relacional que se constrói em oposição à feminilidade (VIVEROS VIGOYA, 2018, p. 24) e por esse motivo a apresentação de uma resposta pelos participantes é mais acessível quando é possível pautar a masculinidade

em oposição à minha feminilidade, sem com isso encerrar a discussão sobre a complexidade do que significa ser um homem. Compreendendo gênero como “elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos” (SCOTT, 2019, p. 67), é possível perceber que, para os participantes, na construção dessas relações, o homem se posiciona em paralelo com a mulher, marcando aí, enquanto categoria política, a “forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 2019, p. 67).

Essa relação tem início na constatação da presença de um pênis ou de uma vagina, o que direciona a socialização de nossos corpos, mas para a maioria dos participantes essa oposição não necessariamente carrega a ideia de superioridade masculina. Dezesesseis participantes afirmaram que não consideram homens superiores, ou melhores que mulheres. Considerando a individualidade de suas trajetórias e a situação da pesquisa — a privação de liberdade — é até possível concluir que alguns deles pensem o contrário disso. Calvin, por exemplo, afirmou que as mulheres é que são superiores, com isso querendo dizer que tomam decisões mais acertadas e administram melhor suas vidas. Mateus disse que “mulher é mais cabeça”, “você não vê mulher envolvida em crime, você não vê mulher fazendo violência. Aí você só vê os homens”. Dois participantes não responderam ou não souberam informar e somente três acreditavam que homens são superiores.

É verdade que os participantes pressupõem que deus é um homem, que presidentes são homens e que patrões do tráfico também. Mas eles enxergam as relações de gênero e quando são provocados a pensar sobre o tema, nem sempre concluem que possuem vantagens políticas, sociais ou econômicas nessa interação, ou que possam auferir algum tipo de rendimento social apenas por serem homens. Ao contrário disso, conforme afirma hooks (2019):

homens pobres e operários que foram educados por meio da ideologia sexista para acreditar que existem privilégios e poderes que eles deveriam possuir pelo mero fato de serem homens geralmente descobrem que poucos ou nenhum desses benefícios lhes são concedidos automaticamente em suas vidas (HOOKS, 2019, posição 1567).

Os participantes da pesquisa demonstraram um movimento de reflexividade dos padrões de gênero, o que sem dúvidas é também decorrência da sensibilidade da situação de privação de liberdade e das oficinas ofertadas. Eles veem mulheres ocupando espaços jamais sonhados por eles, meninas se destacando na escola e terminando os estudos. Mães, avós, tias e mulheres diversas que trabalham e com muita dificuldade se mobilizam para acompanhá-los durante a medida socioeducativa, fazendo visitas, providenciando kits com roupas, comidas,

produtos de higiene. Eles enxergam que nas *quebradas*, são as mulheres que cuidam sozinhas de suas famílias e que, principalmente, elas não estão significativamente fazendo a “escolha” de se envolver com algo tão violento e perigoso como o *corre*. Eles também olham para as próprias trajetórias, a de seus pais, familiares e diversos homens aderindo às *biqueiras*, apanhando da polícia, matando, morrendo e sendo presos, cotidianamente. São bandidos, vagabundos, malandros, que tanto podem ser nomenclaturas que valoram quanto menosprezam homens e masculinidades. Tudo isso faz parte de uma complexa relação entre homens e mulheres, e entre homens e homens, e não só opressores e oprimidas. Apesar da verificada reflexividade, é possível perceber que os homens não se permitem tantas negociações e aproximações com o que entendem por feminino, como afirma Connell:

Os rapazes são pressionados a agir e a sentir *dessa* forma e a se distanciar do comportamento das mulheres, das garotas e da feminilidade, compreendidas como o oposto. A pressão em favor da conformidade vem das famílias, das escolas, dos grupos de colegas, da mídia e, finalmente, dos empregadores. A maior parte dos rapazes internaliza essa norma social e adota maneiras e interesses masculinos, tendo como custo, frequentemente, a repressão de seus sentimentos. Esforçar-se de forma demasiadamente árdua para corresponder à norma masculina pode levar à violência ou à crise pessoal e a dificuldades nas relações com as mulheres (CONNELL, 1995, p. 190).

Dentro do campo de pesquisas sociais foi demonstrado que “não há uma masculinidade, fixada por nossos genes, mas muitas masculinidades, feitas e refeitas na história” (CONNELL apud VIVEROS VIGOYA, 2018, p. 9). Dentro de uma lógica patriarcal, a aproximação dos homens aos padrões de gênero feminino e/ou incorporação de alguns de seus signos ocorre quando esses padrões passam a ser também padrões de masculinidade, que decorrem de políticas e demandas históricas específicas e por isso passíveis de valorização, legitimação e consolidação de hegemonia. Um exemplo disso é apresentado pela professora brasileira Juliana Albuquerque Sulz, que afirmou que nas últimas décadas ocorreram mudanças nos modelos tradicionais de família, que demandaram uma reorganização dos exercícios das funções dos/as seus/suas membros/as. “Essa transformação deu início a uma alternância de funções em que os homens precisaram se adaptar a diferentes realidades e necessidades de seus/suas filhos/as”. (SULZ, 2020, p. 12). O resultado dessa mudança pode ser observado nas narrativas dos participantes. Todos eles apontaram que um homem que troca fraldas de seus/suas filhos/as é um homem respeitável, acrescentando Elias que esse “é o melhor tipo de homem”. As juventudes socioeducativo, em geral, acham admirável um homem que cuida de seus/suas filhos/as, para além da parte financeira. Para

eles, as tarefas de dar banho, trocar fraldas, alimentar, são atribuições femininas e masculinas, se diferenciando pela obrigatoriedade destinada às mulheres e voluntariedade destinada aos homens, sendo ainda garantida “uma *margem de segurança* dos comportamentos com traços de feminilidade” (SULZ, 2020, p. 12).

Compreender então esses processos históricos que fazem e refazem masculinidades, sob uma ótica feminista, é trazer para análise os mecanismos de dominação e acúmulo de poder pela categoria política *homens*, enquanto grupo social dominante, mas também os mecanismos de dominação desse grupo de homens, que são jovens, negros, periféricos, de baixa escolaridade, e também homens individuais e não “parte de um binômio simétrico” (CONNELL apud VIVEROS VIGOYA, 2018, p. 9).

5.1 Eles e eu: “Você é preconceituosa hein, Izabela?”

A análise interseccional dos gêneros para leitura das desigualdades sociais permite a reflexão sobre a distribuição desse poder (VIVEROS VIGOYA, 2018,), o que, neste contexto, talvez se concentre nas minhas mãos, em detrimento dos participantes. Saffioti assim afirma:

a sociedade não está dividida entre homens dominadores de um lado e mulheres subordinadas de outro. Há homens que dominam outros homens, mulheres que dominam outras mulheres e mulheres que dominam homens. Isto equivale a dizer que o patriarcado, sistema de relações sociais que garante a subordinação da mulher ao homem, não constitui o único princípio estruturador da sociedade brasileira (SAFFIOTI, 2001, p. 16).

É então no sistema socioeducativo que mais um princípio vai estruturar as relações sociais, estabelecendo também novas noções de poder e dominação. A institucionalização dos participantes se constitui como um dos mais relevantes fatores de desigualdades, que certamente tensionam as noções de poder ali dispostas. Ryan destaca em sua entrevista que a privação da liberdade atravessou sua trajetória, afetando sua identidade e de certa forma desqualificando-o como *bandido*. Ele transfere ainda para mim a vantagem sobre nossa relação, afirmando: “bandido pra mim é ocê, mano. Tá indo embora pra sua casa hoje. Que bandido que eu sou aqui dentro?”. No total, catorze participantes afirmaram que não se sentiam *bandidos*, o que tanto se relaciona com o fato de que, privados de liberdade, essa identidade é enfraquecida, quanto ao fato de que, para muitos deles, o *bandido* é um modelo de hegemonia que ocupa outros patamares, superiores ao deles, como o *patrão*, ou o político, ou o empresário. Para Ryan, bandido de verdade usa terno e gravata. Para Alexander, bandido

é político e para Elias, políticos e empresários são bandidos maiores que todos os outros que possam parecer bandidos.

A suposição de que homens sempre exercem poder sobre todas as mulheres, que são eles “privilegiados” e algozes, fazendo “circular de uma forma invertida a ideia de um conflito básico entre os sexos” (HOOKS, 2019, posição 1450) gerou e ainda gera críticas ao movimento feminista. Ainda segundo hooks, as ativistas do movimento — predominantemente brancas e burguesas — na verdade se condoíam de não dividirem de forma equânime os privilégios de classe com os homens brancos (HOOKS, 2019, posição 1454). O mesmo não acontecia com as mulheres negras, que percebendo a exploração dos homens de seu grupo social e sabendo que “esses homens não possuem poder político, econômico e social, elas não almejam a sua situação” (HOOKS, 2019, posição 573).

O sentimento de hostilidade em relação aos homens alienou muitas mulheres pobres, da classe trabalhadora, negras, periféricas, do movimento feminista. A experiência dessas mulheres demonstrava que elas “têm mais em comum com homens de seu grupo racial e/ou de classe do que com mulheres brancas” (HOOKS, 2019, posição 1472). Citando Saffioti, hooks afirma que o feminismo burguês no fundo foi um feminismo da classe dominante e não coloca em xeque o *status quo*. Acrescenta:

Desse ângulo, o feminismo pequeno-burguês não é, na verdade, um feminismo. Representa, ao contrário, uma força de consolidação da sociedade de classes, na medida em que permite a esta assumir uma aparência que melhor dissimule suas contradições internas (HOOKS, 2019, posição 622).

Essa ideologia reducionista das relações de gênero gera ao menos dois empecilhos ao avanço das políticas feministas. O primeiro deles é partir da premissa de que a violência e a política opressiva são masculinas, essencializando essa relação. Essa visão tanto afasta as mulheres da necessidade de olharem para si e para as relações de poder e dominação que exercem sobre outras pessoas (HOOKS, 2019, posição 1792), quanto limitam as possibilidades de engajamento e autotransformação dos homens. Em certa medida, esse pensamento aponta para a incoerência do trabalho que venho desenvolvendo no sistema socioeducativo, pois se “homem é assim” não tem por que insistir em processos educativos para que sejam diferentes.

O segundo empecilho é aduzir a passividade feminina nas relações gênero. Ser adulta e livre não foram elementos suficientes para que eu concluísse, inicialmente, que eu poderia estar exercendo algum tipo de poder sobre adolescentes que estavam privados de liberdade.

Aquela visão, na verdade, demonstrara que não importa o que eu faça, o quanto estude, os acessos materiais e simbólicos que conquisto, os espaços políticos que ocupo, um homem sempre seria meu opressor. Pensar dessa forma é negar a realidade, é desconsiderar processos históricos e conquistas feministas que já foram internalizadas por toda sociedade. Ser uma sujeita invariavelmente oprimida é duvidar do caráter revolucionário do movimento feminista e como tal, incapaz de acabar com a opressão sexista. Acrescenta hooks:

A ideologia feminista não deveria encorajar as mulheres a se verem como impotentes (isso é o que o sexismo tem feito). Deveria esclarecer as mulheres a respeito do poder que elas exercem diariamente, mostrando-lhes as formas pelas quais esse poder pode ser usado como arma contra a exploração e a opressão sexista. O sexismo nunca retirou o poder das mulheres. Nem suprimiu sua força ou a explorou. Reconhecer essa força, esse poder, é um passo que as mulheres podem dar juntas no sentido de sua libertação (HOOKS, 2019, posição 1934).

Ainda segundo hooks (2019), mulheres brancas projetam sobre mulheres negras a ideia da força, promovendo uma falsa ideia de que são desprovidas de poder e vítimas passivas do sexismo. Elas, nós, não somos mobilizadas a pensar a nossa agressividade, nosso poder e necessidade de dominação. Isso nos impede de “transcender o racismo”, além de limitar o escopo da nossa compreensão da diversidade das experiências das mulheres no Brasil e também dos homens (HOOKS, 2019, posição 519). Ouvindo todo o material de pesquisa ficou evidenciado muito dos meus preconceitos e meu racismo. Miguel, por exemplo, chegou a me chamar de preconceituosa, porque eu perguntei se as pessoas usavam armas nos bailes que ele alegou frequentar. Eu sequer pedi desculpas pela minha fala e me limitei a tentar explicá-la, sem refletir naquele momento a carga de preconceito daquela experiência. Identifiquei também falas com uma pretensa superioridade, advinda da minha liberdade, mas também por me sentir uma pessoa politizada, que tem certo domínio teórico sobre a temática de gênero e por isso nem sempre dar a devida credibilidade ao que eles formulam sobre o tema. Tudo isso, sem dúvidas, tensionou minha visão inicial sobre um rótulo que me foi dado por alguns adolescentes, o de “professora que tem resposta para tudo”.

Como única mulher nas oficinas, todas as narrativas que envolviam mulheres recaía somente sobre mim a obrigação de tensionar. Com o tempo eu desenvolvi algumas habilidades, como a de elaborar sucessivas perguntas, para levar o adolescente à reflexão e assim talvez perceber que as posturas que ele defendia eram prejudiciais principalmente para ele. Exemplo disso é a ideia coletiva de que homens devem pagar bebidas, drogas e demais despesas das mulheres nas noites de festas e bailes. Eu me mostrava curiosa, ia perguntando

sobre o preço das coisas, que bebidas e drogas eles/elas gostavam mais, a rotina dos eventos, com quantas mulheres eles precisavam se relacionar e se eles sempre transavam com elas. Eles descreviam os prazeres associados a essas noites regadas a uísque, drogas e mulheres, que eles nomeavam de *novinhas*, *piranhas* e *putas*, e nos comentários finais eu afirmava algo do tipo: “ela comeu, bebeu e usou droga de graça e agora você está aqui”. Esse tipo de abordagem fez surgir o rótulo de quem tem resposta para tudo, que pode também ser uma resposta do grupo à minha manifestação de superioridade argumentativa, ou mesmo arrogância e insensibilidade, que em alguns momentos certamente gerou incômodos e sentimento de inferioridade entre eles, como naquelas situações que fui chamada de *tirada*.

Em um dos encontros do caderno de campo eu levei várias cópias de um documento³⁶ que continha o perfil do *Instagram* e algumas postagens de um psicólogo que trabalha a temática de masculinidades, com informações que não são tão comuns de serem acessadas pelos homens. A relação com a pornografia, a supervalorização da penetração na relação sexual e a violência são alguns dos temas abordados. Na segunda página do documento, havia postagens sobre sentir atração sexual por outros homens, abuso sexual de meninos e a possibilidade de sentir prazer na próstata, pela via anal. As duas turmas da oficina reagiram praticamente da mesma forma ao virar a página do documento. Ficavam visivelmente nervosos e imediatamente perguntavam se eu estava de *tiração* e que o assunto era *bravíssimo*. Mesmo sabendo que eu deveria *abandonar as ideias* eu insistia nas reflexões, questionando a reação dos adolescentes, causando muitos incômodos e demonstrando que nem sempre eu consigo respeitar os limites estabelecidos por eles.

Não são os participantes da pesquisa os representantes da minha opressão de gênero. Ou talvez sejam em alguns momentos e em outros não. São muitos os princípios e os (des)valores que estruturam a sociedade brasileira e, sendo assim, o gênero não atua sozinho. Eu também exerço poder sobre os participantes, extrapolo limites, além de ser representante de várias das violências que eles experimentam diariamente, como o racismo. Gênero, feminilidades e masculinidades se constroem em contrastes distintos e estão inscritos “em

³⁶ Recentemente eu trabalhei novamente com esse material. Mesmo sabendo da polêmica que ele gera, após a oficina, intencionalmente, eu mostrei e entreguei o material para agentes socioeducativos, indicando o perfil do psicólogo. Na semana seguinte eu recebi uma ligação, sendo advertida que aquele tema podia ser trabalhado, mas que eu deveria “avisar” a coordenação, para que eles preparassem a equipe. O argumento foi o de que os agentes socioeducativos levaram reclamações dos adolescentes, mas também foi identificado incômodo por parte dos agentes. Que o tema é delicado e que gera reações entre os adolescentes eu já sabia. Mas tendo trabalhado com esse material antes sem que chegasse à coordenação qualquer reclamação, eu me pergunto se o maior incômodo foi dos adolescentes ou dos agentes socioeducativos, que diante daquele material podem até ter provocado os adolescentes.

diferentes relações sociais (de classe, idade, raça, etnicidade, cor de pele e região)” (VIVEROS VIGOYA, 2018, p. 24), se organizando hierarquicamente com vínculos entre mulheres e homens, homens e homens, mulheres e mulheres, e várias outras elaborações que já ultrapassam as noções binárias de gênero.

5.2 Eles e Elas: A branca é mais *gostosa*

Saffioti informa que as dinâmicas das relações de poder possuem alternâncias, mas que a supremacia masculina perpassa todas as classes, possui recortes étnicos raciais e um mesmo homem subjugado por uma mulher em determinado aspecto social poderá exercer domínio sobre outras mulheres em outro recorte. Acrescenta a autora que:

De modo geral, contudo, a supremacia masculina perpassa todas as classes sociais, estando também presente no campo da discriminação racial. Ainda que a supremacia dos ricos e brancos tome mais complexa a percepção da dominação das mulheres pelos homens, não se pode negar que a última colocada na "ordem das bicadas" é uma mulher. Na sociedade brasileira, esta última posição é ocupada por mulheres negras e pobres.

O poder do macho, embora apresentando várias nuances, está presente nas classes dominantes e nas subalternas, nos contingentes populacionais brancos e não-brancos. Uma mulher que, em decorrência de sua riqueza, domina muitos homens e mulheres, sujeita-se ao jugo de um homem, seja seu pai ou seu companheiro. Assim, via de regra, a mulher é subordinada ao homem. Homens subjugados no reino do trabalho por uma ou mais mulheres detêm poder junto a outras mulheres na relação amorosa” (SAFFIOTI, 2001, p. 16).

Um adolescente que em algum momento se posicione em subjugo a mim poderá reivindicar poder e superioridade diante de uma adolescente da mesma *quebrada*, por exemplo, o que é demonstrado em vários momentos do caderno de campo e nas entrevistas. Mulheres que frequentam bailes funk e mulheres das *quebradas* nem sempre são valoradas³⁷ como as mulheres de fora da *quebrada*, principalmente quando o tema são os relacionamentos amorosos. Michael descrevia a aparência do que ele entendia ser um homem admirável, vindo a descrever sua própria aparência no *mundão*. Afirmo que ele anda *pinchado*, ou seja, limpo, arrumado, com roupa de marca, que a mulher vai olhar e ele vai estar “bonitinho”, “cabelinho na régua, arrepiado”. Perguntei se homens poderiam vestir qualquer roupa e também da

³⁷ A possibilidade de atribuir valor às mulheres, precificar, objetificar, é uma perspectiva dos participantes e por isso essas nomenclaturas serão utilizadas nesta pesquisa. Mas dentro de um viés feminista, nós mulheres não damos aos homens o “direito de coisificar ou reificar as mulheres tratando-as a partir do mais grotesco chauvinismo como objetos de consumo ou ostentação, meros adornos do *status* e poder de um homem” (CARNEIRO, 1995, p. 547).

necessidade das roupas de marcas famosas e caras, e ele afirmou: “se eu quiser pegar uma mulher, tipo, sem ser essas mulher assim, de favela assim, eu vô tá daquele naipe, trajadinho, de calcinha jeans”. Continuamos nosso diálogo:

Izabela: tem algum problema pegar as meninas de favela?

Michael: Não, né. Não é que tem problema, né. Pra namorar assim é melhor pegar uma menina assim mais, melhorzinha, certinha, bonitinha.

Izabela: Mas as meninas da favela não são certinhas não?

Michael: Não, tem umas que não, a maioria assim, fica com um fica com outro.

Izabela: Ah, mas você acha que isso é só na favela, querido?

Michael: Não, né só na favela não, mas a gente tem que saber escolher ué.

Izabela: Não, a gente não tem mais esse negócio de ficar com uma pessoa só não. Em qualquer lugar. Hoje em dia, já foi essa época.

Michael: Mas tipo assim se eu vou pegar uma menina assim pra mim fechar mesmo, pra eu não trair ela eu vou pegar uma mulher que também não vai caçar me trair quando eu não tiver por perto.

(...)

Izabela: Você acha que, as mulheres da favela, é, tipo assim, saem pegando os caras mais que as meninas de fora da favela?

Michael: Acho (...). Que as meninas de favela gostam mais de ir pra baile assim, aí com as amigas, aí fica muito loucona.

Izabela: O dia que você for nas baladinhas de playboy você vai ver, é a mesma coisa.

Nesse diálogo eu não reuni esforços para desmobilizar o pensamento do adolescente, seu olhar moralizador, que pressupõe o direito ao controle sobre as mulheres, seus corpos e seus hábitos pelos homens. Eu queria na verdade entender a premissa de que as mulheres de fora da favela são “melhorzinha, certinha, bonitinha” e da hierarquia que ele estabelece entre as mulheres. Outra situação importante para mobilizar essa reflexão acontece na oficina de número quatro do caderno de campo. Eu levei alguns clipes de funk que eu considerava machistas, de Mestres de Cerimônia (MCs) homens. Na sequência eu apresentava paródias com as respostas das mulheres a essas músicas, que assim como eu, as consideravam machistas. Levei, inclusive, uma paródia composta por mim. Quando os clipes com as músicas originais tocavam, a turma se agitava, muitos deles se levantavam e um só coro ressoava na sala. Paralelamente, comentavam sobre as mulheres e os corpos ali exibidos, faziam anúncios de excitação decorrentes da falta de sexo, própria da privação de liberdade, que podem ou não ser condizentes com suas respectivas demandas sexuais. Já a manifestação das músicas das mulheres detinha comentários como “essa princesinha”, “eu pegava”.

Um dos clipes era “Baile de favela³⁸” do MC João, clipe que, como o nome diz, representa um baile funk de favela. A estética é tomada por muitas mulheres, com seus shorts

³⁸ Link de acesso ao vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=kzOkza_u3Z8>.

curtos, decotes e danças. As câmeras são posicionadas de forma a focar as bundas dessas mulheres e os homens posam ao lado daqueles corpos sem cabeça. Eu perguntava aos adolescentes se eles namorariam essas mulheres representadas no clipe e eles disseram que “não”, já as mulheres que parodiavam as músicas, “sim”. Nesse debate ressalttei também que, ao contrário do que imagino ocorra em um baile de favela, todas as mulheres destacadas no clipe eram brancas. A maioria confirma serem mais comuns mulheres negras nos bailes das favelas. Passamos então a debater sobre isso, onde eu indagava também qual era a preferência estética deles em relação às mulheres. Todos informaram preferir mulheres brancas ou morenas da minha cor. Eu sou uma mulher branca do cabelo castanho, mas como existem tons de pele branca mais claros que o meu, e ainda mulheres loiras e ruivas, eles me apontaram como morena.

Começaram as negociações sobre os limites dos tons de pele possíveis para as mulheres que eles podiam se relacionar. Peterson então aponta para o adolescente mais retinto da sala e diz: “preto igual o fulano, não”. Eu tentei estratégias de valorização desse adolescente, apontei a grandiosidade da beleza dele e do tom de sua pele, confessando uma preferência pessoal inclusive. A discussão é então encerrada com o comentário de Ryan, já impaciente com minhas tentativas de aprofundar o tema: “você quer saber mesmo, fessora? É que a mulher branca é mais gostosa, a gente gosta mais da branca mesmo”.

Os participantes defendem a hipótese de que se trata de uma preferência, cabendo a mim tentar uma discussão no sentido de quando uma “preferência” é tão significativa, falamos na verdade de padrões, no caso, padrões de beleza que são racistas. Não só os padrões de beleza, mas todos os eixos que estruturam a sociedade brasileira são racistas, a começar pela constatação de que o grupo de pesquisados é composto de 78% de negros. Em seu texto “Gênero, raça e ascensão social”, partindo de um texto do escritor brasileiro Joel Rufino, Carneiro apresenta importantes reflexões sobre os homens negros e as mulheres. Sobre a mulher “gostosa” ela afirma:

Gostosa é uma categorial sexual socialmente construída à pele clara e mais que a pele clara, o cabelo liso promete mais gozo que outros. A exaltação da beleza da mulher branca tem a mesma função justificadora neste caso da deserção de um determinado tipo de homem negro em relação ao seu grupo racial sendo a mulher branca como Joel afirma, mais bonita e mais gostosa, este homem negro encontrar ia-se prisioneiro da sedução das formas brancas como os senhores de engenho seriam cativos da sexualidade transgressora das escravas. Mas por outro lado ao definir a mulher branca também como um objeto de ostentação social Joel Rufino explicita o objetivo fundamental do seu texto, reivindicar para este tipo de homem negro o mesmo estatuto de que desfruta o homem branco em nossa sociedade. Para este homem negro deixar de ser um pé-rapado e adquirir uma mulher branca

significa libertar-se da condição social de negro e colocar-se em igualdade em relação ao homem branco. E por pretender-se neste lugar que Joel Rufino para sustentar suas bravatas permite-se olhar para as mulheres do alto de sua hipotética supremacia de macho e tomá-las como Fuscas e Monzas à sua disposição no mercado tal como um senhor de engenho considerava e usava brancas e negras (CARNEIRO, 1995, p. 546-547).

Na sociedade patriarcal, a mulher é um bem de troca por excelência (MIZRAHI, 2018,). Operando em uma lógica de mercado, “a mulher circulando pela rede das trocas matrimoniais é o instrumento dessa conversão que a constitui como meio sinal ou penhor de aliança” (CARNEIRO, 1995, p. 546). As mulheres são ainda parte essencial da constituição das identidades masculinas dos participantes. Quinze demonstraram que estar com mulheres, muitas mulheres, de alguma forma compõe sua imagem como um atributo de valorização da masculinidade, em muitos casos consolidando a masculinidade do *bandido*. É por isso que Michael, ao construir sua autoimagem reivindica o olhar das mulheres, informando o que elas vão encontrar e a partir daí determinando o tipo de mulher que ele vai conseguir se relacionar. Para “fechamento”, que é assumir um compromisso público e monogâmico, ele quer uma mulher “melhorzinha, certinha, bonitinha” e entende que isso ele encontra fora da favela. Para a relação sexual, embora constado predomínio de mulheres negras na favela, há uma preferência por mulheres brancas, ou seja, também de fora da favela, pois são mais “gostosas”, como apontado por Ryan.

É nesse cenário onde as mulheres são precificáveis, comparáveis a Monzas e Fuscas (CARNEIRO, 1995, p. 547), e ainda, onde os homens dependem desses “carros” para compor sua imagem masculina é que mulheres brancas e negras, de fora e de dentro da *quebrada*, assumem valores diferentes. Seja para sexo, seja para fechamento, *fiéis*, *novinhas*, *piranhas* ou *putas*, elas devem ser preferencialmente brancas. Já as mulheres negras são consideradas “fáceis”, facilmente encontradas nas *quebradas*, um objeto que qualquer homem pode ter. Acrescenta Carneiro (1995):

Em oposição à mulher branca Joel Rufino definira a mulher negra como uma mulher fácil, um fusca que qualquer pé-rapado pode ter. Isto faz lembrar colocações feitas por um outro homem negro, para quem as mulheres negras não teriam resistido ao estupro colonial e mais que isso teriam copulado gostosamente com o colonizador, sendo responsáveis pelo início de nossa ampla mestiçagem (CARNEIRO, 1995, p. 549-550).

Relacionar-se com uma mulher branca e de fora da *quebrada* é então uma forma de ascensão social para homens que estão mais distantes do acesso a bens materiais e simbólicos, mas que nutrem um desejo de pertencer a esse mundo restrito a homens brancos

(CARNEIRO, 1995, p. 546). O clipe “Baile de Favela” na verdade traz a “melhorzinha” de Michael, mulheres brancas, para a realidade da favela, misturando os dois mundos e fazendo parecer possível para aqueles adolescentes desfrutarem do mesmo “gozo” que desfrutam os homens brancos, de fora da *quebrada*. Esse desfrute, essas relações com as mulheres, preferencialmente brancas, mais do que vividas efetivamente, precisam ser mostradas, pois neste contexto as mulheres se tornam objetos estéticos, adornando a imagem do homem, seja ele *bandido* ou *MC*. Mizrahi explora essa dimensão da relação entre homens e mulheres, e acrescenta:

Os objetos estéticos de meu interesse são aqueles que compõem diferentes aparências e possuem como foco um tipo de masculinidade exemplar, associada aos homens mais velhos — os padrinhos do funk — e ao *ethos* masculino dos chefes do tráfico de drogas das favelas. Esses “objetos” podem ser um maço de dinheiro, um fuzil, joias, bem como tênis, roupas e chapéus. Mas para além dos objetos materiais temos a “mulher”, da qual o “homem” se faz ladear na esfera da festa e que é presença recorrente em suas falas cotidianas. Nessa conjuntura, a mulher, que poderia ser concebida como objetificada, é também um dos adornos que permitem ao homem se entender como tal. A mulher e seu papel constitutivo contribuem para que vejamos o aspecto relacional que define a noção de pessoa masculina que aqui designo como funk. Se os objetos materiais são pensados como adornos da pessoa, fazendo emergir o “homem” enquanto pessoa social, a mulher é adorno empoderador do homem (MIZRAHI, 2018, p. 5).

Alexander é um dos participantes mais vaidosos, sendo a tríade “poder, dinheiro e status” o que ele mais gosta no *corre*. Ele era o mais escolarizado, dizia ser de família nobre e que o dinheiro nunca foi um problema. Alexander não cresceu dentro da favela e, embora se declare “negão”, eu o reconheço oficialmente como um homem “pardo”, de pele clara. Falando abertamente, ele afirma que gosta de chamar a atenção, descrevendo quais seriam os adornos ideais para atingir esse objetivo:

Alexander: O que chama atenção no homem é elegância, tipo, o jeito do cara ser, a postura, é o corpo também, é muito... é muita, tipo, você ser o cara é você chamar atenção em todos os sentidos, beleza, usar roupa, perfume, ter uma mulher sempre do lado. Isso pra mim é ser um homem.

Izabela: Precisa ter uma mulher do lado, cê acha?

Alexander: Ah, precisa, pra ser um homem precisa.

Ao lado de roupas e perfumes, Alexander apontou *mulher* como um atributo de composição da imagem de um homem ideal, que chama a atenção. Mesmo sendo um adolescente que teve determinadas oportunidades e acessos que a maioria dos outros não teve, mesmo sendo ele de fora da *quebrada*, ele tornou as mulheres parte essencial de sua

masculinidade, demonstrando uma tendência que certamente não está restrita à realidade do crime. Se a mulher é um adorno empoderador do homem, é natural que por eles sejam implementadas formas de obter recursos para que possam se ornamentar, fazendo do *corre* uma alternativa.

5.3 Eles e elas: “ter dinheiro e *derreter* com as *muié*”

Ao ser indagado sobre o que mais gostava no *corre*, Raione respondeu “ter dinheiro e *derreter* com as *muié*”. Esse mesmo participante informa que gastou 50 mil reais em 15 dias, logo após efetuar um roubo que gerou 100 mil reais de lucro para os três envolvidos. Após o roubo, eles foram para a zona³⁹ e começaram a “*derreter*”⁴⁰ com as mulheres. Ele informou ainda que se exibiam com o dinheiro, enquanto as trabalhadoras sexuais tiravam fotos. Combinaram com elas também o valor de 8 mil reais para um “kit” com 14 trabalhadoras sexuais, por dois dias e a condição era “vai rolar de tudo”.

Gustavo também afirma que o que mais gosta no *corre* são as mulheres, acrescentando: “quando você é da vida loka assim, aquela que desmereceu você pá, começa nó, do nada, a parecer uma pomba gira”. Daí eu pergunto por que ele quer se relacionar com uma mulher que o desmerece e ele acrescenta: “só porque eu não tinha nada né?”, “tem mulher que é interesseira demais”. Essas mulheres “interesseiras” ele “pega e joga fora”. A mesma linha de raciocínio é acompanhada por Michael, que informa: “as mulher, quando você é do *corre*, parece que elas dá tipo mais mole procê, porque cê tem dinheiro”.

João Vitor afirmou que o que ele mais gosta no *corre* é o dinheiro e com isso ele faz o que quiser. Pergunto o que ele quer e ele responde “muita mulher”. Miguel e Mateus dizem que o que mais gostam é “mulher” e esse último acrescenta “as mulher que a gente transa”. Nessa mesma linha de raciocínio segue Davi, mas ao contrário de Raione, ele acha impensável gastar dinheiro com trabalhadoras sexuais. Sempre jogando com as narrativas dos participantes, eu conduzo nosso diálogo:

Izabela: O que você mais gosta no *corre*?

Davi: Mulher.

Izabela: Você compra a mulher, é isso?

Davi: Cê é doída?

³⁹ Área de prostituição.

⁴⁰ Os termos em itálico extraídos das falas dos participantes fazem parte do “Vocabulário Bravíssimo”, que estão explicados e listados no respectivo glossário.

Izabela: Uai, então?

Davi: Você conquista a mulher.

Izabela: Não, se você conquista, então o que tem a ver o corre com isso?

(...)

Davi: O dinheiro do corre ué.

Izabela: Ah, você precisa de dinheiro para pegar mulher. Por quê? Sem dinheiro você não pode pegar não?

Davi: Pode, mas é, só as fiel. Tem as amante também.

Izabela: Oh meu deus do céu.

(rimos)

Izabela: Você tá querendo me dizer que você precisa do dinheiro por que as fiel, que fica com você, não precisa da grana não.

Davi: Precisa não.

Izabela: Mas as amante precisa.

Davi: As amante precisa, tem que dar uns rolê com elas.

Izabela: E vocês querem ficar com as mulheres que estão com vocês por causa do dinheiro.

Davi: É uai.

É inegável que os participantes entendem que com dinheiro é possível se ornamentar de mulheres, não uma, mas várias, ainda que interesseiras. Catorze deles declararam que gastam seu dinheiro com as mulheres e dezesseis associam mulheres aos prazeres decorrentes do *corre*. No crime circula muito dinheiro. Ainda que ele não se concentre nas mãos dos participantes e que, em regra, eles declarem nunca ter acumulado grandes quantias para si, eles constantemente exibem fotos de maços de dinheiro nas redes sociais, o que eu constato porque acompanho muitos deles. O dinheiro do *patrão* passa na mão da *pista* por tempo suficiente para que isso vire um adorno. Mesmo aqueles que não estão envolvidos com o *corre* postam fotos com dinheiro e armas, que acessam facilmente por outras pessoas envolvidas.

É o olhar do espectador que faz com que a pessoa social do homem emerja. É por isso que Raione faz questão de ressaltar que ele jogava dinheiro enquanto as trabalhadoras sexuais faziam fotos. É inegável ainda que, como destacado por Davi, além da fiel, é necessário ter dinheiro para ter amantes. Quanto mais mulheres, mais valorizada é a masculinidade daquele homem. Se por um lado os homens reificam a noção de si, incorporando mulheres à sua imagem (MIZRAHI, 2018, p. 37), é legítimo que elas também reifiquem suas noções de si, usufruindo do dinheiro e outros atributos que disponham os homens. Acrescenta Mizrahi:

Os homens possuem um especial gosto em chegar à festa ladeado por duas mulheres, cada uma enlaçada em um de seus braços. Já para as mulheres, o que causa um “baque” é chegar à festa bela, em um carro imponente e acompanhada de sua entourage, preferencialmente as amigas mulheres. O homem, nessa composição, desempenha muitas vezes papel análogo ao do motorista, do secretário ou do segurança. Ao mesmo tempo, há mulheres cujo lugar na festa é definido pelo de acompanhar homens. Isso, contudo, não é indicio de que eles sejam fundamentais para a constituição da sua pessoa. O “homem de verdade”, como avisa a resposta de

Valeska, pode ser mais um “otário para bancar”, um iludido que, se pensa que é desejado, pode estar sendo submetido às vontades das mulheres que o “empoderam” para que ele faça o que elas desejam (MIZRAHI, 2018, p. 29).

As mulheres têm suas próprias ambições. Pelo que afirma o grupo dos participantes, as amantes, também chamadas *novinhas*, *jogam pra bandido* e *instigam vagabundo*. Minha leitura é no sentido de que elas dançam livremente ouvindo funks que narram as histórias da *quebrada*, e muitas vezes expressam sua sexualidade se relacionando com homens envolvidos com o *corre*. Esse corpo que é somente dela pode ou não fazer parte de um jogo de trocas com os *bandidos* (DE GARAY HERNÁNDEZ, 2018), seja como *fiel*, seja como *amante*.

Desde que iniciei meu trabalho com as oficinas, as juventudes masculinas do socioeducativo vêm defendendo a hipótese de que as mulheres não são sujeitas passivas de uma opressão onde eles exploram seu trabalho, seu corpo e sua sexualidade. Eles não se enxergam apenas como uma categoria política que, generalizadamente, exercem poder sobre a categoria política *mulheres*. Os participantes são indivíduos que se relacionam com mulheres específicas, que assim como eles, estão fazendo “escolhas”, mesmo que essas escolhas estejam atreladas às limitações dos signos determinados para cada gênero, limitações essas que violentam ambos, mas matam e prendem principalmente homens. Eles continuamente afirmam a autonomia dessas mulheres, que elas gostam de todo conteúdo misógino envolvido na criminalidade, bailes funks e resenhas com *bandidos* e que elas têm plena consciência das regras ali dispostas.

Talvez gostar não seja a melhor definição, mas supor que as mulheres são sujeitas passivas não é mais um viés que eu adote. Fernando narrou que estava conversando com as “puta” ao telefone e separando o “verdão pra levar pras *piranha*” quando teve a *entoca* invadida pela polícia e aos 16 anos foi preso com 28 quilos de maconha. Ele ficou 10 meses no sistema socioeducativo por esse ato infracional. Miguell afirmou que quando está *de rolê* ele toma uísque de 200 reais, Red Bull⁴¹, drogas, depois vai com as mulheres para o McDonald’s e para o motel. Ele afirmou que gasta de 1.000 a 1.500 reais em uma noite e não deixa mulher pagar por nenhuma dessas despesas. Ambos completaram 18 anos e atualmente estão presos por roubo.

Relacionar-se com um *bandido*, seja como *fiel* ou como *piranha*, pressupõe então aderir às regras da *bandidagem*, caso contrário, eles entendem que podem *cobrar* do jeito que eles quiserem. Ser a *fiel* de um *bandido* e usufruir desse *status* é fazer uma “escolha” que

⁴¹ Marca de energético.

pressupõe abandonar a possibilidade de ser enquadrada como *piranha* e ser confinada ao espaço doméstico.

(...) pois no momento em que uma mulher se relaciona de maneira mais formal com um Bandido e vira *fidel*, que “é aquela assumida publicamente pelo homem na relação conjugal, tendo a sua identidade marcada pela fidelidade como atributo essencial que caracteriza a mulher de verdade para casar e constituir família” (MATTOS, 2016, p.12), com promessas *de status* e ostentação, ela deve ficar confinada no espaço doméstico e não usar mais roupas curtas. Na discussão sobre *mulher-de-Bandido*, o termo *escolha* aparecia, pois para os jovens, elas tinham livremente escolhido este lugar e tinham que arcar com as consequências. Discurso parecido ao que se enuncia para falar das escolhas deles pela *vida do crime*, com atravessamentos de gênero particulares (DE GARAY HERNÁNDEZ, 2018, p. 216).

Lidar com informações sobre as mulheres com quem os participantes se relacionavam e as trocas amorosas e sexuais ali envolvidas foi um grande desafio para mim. Eu me condoía pessoalmente pelas falas e atitudes misóginas, que em diversas situações me colocaram no limite da relação com alguns participantes. Alexander, por exemplo, já viu seu amigo agredindo a mulher e ele não interferiu porque, segundo ele, “ela é a mulher do cara”. Na sua *quebrada*, se um homem com um cargo superior agride sua mulher ninguém pode interferir. Se ela estiver “errada”, “o cara *cobra* do jeito que ele quiser”. O próprio Alexander admite que é capaz de matar uma mulher caso ela o traia⁴², mesmo ele afirmando que trai constantemente. Ronaldo falou que para ser homem, tem que tratar bem as mulheres, mas somente aquelas que merecem. As que não merecem: “tem que dá *bicada de pé*”. Os critérios de erro e merecimento são totalmente definidos por eles, que “detêm esse poder, se apoderando do corpo da mulher ou do sujeito feminizado e impondo sua vontade” (MACHADO *apud* DE GARAY HERNÁNDEZ, 2018, p. 213).

Eu me indignava por aquelas mulheres, mas em determinado momento foi necessário refletir as falas e posturas dos participantes a partir do contexto em que esses homens são socializados e também identificar os movimentos de transgressão e resistência daquelas mulheres. Foi grande o exercício da pesquisa, que me forçou a desarticular o raciocínio simplista que dividia opressores e oprimidas, me levando a perceber que todas as relações entre homens e mulheres parecem ter suas vantagens e também desvantagens para ambos/as. As mulheres sem dúvida usufruem do *status* e do dinheiro intrínsecos ao *corre*, consumindo

⁴² Aqui entendido como se relacionar com outro homem, amorosa, sexualmente, ou até mesmo como amiga, tendo um pacto monogâmico.

os produtos, as bebidas, as drogas e o McDonald's que os homens financiam. Os homens usufruem de seus corpos, do sexo e demais papéis socialmente atribuídos às mulheres.

Não defendo a hipótese de que existe simetria nessas relações, nem de que existe uma inversão da ordem política de opressão de gênero. Muito pelo contrário, o patriarcado é um projeto de opressão e morte que concentra poder nas mãos de homens, pouquíssimos e específicos homens. Eu tanto me afasto da ideia de que as mulheres são “interesseiras” por usufruírem do dinheiro que os participantes ostentam, mesmo que para isso eles recorram ao *corre*, quanto da ideia de que elas são sexualmente exploradas por homens machistas.

Vemos, assim, as diferentes perspectivas — que se opõem ao mesmo tempo em que mostram pontos de aproximação — que homens e mulheres têm em relação aos seus encontros. Pois na festa funk aquela que o homem pensa ser uma amante potencial pode ser também uma moça que o usará para conseguir o que quer e ao fim da noite abandoná-lo. Mas, como mostra Mr. Catra com a imagem da “mercenária” — a mulher interesseira que estabelece relação com os homens para obter os bens materiais que almeja —, os homens são relativamente cientes do modo como podem ser usados pelas mulheres. Dominam a perspectiva feminina, mas, dependentes da mulher, se submetem ao jogo. Sabem que, potencialmente, podem ser apenas mais “um otário para bancar”. Ou, como coloca Mr. Catra que ao mesmo tempo em que canta que se “libertou” da mulher “mercenária”, o faz rindo de si mesmo, afirmando que “todo mundo tem a sua mercenária”. A exploração das relações de gênero mostra, como outras não fazem, que as categorias que definem a pessoa no universo funk não possuem lugar fixo (MIZRAHI, 2018, p. 30).

Tudo acontece ao mesmo tempo e, definitivamente, não acredito que os participantes da minha pesquisa estejam obtendo grandes vantagens sociais apenas por serem homens. Minha proposta na verdade é evidenciar a complexidade das relações de gênero, principalmente quando falamos de masculinidades subalternizadas. Quando eu olho para as trajetórias de vida dos participantes eu penso nos critérios que devo utilizar para identificar quem opera essa estrutura de opressão de gênero. Apontei que 98,62% das pessoas que cumpriam medida socioeducativa de internação em Minas Gerais no ano de 2017 eram homens. Indagados sobre os motivos da adesão e os prazeres ligados ao crime me deparo com *mulheres*.

Definitivamente, não são as mulheres que empurram os homens para o crime. São os parâmetros de masculinidade que eles criam para si — inspirados em modelos hegemônicos compartilhados por pouquíssimos homens —, que incorporam o consumo de mulheres aos seus padrões de práticas, integrando assim um jogo de poder que se dá entre homens. As mulheres são então parte essencial da constituição da identidade do bandido, sendo “o masculino imprescindivelmente constituído do feminino” (MIZHARI, 2018, p. 36). Já os

homens não são significativamente constitutivos da identidade das mulheres, mas o dinheiro que eles exibem quando estão envolvidos com o *corre*, sim.

As mulheres estão cada dia mais próximas dos movimentos feministas, onde podem se apoiar para alcançar novas reflexões e pouco a pouco se desvencilhar de suas opressões, fazendo seu movimento de emancipação individual e coletiva. Esses homens não têm nada em que se apoiar, mas em muitos momentos comungam da ideia de que estão fazendo “escolhas” livres, que são detentores de privilégios e que exercem — ou deveriam exercer — poder sobre mulheres. Alguns deles cometeram crimes violentos contra mulheres e outros vão cometer, pois isso pode ser enxergado como ato de afirmação de privilégios, como é o caso de Davi, que além de ser sido internado por estupro, atualmente está preso por atentar contra a vida de sua companheira e também atear fogo na casa dela. Acrescenta hooks que “a ideologia sexista promove uma lavagem cerebral nos homens a fim de que eles acreditem que o abuso violento contra mulheres é algo que os beneficia, embora isso não seja verdadeiro” (HOOKS, 2019, posição 1609).

Para um redirecionamento revolucionário dos movimentos feministas é indispensável que não mais se perpetue uma distorcida ideia de antagonismo entre os sexos (HOOKS, 2019, posição 1457). É necessário ainda que as mulheres se reconheçam como sujeitas ativas nas relações que estabelecem com os homens e, como tal, capazes de mobilizar transformações de ordem estrutural. Sem a intenção de atrair para as mulheres a responsabilidade por “mudar as coisas”, é imprescindível que nós possamos nos dar conta do poder que também exercemos sobre muitos homens, homens esses que reivindicam o nosso olhar e a nossa presença para existir. Ainda que as reivindicações decorram dos parâmetros de masculinidade criados por eles e para benefício deles, não podemos negar que muitos homens precisam de mulheres para se sentirem homens. Se eles precisam de nós, nada mais inteligente que usar isso a nosso favor, para promover as transformações almeçadas, na construção de uma sociedade feminista.

6 ELES E ELES: A HEGEMONIA E A SUBALTERNIDADE DO *BANDIDO*

Os cara andava de roupa pá, tudo de ouro no pescoço, motão. Você olha pro trabalhador tipo umazinha 125⁴³ ué. Eu um menor e o que eu ia querer? O tráfico.

(Fernando, 17 anos)

O patriarcado talvez seja, antes de tudo, algo que diga respeito às relações de poder, sendo a subalternização das mulheres apenas a primeira das hierarquias capazes de serem produzidas. Não é possível ou fácil supor que, fundado sobre hierarquias, o patriarcado terá horizontalidade entre seus supostos pares. Assim, ele se desdobra em diversas outras formas de dominação que definem quais homens se fixarão no topo hierárquico, como será a distribuição de poder, que estratégias adotarão para permanecer em dominância, que homens usufruem e como usufruem dos dividendos patriarcais. Assim, afirma o autor norte-americano Michael S. Kimmel que:

as masculinidades são construídas simultaneamente em dois campos inter-relacionados de relações de poder — nas relações de homens com mulheres (desigualdade de gênero) e nas relações dos homens com outros homens (desigualdades baseadas em raça, etnicidade, sexualidade, idade, etc.) (KIMMEL, 1998, p. 105).

Refletir sobre o patriarcado pressupõe então identificar o universo de intersecções que o atravessa, denotando ainda que suas normativas podem variar bastante. É impossível homogeneizar essa noção, porque as sociedades, os países e os povos são diferentes, muito embora a maioria deles tenha passado pelo processo de genocídio colonial. O resultado da pesquisa histórica indica que o imperialismo não só impacta nas ordens de gênero das sociedades colonizadas, mas ele é, em si, também um processo generificado. Masculinidades e relações de gênero específicas foram inseridas nesse projeto de dominação e o gênero “foi formativo nessa construção inicial de um espaço transnacional e transregional” (CONNELL, 2016, p. 168).

⁴³ Qualquer modelo de motocicleta de 125 cilindradas.

O patriarcado é também a história de um Brasil colonial, capitalista, elitista, racista, escravocrata, militarizado, cristão, heterossexual, que compõe noções de hegemonia e estabelece padrões regionais de práticas a serem reproduzidos pelos homens, na construção das masculinidades brasileiras. A crítica pós-colonial e as autoras do *black feminism* argumentam que as masculinidades nossamericanas não são uma mera transposição de modelos exportados pelas nações colonizadoras, mas, sim uma configuração própria, entrecruzada por diferentes eixos de poder, como classe, raça, sexo, *status* etc., além de “diversas dinâmicas que vinculam colonialismo e nacionalismo, sociedades coloniais e metropolitanas” (VIVEROS VIGOYA, 2018, p. 52-53). Acrescenta ainda Kimmel que, dentro dessas construções históricas, há uma produção simultânea de hegemonia e subalternidade, valorização e desvalorização de modelos de masculinidades, atreladas ainda ao desenvolvimento econômico:

Observamos com relação ao gênero o mesmo que com o desenvolvimento econômico, com relação às construções históricas dos significados de masculinidade. Enquanto o ideal hegemônico estava sendo criado, ele foi criado em um contexto de oposição a “outros” cuja masculinidade era assim problematizada e desvalorizada. O hegemônico e o subalterno surgiram em uma interação mútua, mas desigual em uma ordem social e econômica dividida em gêneros (KIMMEL, 1998, p. 105).

A masculinidade hegemônica surge então como um conceito que apoia a compreensão das dinâmicas desses eixos de poder estabelecidas entre os homens, que aplicadas aos contextos coloniais possibilita a compreensão das hierarquias estabelecidas entre colonizadores e colonizados, entre escravizadores e escravizados, inaugurando novas noções de hegemonia e subalternidade, além de movimentos de resistência, subversão e contra-hegemonia. Ela é compreendida como modelo normativo que estabelece padrões de práticas sociais, definindo uma forma mais honrada de ser homem (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245), sendo sua característica fundamental a combinação da pluralidade das masculinidades e a hierarquia entre elas (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 262). Tais práticas expressam sobretudo as demandas do sistema contemporâneo do capitalismo global, descendente direto do imperialismo (CONNELL, 2016, p. 169), um sistema de opressão que concentra poder político, econômico, social, ideológico, discursivo etc. nas mãos de pouquíssimos e específicos homens.

Pelo que afirma Rolf Malungo de Souza, “nas sociedades ocidentais, em especial as que tiveram a experiência colonial, a masculinidade hegemônica é branca, heterossexual e burguesa” (DE SOUZA, 2013, p. 66). No mesmo sentido acrescenta Pinho que:

Tradicionalmente, e de um modo um tanto quanto esquemático, seria possível dizer que o modelo de masculinidade hegemônico nas sociedades ocidentais se apresenta com um conteúdo determinado: o homem, no pleno gozo de suas prerrogativas, seria adulto, branco, de classe média e heterossexual. Outros modos específicos e concretos, localizados e estruturados de masculinidade estariam subalternizados ou seriam constituídos por formas contextuais de subalternização (PINHO, 2004, p. 66).

Em um país como o Brasil, “muitos poucos homens reais podem encontrar identidade com esse modelo” (PINHO, 2004, p. 66), como é o caso das juventudes socioeducativo que, embora sejam predominantemente heterossexuais⁴⁴, são adolescentes, negros e periféricos. Por normatizar e projetar modelos de masculinidade acessíveis para poucos, a masculinidade hegemônica precisa que outros homens e suas masculinidades, subalternizadas, se posicionem em relação a ela e a legitimem ideologicamente (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245). Como são modelos reiteradamente impostos por vários mecanismos ideológicos — geralmente controlados por aqueles homens que constroem e correspondem às normas hegemônicas —, muitos outros homens o tomam como parâmetro (PINHO, 2004, p. 66) e acabam por legitimar sua existência.

Esse posicionamento das masculinidades subalternizadas não supõe que este tenha sido ou seja um processo pacífico, e que os homens das nações colonizadas tenham aceitado essas definições e simplesmente incorporado seus padrões. Ao contrário disso, as relações de gênero são sempre espaços de conflito e o colonialismo violentamente reconstruiu as ordens de gênero e as relações entre masculinidades conforme seus próprios interesses (VIVEROS VIGOYA, 2018). A construção das masculinidades brasileiras e nossamericanas se deu então em contextos históricos extremamente violentos (VIVEROS VIGOYA, 2018), onde se inclui a desumanização de povos, etnias e civilizações inteiras. A antropóloga afro-dominicana Ochy Curiel faz importantes reflexões sobre a generificação no contexto da colonização:

As fêmeas e machos colonizados não eram mulheres nem homens, nem eram consideradxs humanxs. Sobre esse aspecto, o porto-riquenho Nelson Maldonado

⁴⁴ A heterossexualidade foi a única expressão de sexualidade manifestada entre os adolescentes, durante toda minha trajetória dentro das unidades masculinas.

Torres propõe o conceito de *colonialidade do ser*, outro conceito importante retomado pelo feminismo decolonial, em que a humanidade de certas populações (sobretudo indígenas e afrodescendentes) é negada por ser considerada um obstáculo para a cristianização e para a modernização. Essa negociação do ser (*Dasein*) foi a justificativa para escravizar essas populações, tomar suas terras, promover guerras contra elas ou simplesmente assassiná-las. Elas são, como diria Frantz Fanon, as condenadas da terra” (CURIEL, 2020, p. 148)

Desumanizar pessoas se torna então essencial para a manutenção das políticas de masculinidade imperialistas. A chegada dos invasores às terras por eles nominadas Índias, Américas e África é também a imposição do que é humano e o que não é, quais vidas poderiam existir e quais deveriam ser descartadas, de acordo com seus interesses naqueles territórios. Essa política de dominação que foi experimentada em escala global — que generificou, racializou, subalternizou e desumanizou pessoas — é também uma política de masculinidade, que prolifera padrões de hegemonia e certamente marca a construção das masculinidades brasileiras. Os movimentos de homens das nações invadidas, como o Brasil, ou das juventudes socioeducativo, que predominantemente descendem dos povos africanos, não são então movimentos de afirmação e busca por hegemonia tão somente, eles decorrem de processos históricos onde se busca o resgate da humanidade daqueles homens.

A dominação dos homens face às mulheres e as hierarquias estabelecidas entre homens e homens são processos históricos, que comportam contestação, e não um sistema autorreprodutor (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). Sendo as relações de gênero arenas de constante tensão, um “padrão de masculinidade é hegemônico enquanto fornece uma solução a essas tensões, tendendo a estabilizar o poder patriarcal ou reconstituí-lo em novas condições” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 272). Também por essa perspectiva é importante pensar o patriarcado como pano de fundo para a construção de masculinidades e feminilidades, bem como compreender o gênero em seu caráter relacional nessa pesquisa. Se existem movimentos para manutenção e reconstrução de um sistema, existem porque esse sistema oferece vantagens a alguém, ou algum grupo. No patriarcado esse poder é prometido à categoria *homens*, face à categoria *mulheres*. No entanto, como apontado no capítulo anterior, essas relações são muito mais complexas do que esse binômio.

As socializações masculinas envolvem “uma estranha combinação de poder e privilégios, dor e carência de poder” (KAUFMAN, 1995, p. 63, tradução minha). O que a observação de pesquisa permite concluir é que as juventudes socioeducativo nem sempre experimentam esse poder, ou pagam com suas vidas e liberdade por algumas pílulas desse poder. O que experimentam essas juventudes é uma ilusão de poder. Nas palavras de Ryan:

“Poder poder quem tem é patrão. Poder é ilusão”. Apenas Raione e Mateus afirmaram que se sentem poderosos em suas *quebradas*, coincidindo com o fato de que são esses dois os únicos participantes encarregados, dentro do tráfico, de executar pessoas, sendo que ambos alegam que nutrem um gosto por matar e *representar a quebrada*. Marcelo afirmou que se sente “mais ou menos” poderoso. Dezesete participantes afirmaram que não se sentem poderosos, apenas respeitados, como pessoas comuns, não necessariamente em decorrência do envolvimento. Em duas entrevistas não chegamos nesse tema.

O patriarcado promete poder aos homens, mas uma hegemonia branca e burguesa não oferece solução para as tensões de gênero experimentadas pelas juventudes socioeducativo. É um modelo de poucos para dominação de muitas e muitos e que, portanto, não dá conta das consequências da exclusão que provoca. Espaços de pobreza, desigualdades e vulnerabilidades, as *quebradas* se tornam então um terreno fértil para movimentos de reconhecimento e valorização de homens que não são valorizados em nenhum outro lugar:

homens que são mantidos constantemente sob tensão racial, emasculados pelo racismo, subjugados pelas estruturas de classe, coagidos pelo sistema sexo-gênero, aprisionados em meios a discursos militarizados, do mercado e da criminalização (PINHO, 2013, p. 233).

A masculinidade do bandido se consolida então como um modelo de hegemonia naquele contexto, oferecendo soluções para algumas das tensões experimentadas pelas juventudes, que eventualmente serão inseridas no sistema socioeducativo. Por medo ou por admiração, os *bandidos* têm o respeito da *quebrada*⁴⁵ e os *patrões* têm ainda, poder. *Bandidos* têm dinheiro, ainda que por curto espaço de tempo. Em virtude desse dinheiro, algumas mulheres *jogam pra bandido e instigam vagabundo*, tudo isso de certa forma fazendo com que aquele indivíduo, antes subalternizado, possa finalmente se sentir valorizado.

6.1 Eles e Eles: Modelos de hegemonia, entre patrão e trabalhador

Segundo Connell e Messerschmidt, atualmente se entende que as masculinidades hegemônicas podem ser empiricamente analisadas em três níveis, global, regional e local, assim descritos:

⁴⁵ Os termos em itálico extraídos das falas dos participantes fazem parte do “Vocabulário Bravíssimo”, que estão explicados e listados no respectivo glossário

1. local: construídas nas arenas da interação face a face das famílias, organizações e comunidades imediatas, conforme acontece comumente nas pesquisas etnográficas e de histórias de vida;
2. regional: construídas no nível da cultura ou do estado-nação, como ocorre com as pesquisas discursivas, políticas e demográficas;
3. global: construídas nas arenas transnacionais das políticas mundiais, da mídia e do comércio transnacionais, como ocorre com os estudos emergentes sobre masculinidades e globalização (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 267).

As masculinidades hegemônicas regionais brasileiras não são cópias dos modelos de hegemonia global, assim como as masculinidades hegemônicas locais não são cópias de modelos de hegemonia regional, mas “no mínimo devemos entender que construções regionais e locais da masculinidade hegemônica são conjuradas pela articulação desses sistemas de gênero com processos globais” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 266). Exemplo disso é que a maior autoridade local dentro do tráfico é chamada *patrão*, fazendo direta correspondência àquele que já no início do modelo econômico capitalista detinha os meios de produção e acumulava riquezas por meio da exploração da mão de obra dos *trabalhadores*. A rotina de trabalho na *pista* é chamada de *plantão*, tem suas *escalas*, *gerentes* e *chefes* de plantão, responsáveis por administrar essa dinâmica e as faltas praticadas podem ser punidas com *balão*. Esses são alguns exemplos de figuras inspiradas nas rotinas trabalhistas brasileiras e nas relações entre empregadores e empregados, estruturada ainda na lógica apresentada por Riquelme, que aponta que “a pista não pode parar”. Slogan semelhante foi adotado pelo governo brasileiro para discordar das recomendações internacionais e nacionais na condução da situação gerada pela pandemia do novo coronavírus: “o Brasil não pode parar” (CARVALHO, 2020, s/p).

Já as normativas do capitalismo global chegam por meio de filmes, produtos, linguagem etc., compondo a imagem de modelos de hegemonia regionais, que inspiram a composição de modelos hegemônicos locais, fazendo e refazendo as masculinidades dos *bandidos*. Calvin informou que sempre gostou do crime, mesmo sabendo que essa trajetória inclui “caixão ou cadeia”. Ele apresentou algumas informações sobre o início dessa trajetória e apresento um trecho do diálogo sobre o tema:

Calvin: Pode falar a verdade procê?

Izabela: Claro!

Calvin: Eu sempre gostei do crime.

Izabela: Por quê? O que você gosta?

Calvin: Dinheiro, fama, andar de peça, mulher, zuação.

Izabela: Onde que você aprendeu a gostar disso, você já parou para pensar?

Calvin: Onde que eu aprendi a gostar disso? Televisão, vídeo dos cara ostentando. Os cara cheio de mulher do lado, revólver, droga, cheio de whiskeyzada, bebendo pra lá (...).

Izabela: Mas você começou a ver isso assim, esse negócio de ostentação, mulher foi vendo já o povo do crime ou vendo filme normal?

Calvin: Vendo o povo do crime, meus primos. Meus primo mandando vídeo pra mim tirando onda e eu via aquilo e eu gostava ué, e eu gosto até hoje de ostentar ué. Meu sonho é ficar no crime naquele naipe, meu sonho não né mano, ficar no crime não, mas vão supor se for pra acontecer, ficar no crime daquele naipe, levantar naquele naipe memo. Deixar todo mundo vendendo aí pra mim aí, ir lá pra Miami. Ficar lá em Miami com as burguesas.

A fala de Calvin pode ser utilizada para ilustrar os processos geográficos das masculinidades hegemônicas. Ele tanto acessa modelos de masculinidades de amplitude global e regional, difundida pela televisão, quanto assimila padrões observados em seus primos, localmente. Em todas as esferas são propagados inúmeros modelos de masculinidades, mas alguns deles serão definidos de maneira idealizada, admirável, serão “exaltados pelas igrejas, narrados pela mídia de massa ou celebrados pelo Estado. Tais modelos se referem (mas também em vários sentidos as distorcem) às realidades cotidianas da prática social” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 252) e assim considerados modelos hegemônicos. Calvin tinha 17 anos na época da entrevista, cursava o 6º e 7º ano e talvez não tenha conhecimento profundo sobre modelos macroeconômicos ou os modos de produção tais como, o Capitalismo ou o Comunismo, mas é responsável por cunhar ali naquela unidade socioeducativa o adjetivo *burguesa* para mulheres brancas e de fora da *quebrada*, que ocupam melhores posições sociais. Ele sonha com uma vida tipicamente de elite, integrando Miami em seu discurso. É possível notar também que embora ele afirme que gosta do crime, talvez goste na verdade dos seus sonhos e perceba que para uma pessoa como ele, o *crime* é uma possibilidade de conquistar esses sonhos. “Meu sonho é ficar no crime naquele naipe, meu sonho não né mano, ficar no crime não”. Ele não quer ficar no *crime*, ele quer mesmo é ir para Miami ficar com as *burguesas*.

Dentre os modelos disponíveis em uma sociedade capitalista, nada mais dicotômico que as figuras de *patrões* e *trabalhadores*, ambas valorizadas dentro da *quebrada* e assim consideradas padrões de hegemonia. Calvin sonha com uma vida que só é possível sendo patrão, aqui entendido como aquele que tem pessoas trabalhando para ele, cuja situação financeira possibilita que ele não precise trabalhar e por isso possa ir para Miami e ficar com as *burguesas*. Mas o trabalho e o *trabalhador* aparecem em oito entrevistas, como características diretamente ligadas ao que entendem por ser homem, ou seja, utilizadas para

responder à primeira pergunta: “O que é ser homem para você?”. Além do trabalho, a responsabilidade, o cuidado com a casa e a família, esses também relacionados à remuneração como ferramenta de cuidado. A honestidade, a sinceridade, o caráter, o respeito ao próximo, todas essas características também são associadas ao que entendem por ser homem, encontradas em 14 entrevistas.

É indispensável para o capitalismo que o trabalho seja algo valorizado dentro das dinâmicas das masculinidades e que o trabalhador seja um modelo de hegemonia, principalmente entre as camadas populares. Se o capitalista, ou patrão, sobrevive à base da exploração do trabalho alheio, é indispensável que existam pessoas para trabalhar. É então pertinente que aqueles homens que centralizam o poder global estabeleçam uma política de masculinidade que difunda a ideia de que o trabalho dignifica, honra e enobrece o homem. Talvez por isso, mesmo com tanta dificuldade para elaborar uma resposta sobre o que é ser homem, os participantes trazem o trabalho como atributo de valorização do sujeito. Em dezoito entrevistas, em algum momento, os participantes ressaltaram o valor do homem trabalhador, muitas dessas vezes espontaneamente.

Marcos informa que para ser “homem mesmo” é preciso “ser sincero, verdadeiro, um homem que trabalha na vida”. Gabriel acha que homem “de verdade de verdade mesmo é trabalhar. Casar, ter uma família, ser de bem”. Davi defende que ser homem é ter “trabalho, cuidar de casa”. Michael acha que ser homem é ter responsabilidade, com isso trazendo noção de que precisa trabalhar e pagar as contas da casa. João Vitor descreve um homem ideal como um pedreiro, que veste calça, botina e a blusa da firma. Miguel me apresenta algumas das atitudes esperadas de um homem, como “ajudar dentro de casa”, no sentido financeiro, mas também emocional. Ryan diz que ser homem é “ter responsabilidade né? Crescer mais na vida”. Elias informa que homem é aquele que faz trabalho mais pesado se comparado à mulher, “trabalho de estrutura”, também remetendo à imagem de um pedreiro.

Raione não traz o trabalho para sua definição de homem, mas reconhece a masculinidade do trabalhador. Ele afirma constantemente que gosta do crime: “tem como a gente não viver no corre não. O corre é bom demais”, afirma. Para ele, ser homem passa necessariamente por ser do crime. O contrário disso é ser um “parasita”. Quando questionado sobre a masculinidade de homens que não estão no crime, como o trabalhador, ele afirma que o trabalhador “é homem sim”, mas do tipo honesto.

Trabalhar é algo importante para essas juventudes. É um meio de acesso ao mundo do consumo, com isso atraindo a dignidade pessoal (PINHO, 2013, p. 244). As pesquisas sobre o

lugar do trabalho nas construções identitárias masculinas nossamericanas evidenciam seu caráter obrigatório (VIVEROS VIGOYA, 2018, p. 70) e “identificam o trabalho e o emprego como elementos distintivos da masculinidade e como atividades que permitem aos homens ocupar um lugar social no mundo adulto masculino” (VIVEROS VIGOYA, 2018, p. 73). Diante da evidência de que o trabalho é um atributo obrigatório para a construção das masculinidades nossamericanas, ser trabalhador é desejo de muitos. Treze participantes manifestaram interesse no trabalho, formal ou informal, fora da criminalidade.

Peterson informou ainda que “já” saiu do *corre*, apresentando inúmeras possibilidades de trabalho, que vão de barbearia a fabricar chinelos. Gustavo já trabalhou em cozinha de restaurante e estava indeciso se queria trabalhar novamente. Três não informaram e cinco não demonstraram ter vontade de trabalhar. Ainda dentro desse debate, perguntei se eles concordariam em ter uma vida comum aos trabalhadores empregados celetistas, das camadas populares e “trabalhar 8-10 horas por dia, pegar ônibus, trabalhar fim de semana e ganhar um salário mínimo”. Quinze deles responderam que sim. Sobre essa rotina do trabalhador, Elias afirmou que aceitaria porque é “honrada”. Contudo, seis participantes não concordariam, acrescentando Miguel que essa perspectiva de trabalho é “péssima”, demonstrando com isso uma crítica à exploração capitalista. Já Calvin estava indeciso sobre o tema.

Miguel é o tipo de pessoa que se posiciona, defende suas opiniões, mesmo quando o grupo de homens adota opinião diversa. Durante as oficinas ele sempre expunha seu machismo com muita franqueza, sem o mínimo esforço para tentar me agradar, o que às vezes é uma postura comum entre os outros. Ele não é afeito a romantizações. Ele não acha “honrada”, mas sim “péssima” a situação do/a trabalhador/a. Por isso ele defende o crime e o seu direito de ter muito dinheiro. Essas características que ele reúne possibilitam que ele verbalize o que talvez boa parte dos adolescentes percebam, mas ainda atrelados ao processo de idealização do/a trabalhador/a, não consigam expressar. A esse respeito, afirma Saffioti que:

No plano das classes sociais, a maioria esmagadora dos homens é constituída de trabalhadores que, em troca de um salário, obedecem às ordens de patrões. Estes constituem a minoria que detém poder econômico. A esta forma de poder associa-se, quase sempre, o poder político. Esta associação permite a minoria impor regras de conduta à maioria. É desta forma que os poderosos disciplinam e controlam a mão-de-obra assalariada, cujo trabalho lhes garante auferir grandes lucros. Numerosas reivindicações das classes trabalhadoras denotam que o homem sabe que o dispêndio de suas energias na atividade trabalho é desproporcionalmente superior ao seu salário. Ele sabe que uma parte daquilo que ele produz ao trabalhar vai diretamente para os bolsos do patrão. Da consciência de que os lucros são exageradamente altos

derivam demandas de trabalhadores por salários menos miseráveis e por outros benefícios (...) (SAFFIOTI, 2001, p. 16).

Calvin também questionou a dureza da vida do/a trabalhador/a e reivindicou seu direito de sonhar e ter condições melhores. Ele falou que chagava a receber R\$3.000,00 ou R\$4.000,00⁴⁶ por dia e que nenhum trabalhador/a ganha isso. Ele trouxe o caso de sua mãe, que trabalha muito por um salário mínimo. Informei ainda da minha própria condição e quanto tempo eu demorei para ganhar um salário mensal próximo ao valor que ele alegou tirar por dia. Finalizei informando que esse dinheiro que ele almejava, quase ninguém tem, que isso é “coisa de rico” ao que ele respondeu, “e por que rico pode e a gente não pode?”.

Calvin tem sonhos do tamanho das realizações de um patrão, mas ele e a maioria dos participantes não reúnem características e nem acessam bens materiais e simbólicos suficientes para se tornarem esse *patrão*, exaltado como modelo de masculinidade hegemônica global e regional. Esses homens são predominantemente brancos, capitalistas, ou burgueses, ou de elite, ou ricos, ou qualquer outra denominação análoga. Eles representam cerca de 79,1% dos membros dos parlamentos espalhados pelo mundo, cerca de 95,6% das mais poderosas lideranças de negócios ao redor da Terra, controlam os meios de força e acumulam o dobro das riquezas que acumulam as mulheres no mundo (CONNELL; PEARSE, 2015).

Nesse modelo de sociedade colonial estratificada, de pessoas como Calvin, são esperadas posições de subalternidade e que elas trabalhem para sobreviver enquanto enriquecem outros homens que não precisarão trabalhar. As alternativas de trabalho e profissionalização disponíveis para as juventudes socioeducativo são limitadas e fazem parte deste projeto de subalternização das camadas populares. Elas também não oferecem competitividade frente ao *status* e à remuneração ligada ao tráfico. Como aponta de Garay Hernández:

Também escutamos questionamentos em que o foco na profissionalização dos jovens costuma ser em empregos com salários baixos, o que “*faz parte de uma domesticação da classe baixa para trabalhar para classe alta*”, como apontado por um profissional. Mesmo compreendendo a importância da empregabilidade desses jovens como um direito, acredito que caiba uma perspectiva crítica de quais as alternativas oferecidas e construídas com eles, especialmente frente ao *status* e à *ostentação* fornecida pelas facções do tráfico em uma sociedade atravessada pela

⁴⁶ Naquele momento da atuação infracional, Calvin fazia roubos, principalmente de carros. Ele não recebia esse valor todos os dias.

instituição-forma da subjetividade capitalística que nos atravessa a todas/os, assim como por uma profunda exclusão e desigualdade social (DE GARAY HERNÁNDEZ, 2018, p. 123).

Apesar de todo reconhecimento dedicado ao trabalho e ao trabalhador, um número significativo de participantes não quer, ou está indeciso sobre sair do crime e traçar uma vida de trabalhador. Abrindo a discussão sobre trabalho, elaborei uma pergunta sobre o desejo de abandonar o *corre*. Doze deles têm vontade de sair, quatro estão indecisos e seis não querem. Catorze participantes afirmaram ainda que gostariam de ser *patrão* do tráfico. Sair do crime e se tornar trabalhador e desejar ser patrão do tráfico não são premissas contraditórias. Já inseridos na criminalidade e fora do mercado de trabalho, a identificação com o patrão do tráfico de drogas é mais próxima. Quando perguntei se desejavam ser *patrão*, falávamos do contexto da criminalidade e é a esse patrão que eu me referia.

O patrão do tráfico é também um modelo de hegemonia, a mais notável dentre a pluralidade de masculinidades de *bandido*. “Poder poder quem tem é patrão!”, que é também quem tem condições econômicas de deixar pessoas trabalhando para ele “ficar lá em Miami com as burguesas”. Ryan e Calvin estão corretos e a premissa é válida, dentro e fora das *quebradas*. No caso do patrão do tráfico, ele pode também estar preso, o que foi citado por dez participantes, ou ser um procurado da polícia, o que certamente dificulta sua ida para Miami. Mas o *patrão* é quem manda, quem acumula dinheiro, quem é dono da *quebrada* e a quem os participantes se subordinam. Vinte e um deles informaram que obedecem a seus patrões. A desobediência implica principalmente a perda de um *plantão* ou do cargo dentro do tráfico, o que foi narrado por onze participantes. Seis informaram ainda que a desobediência é punida com agressão e/ou morte. Onze adolescentes mencionaram que seus *patrões* têm a política de mandar seus subordinados matarem outras pessoas, contudo, em regra, essa ordem pode ser recusada.

Embora nenhum dos participantes seja *patrão* e que talvez a maior parte corra o risco de morrer ou ser preso tentando atingir esse posto, a imagem do *patrão* permeia a formação de suas identidades de *bandido*. Um modelo local de hegemonia que faz com que catorze dos entrevistados desejem ser esse homem:

Desse modo, as masculinidades hegemônicas podem ser construídas de forma que não correspondam verdadeiramente à vida de nenhum homem real. Mesmo assim esses modelos expressam, em vários sentidos, ideais, fantasias e desejos muito difundidos. Eles oferecem modelos de relações com as mulheres e soluções aos problemas das relações de gênero. Ademais, eles se articulam livremente com a

constituição prática das masculinidades como formas de viver as circunstâncias locais cotidianas. Na medida em que fazem isso, contribuem para a hegemonia na ordem de gênero societal (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 253).

A masculinidade hegemônica depende de legitimação ideológica, sem a qual ela ficaria impossibilitada de existir. Ela entra então no campo dos desejos dos homens, desejo de que também exerçam poder, poder esse restrito a um pequeno grupo de homens, e talvez manifestado pelo desejo de ser patrão. Para ser legitimada, a masculinidade hegemônica do patrão do tráfico vai ser tomada por inúmeras características admiráveis, sendo as principais delas associadas ao poder e ao dinheiro.

Alexander diz que o *patrão* é “o cara” e ao ser indagado sobre os motivos, ele acrescenta “o cara manda, é o dono. O cara tem um monte de dinheiro pra gastar”. Raione informa que queria ser *patrão* para “ficar *daquele naipe*” e mandar. Marcelo gosta do *patrão* porque ele é *pela ordi*, *fortalece* quando ele precisa pegar dinheiro fora do seu *plantão*, ainda que ele tenha que pagar depois. Riquelme gosta do seu *patrão*, que é também seu pai. Ele quer ser *patrão* e fala que a vida é só “praia e maconha”. Gustavo, ao falar dos seus ganhos com o tráfico, informa que “patrão tira mais ainda, muito bem mais” e que ele “tira pouco ainda”. Filipe viu o *patrão* uma vez e queria ser como ele pelo dinheiro, mas não pelo crime. Mateus avisa que todo mundo que está na *biqueira*, quer ser *patrão* um dia. Ele acha que o *patrão* é bom para a *quebrada*, porque leva droga, arma e deixa eles *daquele naipe*. Davi gosta do *patrão* porque ele deixa todo mundo armado, fazendo a defesa da favela e não deixa os *alemão* invadir. O *patrão* dele também não gosta que eles usem drogas, pois tem medo que eles matem sob o efeito dos entorpecentes. Sendo assim, ele obriga seus subordinados a comer uma panela inteira de comida, quando estão *travados*. Ronaldo já informa que gosta do *patrão* porque, quando está na *pista*, o *patrão* coloca droga para ele *dar um high*. João Vitor informou que o *patrão* lhe ofereceu poder e que no crime ele teria muita mulher. Ele queria ser *patrão* para “ter poder e mandar”. Miguel também queria ser *patrão* para ficar *de bucetão*, à toa, tranquilo, pois o *patrão* não faz nada, só recebe o dinheiro. Calvin queria ser como o *patrão* para ter o dinheiro, mas não pela parte de ser preso. Ele questiona o fato de que o *patrão* ganha demais e sequer está na *pista*, muito embora esteja preso desde 2014. O *patrão* de Matheus também está preso, há 10 anos, e continua comandando o tráfico. Ele já fugiu várias vezes, quando Matheus pôde perceber que ele é uma pessoa legal, engraçada, respeita os meninos e ainda deixou sua família bem de vida. Miguell falou que seu *patrão* não pensa nas pessoas não, quer só saber do dinheiro.

6.2 O dinheiro dos *cria*

“Dinheiro!” É a principal resposta à pergunta “O que você mais gosta no *corre?*”, encontrada em 14 entrevistas. A figura do *patrão*, muitas vezes controversa, divide opiniões, mesmo entre os mencionados acima, que afirmaram desejar ser um *patrão*. Porém, para masculinidades subalternizadas, o patrão do tráfico é o modelo de hegemonia que mais aproxima as juventudes socioeducativo do dinheiro, um dinheiro excessivo e quase ilusório, suficiente para que não necessitem trabalhar. Na lógica do tráfico, para além do poder de compra, o dinheiro faz parte da produção estética das juventudes socioeducativo. As notas e os maços são adornos que exaltam as potencialidades daqueles homens e por esse motivo o dinheiro precisa ser visto pelos outros *bandidos*, lançando parâmetros de disputa entre eles e também pelas mulheres, que integram a ornamentação. Dessa forma, aquele homem antes condenado à subalternidade pelos modelos de hegemonia regional e global, passa a reunir algumas de suas características, se consolidando como um modelo de hegemonia local. Sobre essa dimensão do dinheiro, acrescenta Mizrahi:

O dinheiro participa da produção de uma estética, feita em performance, que produz a forma adequada, apropriada, de modo a extrair do outro um nível particular de atenção. E, nesse processo, a pessoa revela e traz à flor da pele as suas potencialidades internas. O dinheiro, dessa perspectiva, tem o papel de provocar no outro o olhar e trazer para si os olhares do espectador fazendo com que a pessoa social emerja. A pessoa é efetivamente vista, conhecida, quando está adornada e aparamentada. Mas é também o olhar do outro enquanto espectador que contribui para que a forma adequada seja produzida. E aqui o dinheiro, mesmo que acumulado e entesourado, deve ser gasto e exibido (MIZRAHI, 2018, p. 9)

A subalternidade e a exploração dos trabalhadores das camadas populares são percebidas pelas juventudes socioeducativo. O tráfico subverte essa lógica e coloca dinheiro nas mãos de adolescentes, que rompem definitivamente com vínculos que, eventualmente, possibilitariam sua inserção no mercado de trabalho, como a escola. Sobre as possibilidades do tráfico acrescenta de Garay Hernández:

a instituição-organização-tráfico oferece a reafirmação de uma masculinidade capitalística a jovens que crescem em um contexto de desigualdade racial, pobreza, judicialização e retrocesso nos avanços dos direitos humanos, que por si já são seletivos na nossa sociedade, o que produz situações de violência de diversos tipos. São apresentados a um lugar onde é possível exercer certo tipo de poder, onde se tem acesso a um *status*, onde se pode se aproximar de um modelo de masculinidade configurada como projeto de distinção social (VALE DE ALMEIDA, 1996) através da ostentação, para utilizar um termo caro ao campo, que significa ter armas, motos,

joias, roupa de marca — itens sempre integrados nos desenhos que os jovens faziam nas nossas atividades —, assim como relações com muitas mulheres (DE GARAY HERNÁNDEZ, 2018, p. 208).

O tráfico oferece o que mercado de trabalho formal e informal não oferece aos trabalhadores, nem de fora, nem de dentro da *quebrada*. As juventudes serão então agora exploradas por outros *patrões* e também *gerentes*, que dentro da amostra de pesquisa, concentram uma média de 80,08% do capital que passa pelas mãos dos participantes. Mas esse novo *patrão* que o explora, em regra, já foi um *menor* da *pista* e é também *cria* da favela. Esse *patrão* representa uma masculinidade possível para as juventudes socioeducativo. Ele tanto guarda a intangibilidade de alguém que ocupa uma posição hierarquicamente superior, pois não é comum que os participantes tenham contato próximo e direto com os *patrões*, quanto guarda a humildade de uma pessoa que tem seus laços construídos dentro da favela e também na favela seu cenário de ascensão social.

A hegemonia está ligada aos desejos, não só de possuir coisas, ou se aproximar de um modelo de masculinidade que tem *status* e distinção social, mas também o desejo de existir e ser notado. Esses desejos podem ser tão fortes e a cumplicidade com o sistema tão concreta que, minimizar a gravidade da exploração envolvida no tráfico e aceitar os riscos da atividade, que envolvem a vida e a liberdade, é algo absolutamente comum. Na entrevista de Miguel, com quem eu tinha o hábito de debater sobre diversos temas, considerando a relação construída com aquele adolescente, travei uma verdadeira discussão sobre a acumulação de renda do seu *patrão*, que ele defendeu ferrenhamente. Ele tem dois *patrões*. Eis o registro do nosso diálogo:

Izabela: Você gosta deles?

Miguel: Lógico!

Izabela: Lógico, não acho lógico não (eu rio), você acha? Por quê? O que que ele faz que você gosta?

Miguel: Ah, o cara me ajudou eu né mano, cê é doido?

Izabela: O que que é ajudar, Miguel?

Miguel: Eu tava no fundo do poço lá, pé rapado lá e os cara...

Izabela: Que mané ajudar, ele colocou um menor na linha de frente pra ganhar dinheiro pra ele, você percebeu que de dez bombas é R\$4.800,00 para o bolso dele?

Miguel: Ah e que é que tem?

Izabela: Ele não te ajudou porra nenhuma não, ele precisa de você.

Miguel: E eu preciso dele pra ganhar dinheiro.

Izabela: Precisa porra nenhuma, ele precisa de você muito mais.

Miguel: Se eu não pá na biqueira, eu não vou ganhar dinheiro não uai.

(...)

Miguel: Cê é doido, eu tô de menorzão aí pra ganhar plantão.

Izabela: Querido, mas todo traficante, os patrão tá colocando é menor mesmo, pra trabalhar ué.

Miguel: Eu sou o único de menor lá da quebrada que tem plantão

(...)

Izabela: Sim, que tem plantão, mas na pista tá um tanto de menor não está?

Miguel: Tá, só tem de menor, na minha quebrada não tem maior.

Izabela: Então você vai falar que patrão é muito bonzinho que deixou você trabalhar pra ele?

Miguel: Demais.

Elias já tem um posicionamento completamente diferente. Ele tinha 15 anos e em geral tinha posturas contra-hegemônicas, nas oficinas e também no cotidiano da unidade. Em uma das oficinas relatadas, enquanto o grupo defendia a ideia de que devem “cair pra dentro” dos agentes socioeducativos, que é enfrentá-los em caso de agressão, Elias falou algo do tipo “você tá doido, olha meu tamanho. Eu só ponho a mão na cabeça e vou pro chão”, rindo e representado a cena. Além de pequeno, ele é brincalhão e muitas vezes acusado de fazer coisas que não são aceitáveis na *cadeia*⁴⁷, mas como é extremamente carismático, sempre era protegido por algum outro adolescente do grupo. Além de não desejar ser *patrão*, ele criticou a postura dos traficantes de colocar drogas nas mãos de menores de idade. Segue fragmento do nosso diálogo sobre o assunto:

Izabela: Você tem patrão?

Elias: Tinha.

Izabela: Você gostava dele?

Elias: Gostar do cara que tá querendo minha ruína?

Izabela: Então você não gostava não? O cara queria sua ruína?

Elias: É ué.

Izabela: Por quê?

Elias: Uai, põe a gente no crime, ele não quer meu bem não ué.

Izabela: Também acho, quem quer seu bem quer você fora disso. Ele faz alguma coisa que você gosta?

Elias: Não.

Izabela: E o que ele faz que você não gosta?

Elias: Ele punha droga na minha mão ué.

Izabela: Então você não queria ser igual ele não, você gostaria de ser patrão?

Elias: Eu não.

Sobre o desejo de ser patrão do tráfico eu apresento uma análise que compreende a integralidade das entrevistas, mas não é limitada aos instrumentos de coleta de informações desta pesquisa. Ela se baseia também na relação que eu tive e que em alguns casos ainda tenho, com cada um daqueles participantes. Desejar ser um patrão do tráfico tem sentidos

⁴⁷ Utilizo cadeia porque as normas de convivência das unidades socioeducativas são chamadas de “regras da cadeia”.

diferentes para cada um deles. Porém, um expressivo número de participantes desse grupo se identifica com a masculinidade do *patrão*, fazendo e refazendo suas identidades inspiradas nesses modelos. É o caso, por exemplo, de Alexander, Raione, Riquelme, Miguel, Calvin e Matheus, que manifestam desejo em ser um homem poderoso, que tem dinheiro, que se relaciona com várias mulheres, que manda na *quebrada*. Fernando afirmou não desejar ser *patrão*, mas afirma continuamente que vai ser um empresário e que eu vou ver sua ascensão. Além disso, suas posturas individuais e coletivas sinalizam esse desejo de ter dinheiro e exercer poder e por isso eu o coloco como um dos representantes desse grupo. Alguns afirmam que gostam de viver o crime, que também se divertem nessa atividade, ainda que reconheçam que essa trajetória envolve muitas coisas, inclusive a morte.

Para esse grupo o crime é a trajetória escolhida. Uma vida de trabalhador das camadas populares, não é o que eles querem para si. Quatro deles foram desligados do sistema socioeducativo com trabalhos remunerados, como jovens aprendizes e a eles apresentada a possibilidade de continuidade de uma vida comum para um adolescente daquela faixa etária. Os quatro voltaram a ser presos ou internados. Alexander voltou para a mesma unidade socioeducativa, onde nos reencontramos. Recentemente soube por um amigo em comum que ele fora inserido no sistema prisional. Riquelme foi preso 20 dias depois de ser desligado e mesmo dentro do presídio, nós conversamos pelas redes *WhatsApp* e *Facebook*. Ele saiu da prisão, foi vítima de uma tentativa de homicídio e também foi preso novamente. Calvin está com problemas com a dependência química, voltou a ter algum envolvimento com o *corre* e chegou a ser preso, informação essa repassada pela mãe dele, com quem eu converso habitualmente. Matheus foi reinserido no sistema socioeducativo, informação que acessei pela administração da unidade. Ele já foi desligado e recentemente eu soube, por um amigo em comum, que ele está jogando futebol em um time da cidade. Ele é famoso por ser muito bom de bola. Raione também estava preso, no interior do estado, informação essa passada por Riquelme. Miguel que falou que a condição do trabalhador é “terrível”, está trabalhando como servente. Ele me mandou uma foto de uniforme, pelo *WhatsApp*. Fernando foi inserido no sistema prisional e eu acompanho esse processo junto com sua mãe.

Identifico também um outro grupo, composto por adolescentes que, em sua maioria, nutrem desejo por ser *patrão*, apenas como uma ascensão possível dentro da estrutura que atuavam. Esse grupo pode ser somado ao grupo daqueles que sequer desejam essa posição. Suas identidades de bandido são aparentemente moldadas com uma pluralidade maior de experiências de masculinidades, como a dos estudantes, dos *cria* que soltam pipa e vão à

igreja, dos trabalhadores, etc. Os participantes com as condições socioeconômicas mais severas e mais vulneráveis integram esse segundo grupo. Eles também desejam ser um homem que tem certo poder, uma condição econômica melhor, conseguir se relacionar com as mulheres que os atraem, mas a maioria deles não necessariamente reivindica *status*, ou pelo menos não o tomam como essencial à sua identidade masculina. Esse grupo tanto se identifica com a imagem e potencialidades do *patrão*, quanto do trabalhador das camadas populares. Eles demonstram que o *corre* é apenas um caminho possível e que talvez com os estímulos e investimentos corretos, superando as condições socioeconômicas que o atravessam, poderiam sair do *corre*. Esse grupo é exemplificado por Marcos, João Vitor, Peterson, Davi e Elias.

Marcos tem problemas com a dependência química e está em situação de rua. Dentro da unidade socioeducativa era também considerado um paciente da saúde mental. Ele foi desligado do sistema socioeducativo com trabalho remunerado, como jovem aprendiz, mas foi a um baile funk, usou drogas e depois disso abandonou a casa, o trabalho e voltou para as ruas. Esse fato foi contado por Fernando, que trabalhava na mesma empresa e quem levou Marcos para o referido baile. Nós também nos encontramos rapidamente perto de sua *maloca* e ele confirmou a informação de Fernando. João Vitor me encontrou no *Facebook* e informou que está morando em uma ocupação no centro da cidade, mas não está com sua família. Peterson também é paciente da saúde mental, o que me informou sua mãe. Ele também foi desligado do sistema socioeducativo com trabalho remunerado, mas teve uma espécie de surto no emprego e acabou com essa relação. Essa informação também partiu de Fernando, que trabalhava com ele na mesma empresa. Davi também tem sérios problemas com a dependência química, está sempre em débito com traficantes, o que faz com que ele precise se mudar constantemente. Ele mantém contato telefônico e no momento está no interior do estado, trabalhando eventual e informalmente. Elias mantém contato telefônico e por último informou que está trabalhando como servente de pedreiro, mas também já trabalhou em lavoura de café. Em ambos os casos destacou o quão pesado tem sido. Quando estava na lavoura ele acordava às 4 horas da manhã, viajava mais de três horas para trabalhar e em condições ilegais, principalmente para um menor de idade.

Entre patrões, trabalhadores e diversos outros modelos de masculinidade é construída a masculinidade de cada *bandido*, seja na *pista*, seja representando a quebrada ou acertando uma *fita*. Essas masculinidades são possibilidades de distinção social e “coexistem, oscilam, disputam, dialogam, se opõem e convivem com outras de forma situacional” (DE GARAY HERNÁNDEZ, 2018, p. 204). Em boa parte do tempo dedicado à pesquisa, eu busquei

compreender por que essas juventudes escolheram o *corre*. Sob várias perspectivas de análise eu tentei apresentar uma resposta e talvez eu continue me perdendo nesta busca. Eu não tenho essa resposta, mas apresento mais uma reflexão:

(...) a maioria dos jovens empobrecidos não se envolvem nas facções, e estas comportam também, em outro tipo de funções e com mais ganhos, pessoas que não necessariamente vão ser atravessadas pela repressão e a privação de liberdade (ZALUAR, 2012). Contudo, isso também não significa negar que existem certos mecanismos que se apropriam da precariedade e dos valores capitalísticos para atrair e cooptar jovens (ZALUAR, 2004), segundo suas narrativas, a partir dos nove anos, oferecendo o que uma sociedade desigual insiste em cercear. Frente a isso, alguns jovens se aproximam, outros não, dobrando e desdobrando em políticas comunitárias específicas e sendo submetidos a normas concretas que estimulam valores capitalísticos e machistas (DE GARAY HERNÁNDEZ, 2018, p. 127).

A condição socioeconômica dos participantes e outras diversas situações de vulnerabilidade social são mencionadas nos corredores e salas das equipes técnicas das unidades socioeducativas, confirmadas ainda por materiais oficiais e, algumas delas, narradas no capítulo quatro. Constatada a delicadeza do tema, eu não consegui me aprofundar nessas questões com o grupo participante e, portanto, não tenho dados precisos para apresentar uma boa análise. A pobreza e a insegurança alimentar aparecem em seis entrevistas, como uma das situações que motivaram a adesão ao *corre*. Ronaldo informou que em uma fase de sua vida comia apenas arroz e feijão, que pegava restos de feira levados pelos carroceiros e que esses alimentos seriam usados para alimentar os cavalos. João Vitor informou que um dos prazeres associados ao *corre* é poder ajudar a família e antes disso viviam com feijão e farinha.

Percebo também que os limites e noções de vulnerabilidade expressadas pelos participantes são muito baixos. Por diversas vezes eu ouvi adolescentes expressando que em sua casa sempre tinha arroz e feijão, ou um *fubá suado*⁴⁸, mas que fome eles nunca passaram. Que mães tiram de suas bocas para alimentá-los e, portanto, a adesão ao crime não seria justificada. Eles atraem para si acusações de serem “vagabundos” e “malandros”, por não gostarem de estudar e nem de trabalhar. Ao mesmo tempo experimentam uma relação extremamente conflituosa com a escola e são submetidos a trabalhos braçais pesados e ilegais, como é o caso de Elias.

Pelas informações que me foram oficialmente prestadas, o que eu consigo concluir é que a masculinidade do bandido é uma das masculinidades disponíveis no contexto de quem

⁴⁸ Uma receita que geralmente inclui fubá, açúcar e água, nesse contexto utilizada para evitar a fome, quando não há outro alimento.

tem tão restritas possibilidades de escolha. O que fez com que escolhessem ser bandido e não trabalhador é uma reflexão que extrapola aquelas possíveis nessa pesquisa. Fernando apresenta algumas diretrizes em sua entrevista, que também representa parte considerável das minhas análises: mulher e dinheiro. Ele disse que começou a se aproximar do tráfico aos 12 anos de idade, que via os homens envolvidos com o crime, no baile, com dinheiro e várias mulheres, e começou a se identificar com eles. Afirmou que ele ficava “só de beijinho” com as mulheres, mas que queria transar com elas. Perguntei se ele via também o trabalhador e qual chamava mais a atenção. Ele respondeu: “Ostentação. O tráfico é ostentação. Os cara andava de roupa pá, tudo de ouro no pescoço, motão. Você olha pro trabalhador tipo *umazinha 125* ué, eu um menor e o que eu ia querer? O tráfico”. Informei que eu não ligava para modelos de moto e ele acrescentou, “mas tem mulher interesseira” e com quem ele só consegue se relacionar se tiver dinheiro. Falei também que existem várias mulheres que não ligam para o dinheiro, mas que ele parece querer “as interesseiras”. Ele acrescenta: “é lógico, é as melhores ué”, “nós quer as melhores, as melhores”.

Quem não quer as melhores “coisas” da vida? Isso não é específico das juventudes socioeducativo. O traficante tem ouro no pescoço, “motão” e o trabalhador das camadas populares, com muito esforço terá “*umazinha 125*”. Se dentro do patriarcado a mulher é um objeto, umas das mais antigas moedas de troca, que nesse contexto reificam as identidades masculinas (MIZRAHI, 2018, p. 37), nada mais esperado que elas estejam divididas entre “melhores” e “piores”, e que sejam um dos objetos de disputa e hierarquização das masculinidades. As “escolhas” têm seus fundamentos, mas são discursos como o de Fernando, que na verdade são conjurados pela articulação de sistemas de gênero de ordem global (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 266), que permitem a continuidade das hierarquizações e as noções de subalternidade, sempre reconstituindo o sistema patriarcal (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013) e que em contextos regionais e globais prendem pessoas como Fernando e matam pessoas como o Ronaldo (em memória).

7 CONCLUSÕES: HOMEM NÃO É ASSIM

Concluir este trabalho é muito difícil, porque ele não acabou. Eu continuo “em campo”, em circunstâncias cada vez mais diversas e as informações não param de chegar, tensionando continuamente as reflexões que já elaborei. Será que eu consegui passar o que eu queria? Será que os adolescentes ficariam ofendidos com alguma coisa que eu falei? Será que eles concordariam com minhas reflexões? Será que minha pesquisa pode gerar conclusões equivocadas e consequências ruins para essas juventudes? Eu fiz uma dissertação politicamente comprometida e com potencial de transformação? São essas algumas das questões que me rodeiam constantemente.

Eu continuo do meu lado do abismo, pensando ser possível fazer alguma coisa relevante, que possa interferir positivamente nas vidas de pessoas que estão do outro lado. Mas percebam que a expectativa já nasce frustrada, pois se estamos separados/as por um abismo, o que eu faço daqui, não chega até lá. Esta dissertação é um exemplo disso. Este texto não vai chegar aos participantes e, se chegasse, eles talvez dificilmente passariam da capa. Estudar, pesquisar e escrever não faz sentido para eles, que lutam cotidianamente por sobrevivência. Ao mesmo tempo que lutam dentro de realidades tão duras, não se reconhecem apenas vítimas de um sistema opressor e nem determinados por ele. Eles “escolhem” o *corre* e é esse um dos maiores aprendizados que eu tirei dessa experiência. Dez participantes, em algum momento da entrevista, apontaram a escolha desta trajetória, explicitamente. Mas em que circunstâncias essas “escolhas” acontecem? Por que acontecem predominantemente entre homens? Eu encerro o trabalho sem essas repostas, sem “porquês” e muitos “talvez”.

O ato de “escolher” parece simples: “eu que quis”, “os cara da biqueira chamou e eu fui”, “eu pedi pra entrar”, mas o contexto individual onde se inserem essas “escolhas” são muito mais graves do que esta pesquisa deu conta de apresentar. Em umas das muitas conversas informais com aquele entrevistado, amigo, que foi excluído da amostra, falamos sobre escolhas. Se aos onze anos eu escolhia entre fazer aula de jazz ou ballet, ele “escolhia” entre entrar para o crime para ter uma arma ou assistir sua mãe ser agredida pelo pai, sem poder protegê-la. Se aos dezessete anos eu escolhia qual faculdade cursar, ele “escolhe”, diariamente, mesmo com a fome e a dependência química em casa, se manter fora do *corre* e interromper uma trajetória de *cadeia* que começou aos doze anos e que, pelo que afirmou, nos primeiros dias não parava de chorar. Acredito que, apenas quem já entrou nos alojamentos de uma unidade socioeducativa consiga alcançar a tristeza de imaginar um menino de doze anos,

sozinho, chorando atrás das grades. Esta é só uma das histórias que eu tive a oportunidade de conhecer. Ela não está nos registros oficiais, mas assim como as outras, contribuíram com o meu olhar de pesquisadora e também solidariedade e amor.

Meu amigo “escolheu” e os outros participantes também. Não cabe a mim, uma mulher, que vive uma realidade completamente diferente daquelas vivenciadas por eles, usufruindo de uma sucessão de direitos que eles têm cotidianamente violados, questionar a autonomia da “escolha” reivindicada. Embora pessoas descomprometidas possam distorcer essa informação e utilizá-la de forma a culpabilizá-los continuamente, eu caminhei para uma conclusão diferente: quem escolhe entrar, escolhe sair, caso assim o queira escolher. Essa é a próxima — mas não a última — etapa do meu trabalho, elaborar estratégias pedagógicas para reflexão dessa escolha, entre os homens que a “escolhem”.

É inegável que a adesão ao crime faz parte do processo de construção das identidades masculinas, para determinados grupos de homens. São homens — não mulheres — que estão fazendo essa “escolha”. Foi o meu amigo, não suas irmãs mais velhas, que assumiu a responsabilidade de proteger a mãe da violência do pai, adquirindo uma arma e aderindo ao crime. O irmão do Michael também pegou uma arma para matar o pai, quando soube que ele tentara matar sua mãe. Marcos esfaqueou o padrasto que agredia sua mãe e teve que sair de casa e viver na rua, por medo de ser esfaqueado também. Filipe trocou agressões físicas com seu padrasto para proteger sua mãe e tantos outros casos que eu conheço, mas não estão incluídos nesta pesquisa.

São situações como essas que me remetem às consequências da propagação de pensamentos como aquele expressado por minha mãe, “homem é assim, igual bicho”. Se homens “são” bichos, eles têm “disposição”, agem mais por impulso e com violência, se comparados às mulheres. Como “bichos” eles podem ocupar um ou mais papéis daqueles destinados aos animais, ou dos que atacam, ou dos que protegem, ou, dos que atacam alguns/mas e protegem outros/as, fazendo da vida masculina um violento eterno jogo de poder e dominação.

Que ordem de gênero é essa que nós estamos perpetuando, onde mulheres adultas “precisam” ser protegidas por crianças de onze anos? Se mulheres adultas são mais “indefesas” que um menino de onze anos, que chances temos nós de combater o patriarcado? Não! Eu não estou culpabilizando as mães e demais mulheres vítimas da violência doméstica. Estou afirmando que os movimentos feministas precisam avançar nessas reflexões, fazendo com que nós, mulheres, possamos perceber que não somos invariavelmente oprimidas.

Precisamos aprender que temos o poder para rejeitar as realidades que nos oferecem e que “o exercício desse poder pessoal básico é um ato de resistência e de força” (HOOKS, 2019, posição 1880). Precisamos ainda afastar definitivamente essa noção de fragilidade, principalmente ligada às mulheres brancas, e olhar para as relações de poder que estabelecemos com as outras pessoas. Não podemos mais nos enxergar como vítimas passivas do machismo, a ponto de não conseguirmos oferecer segurança para os nossos meninos. Reivindico, portanto, olhares feministas sobre meninos, homens e masculinidades.

Nós também escolhemos! A premissa básica do ato de escolher é a presença de opções para serem escolhidas. Homens e mulheres, em uma lógica binária, “escolhem”, fazem e refazem suas identidades, dentro de um espectro limitado pelos signos de cada gênero. Embora já seja possível perceber movimentos de resistência, contra-hegemonia, subversão e fluidez dentro das ordens de gênero, o binarismo ainda direciona os movimentos identitários das juventudes socioeducativo. Pelo que relataram, dentre as possibilidades existentes para eles, homens, poderiam escolher outros caminhos, como o do trabalhador “comum” das camadas populares, ou do estudante que também vai se tornar um trabalhador “comum” das camadas populares, ou... Os/as leitores/as que deem continuidade à frase, pois eu não tenho elementos para apresentar tantas outras opções.

Eu escolhi ser advogada e meu pai escolheu pagar a faculdade para mim. Quando eu decidi trocar de área, eu escolhi sair do emprego e me dedicar ao Mestrado, me sustentando pelo trabalho com a dança. Mesmo durante a pandemia eu não passei nenhuma dificuldade que comprometesse meu sustento ou minhas demandas essenciais. Mas eu não deixo de pensar como deve ser difícil “escolher” com fome, ou com a mãe sendo espancada ao lado, ou vendo amigos serem assassinados. Arroz e feijão, feijão e farinha, *fubá suado* e restos de feira não são garantias de sobrevivência e não oferecem um mínimo de dignidade para uma pessoa. Nesse restrito campo de opções, se tornar um *bandido* parece solucionar esses problemas, muito embora crie diversos outros.

Enquanto modelo que oferece solução para as tensões experimentadas pelas juventudes socioeducativo, a *masculinidade do bandido* é um padrão de hegemonia. Se tornar trabalhador, com o tempo, talvez também solucionasse parte dessas demandas. Porém, ao contrário do *corre* no tráfico, se tornar trabalhador não depende apenas de uma decisão, “eu que quis”. Muitas vezes as realidades desses jovens sequer comportam essa espera.

É verdade que nem todas as trajetórias são atravessadas pelo mesmo nível de violência e vulnerabilidades vivenciadas pelo meu amigo, pelo Michael, pelo Marcos, pelo Filipe, ou

todos os treze participantes que perderam alguém próximo por violência letal. Cada pessoa é única, cada homem é único e a identificação com um determinado modelo de masculinidade faz também parte de um jogo de poder e reivindicação por existência. Desse jogo, participam as mulheres como objetos que empoderam o homem, mas que também utilizam homens para atingir seus objetivos. Estamos todos e todas, e também todes, fazendo “escolhas”, ora reproduzindo ora contestando os modelos de hegemonia.

As juventudes socioeducativo transgridem e reivindicam novas políticas de masculinidades. Eles são, por exemplo, muito asseados e vaidosos com a aparência. Dentro das limitações do sistema socioeducativo, a maioria é muito cuidadosa com suas roupas, chinelos e com os cortes de cabelo. Nas oficinas, além do banho habitual, é comum chegarem com cheiro de perfume, mãos e braços com creme hidratante. Outro exemplo é que esse grupo não acha aceitável mexer com mulheres que passam nas ruas. Eles afirmam que não fazem isso, se ofendem se eu insinuo algo do tipo, por que isso é “coisa de *jack*”. Eu pude observar no meu cotidiano que, de fato, são homens mais velhos que fazem esse tipo de coisa.

Mas dentre as novas políticas adotadas, é ainda essencial que se diferenciem das mulheres. Parte do meu trabalho com essas juventudes é então ajudá-los a enxergar que esse distanciamento está minando suas vidas e restringindo suas possibilidades de existência. Eu estou ali, eu sou uma mulher. As pessoas que eles mais amam costumam ser mulheres, o que está simbolizado por uma das frases mais comuns da *cadeia*: “amor só de mãe”. As mulheres não matam, não morrem e não são privadas de liberdade tanto quanto os homens. Não estamos nem perto de alcançá-los nesses índices, mas a posição discursiva dominante é de que eles são os privilegiados da ordem de gênero. Que privilégios são esses? Será que são as juventudes socioeducativo esses homens que ocupam parlamentos, que são poderosas lideranças, que controlam os meios de força e que acumulam o dobro das riquezas que acumulam as mulheres no mundo (CONNELL; PEARSE, 2015)? Será que são esses homens, jovens, negros, periféricos, de baixa escolaridade, as referências de hegemonia que ocupam o centro do poder global? Serão eles os *violadores juízes*⁴⁹ dos nossos gritos de luta feminista?

Esta é uma das expressões da crueldade do sistema patriarcal e das noções de hegemonia, fazer com que maiorias quantitativas se tornem minorias no acesso aos direitos, mas que não se deem conta desse fato com tanta facilidade. Mas é por isso também que as reflexões desenvolvidas dentro do projeto “Bravíssimo” são tão promissoras. A realidade está

⁴⁹ Menção à militância feminista do movimento “Un violador en su camino”, do coletivo “Las Tesis”, iniciada no Chile no ano de 2019, mas que teve manifestações em todo mundo.

posta e eu não tenho dificuldade para evidenciá-las. As juventudes socioeducativo se esforçam tanto para se distanciar do que entendem por feminino, mas não são mulheres as pessoas que eles mais amam? A obrigação de ter dinheiro e chefiar as famílias é tradicionalmente masculina, mas as famílias das *quebradas* não são predominantemente mantidas pelas mães, avós e outras mulheres? Ter várias mulheres, se vangloriar entre *fiéis* e *amantes* em festas e bailes regados a uísque e drogas financiadas por *bandidos* é algo muito “masculino”. Mas não são também homens que estão sendo privados de liberdade e mortos neste contexto? Que vantagens são essas que o machismo lhes oferece? Esse tem sido meu papel de professora que tem resposta para tudo, perguntar, perguntar, perguntar e muitas vezes as perguntas parecem respostas. Porque quando uma pergunta não tem uma resposta, ela é a resposta. É nesse momento que eu vou ouvir “cê tá tirando hein fessora?”.

As relações de gênero são sempre arenas de conflito, mas os participantes dessa pesquisa são submetidos a situações raramente experimentadas por mim ou pessoas externas às *quebradas* e por esse motivo eu ainda coloco *aspas* quando eles afirmam que “escolheram” o *corre*. Em se tratando de juventudes socioeducativo tudo é movimento e para pensar um projeto eficiente de ressocialização devemos adotar como princípio basilar a valorização da autonomia do adolescente. “É com ela, a autonomia, penosamente construindo-se, que a liberdade vai preenchendo o “espaço” antes “habitado” por sua *dependência*. Sua autonomia que se funda na *responsabilidade* que vai sendo assumida” (FREIRE, 2002, p. 48). Acrescenta ainda o educador brasileiro Paulo Freire que uma pedagogia da autonomia “tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade” (FREIRE, 2002, p. 55). No sistema socioeducativo, *responsabilidade* é imperativo e tudo gira ao seu redor. O argumento utilizado para justificar a existência do sistema socioeducativo é o de que adolescentes precisam ser responsabilizados por seus atos infracionais, muito embora seja ele na verdade parte de um projeto político higienista. Assim, os saberes freirianos que aliam responsabilidade e autonomia como um exercício para a liberdade são uma excelente promessa de ressocialização.

Considerar a voluntariedade dos meus alunos e participantes como um dos fatores de adesão à criminalidade não encerra as reflexões de pesquisa, apenas inicia. O que eu pretendo com esta pesquisa então é iniciar um trabalho de base que mova todas as estruturas, a ponto de aterrar o abismo, extinguir os lados e possibilitar a trajetória livre de todos/as nós. As juventudes socioeducativo estão em movimento, com energia e “disposição”. Nós, mulheres

feministas, estamos nos fortalecendo, nos politizando e juntas estaremos então prontas para essa implosão.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BRASIL. **Lei Maria da Penha**. Lei 11.340 de 7 de agosto de 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm>. Acesso em: 15 set. 2021.
- BRASIL. **Levantamento Anual SINASE 2017**. Brasília: Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, 2019. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/LevantamentoAnualdoSINASE2017.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2021.
- BRASIL. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias**, atualização junho de 2017. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública, Departamento Penitenciário Nacional, 2019. Disponível em: <<http://antigo.depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen/relatorios-sinteticos/infopen-jun-2017-rev-12072019-0721.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2021.
- CAETANO, Marcio; DA SILVA, Paulo; GOULART, Treyce. Masculinidades hegemônicas e dissidências: tensões curriculares em cotidianos de escolas da periferia. **Revista Reflexão e Ação**, v. 24, n. 1, p. 214 - 232, Jan./Abr. 2016.
- CARDOSO, Frederico Assis. **A identidade de professores homens na docência com crianças: homens fora do lugar?** 2000. (Tese) – UFMG, Belo Horizonte.
- CARNEIRO, Sueli. Gênero, raça e ascensão social. **Revista Estudos Feministas**, v. 3, n. 2 p. 544-552, jan. 1995.
- CARVALHO, Geraldo. O lucro pode parar de crescer, sim, em respeito à vida. In: **PSTU**. Piauí: 20 abril 2020. Disponível em: <<https://www.pstu.org.br/o-lucro-pode-parar-de-crescer-sim-em-respeito-a-vida/>>. Acesso em: 15 set. 2021.
- CASTAÑEDA, Martha Patricia Salgado. **Metodología de la investigación feminista**. México: CEIICH, UNAM, Fundación Guatemala, 2008.
- CONNELL, Raewyn W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, 21(1), p. 241-282, 2013. doi: 10.1590/S0104-026X2013000100014.
- CONNELL, Raewyn W.; PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: nVersos, 2015.
- CONNELL, Raewyn W. **Gênero em termos reais**. São Paulo: nVersos, 2016.

CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**. 20(2), p.185-206, jul./dez., 1995.

DE GARAY HERNÁNDEZ, Jimena. Engajamento político e fazeres acadêmicos: pistas para embarcar em pesquisas feministas. In: ROSA, Katemari; CAETANO, Marcio; CASTRO, Paula (orgs.). **Gênero e sexualidade**: intersecções necessárias à produção de conhecimentos. Campina Grande: Realize Editora, 2017, p. 55-78.

DE GARAY HERNÁNDEZ, Jimena. **O Adolescente dobrado**: cartografia feminista de uma unidade masculina do Sistema Socioeducativo do Rio de Janeiro. 2018. (Tese) – UERJ, Rio de Janeiro.

DE SOUZA, Rolf Malungo. **Falomaquia**: homens negros e brancos e a luta pelo prestígio da masculinidade em uma sociedade do Ocidente. *Antropolítica*, (34), p. 35-52, 2013. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/242089414/Falomaquia-pdf>>. Acesso em: 26 set. 2022.

D'ELIA FILHO, Orlando Zaccone. **Acionistas do nada**: quem são os traficantes de droga. Rio de Janeiro: Revan, 2017.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 10, p. 58-78, jan.-abr. 1999

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HOOKS, bell. **Teoria Feminista**: da margem ao centro. São Paulo: Perspectiva, 2019. [recurso eletrônico]

INSTITUTO SOU DA PAZ. **Aí eu voltei para o corre**. Estudo da reincidência infracional do adolescente no Estado de São Paulo. São Paulo: Instituto sou da Paz; CONDECA; Secretaria de Desenvolvimento do Estado de São Paulo, 2018, 58 p. Disponível em: http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/BibliotecaDigital/BibDigitalLivros/TodosOsLivros/ai_eu_voltei_pro_corre_2018.pdf>. Acesso em: 03 out. 2021.

IPEA. **Atlas da Violência**. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>>. Acesso em: 15 set. 2021.

JARDIM, Juliana Gomes. O uso da etnografia na pesquisa em educação. In: **XI Congresso Nacional de Educação Educere**. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2013.

Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/10590_6107.pdf>. Acesso em: 14 set. 2019.

KAUFMAN, Michael. Las experiencias contradictorias del poder entre los hombres. In: ARANGO, Luz G.; LÉON, Magdalena; VIVEROS, Mara. Luz G. (orgs.). **Género e identidad**. ensayos sobre lo femenino y lo masculino. Bogotá: Tercer Mundo, 1995, pp. 123-146. Disponível em: <https://www.academia.edu/63194005/G%C3%A9nero_e_identidad_Esayos_sobre_lo_femenino_y_lo_masculino> Acesso em: 15 set. 2021.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, 4 (9), p. 103-117, out. 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71831998000200007>. Acesso em: 15 set. 2021.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de; CASTRO, Paula Almeida de (orgs.). **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 50-54. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2021.

MINAS GERAIS. Apresentação. **Site SEJUSP**. Disponível em: <<http://www.seguranca.mg.gov.br/sobre/institucional/apresentacao>>. Acesso em: 02 set. 2021.

MIRANDA, Shirley Aparecida; FLEURY, Daniely Roberta dos Reis; DE JESUS, Rodrigo Ednilson; CORREA, Lycinia Maria; VAGO, Tarcísio Mauro. Heteroidentificação. 18 de fevereiro de 2020. In: **UFMG**. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/prae/noticias/do-que-estamos-falando-quando-o-tema-e-heteroidentificacao-racial/>>. Último acesso em: 16 de ago. 2020.

MIZRAHI, Mylene. “O Rio de Janeiro é uma terra de homens vaidosos”: mulheres, masculinidade e dinheiro junto ao funk carioca. **Cadernos Pagu**, 52, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/18094449201800520015>>. Acesso em: 15 set. 2021.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

NASCIMENTO, Silvana de Souza. O corpo da antropóloga e os desafios da experiência próxima. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 62, n. 2, p. 459-484, 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/161080>>. Acesso em: 15 set. 2021.

OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de. **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil – 2019**. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2020. Disponível em: <<https://grupogaydabahia.com.br/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/>>. Acesso em: 15 set. 2021.

PINHO, Osmundo. Qual é a Identidade Do Homem Negro? **Revista Democracia Viva**, n. 22, p. 64-69, jun./jul. 2004.

PINTO, Camila Fernandes. **Figuras da causação**: sexualidade feminina, reprodução e acusações no discurso popular e nas políticas de Estado. 2017. (dissertação) – UFRJ, Rio de Janeiro.

PRADO, Sophia de Lucena. **Desigualdade, Revolta, Reconhecimento, Ostentação e Ilusão**: O processo de construção da identidade de jovens em *bandidos* em uma Unidade Socioeducativa de Internação do Distrito Federal. 2016. (dissertação) – UFRN, Natal.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Graphium. 2011.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna. 2001.

SARDENBERG, Cecília, Revisitando o campo: autocrítica de uma antropóloga feminista. **Revista Mora**. Universidad de Buenos Ayres, v. 20, p. 137-166, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/28462>>. Acesso em: 15 set. 2021.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista**: Conceitos Fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 49-76.

SULZ, Juliana Albuquerque. **“Papai no bolso e mamãe no coração?”** Análise das configurações de práticas das paternidades contemporâneas. 2020. (dissertação) – UFMG, Belo Horizonte.

VIVEROS VIGOYA, Mara. **De quebradores y cumplidores**: Sobre hombres, masculinidades y relaciones de género en Colombia. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2002.

VIVEROS VIGOYA, Mara. **As cores da masculinidade**: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

ZALUAR, Alba. **Da revolta ao crime S/A**. São Paulo: Moderna. 2002.

REFERÊNCIAS DO ESTADO DA ARTE

AKUTSU, Beatriz Hiromi da Silva. **Violência doméstica e familiar contra a mulher**: perspectiva relacional da construção social das feminilidades e masculinidades no contexto brasileiro. 2017. (dissertação) – UFF, Niterói.

ALMEIDA, Lorena Sales de. **Violência Doméstica contra Mulheres nos Discursos da Masculinidade**. 2016. (dissertação) – UFBA, Salvador.

ALMEIDA, Sebastião Carlos Ferreira de. **Mixed Martial Arts (MMA) no Brasil**: Masculinidades em disputa. 2016. (tese) – UFG, Goiânia.

ALVES, Natalia Fernandes Teixeira. **É só uma cantada?** Uma análise da experiência e percepção do assédio de rua entre homens e mulheres. 2019. (dissertação) – UFC, Fortaleza.

ARAÚJO, Júlio Cesar Cerqueira. **Projetos de vida e construção de identidades masculinas de jovens homens negros: uma etnografia numa escola pública da zona rural, no recôncavo da Bahia.** 2019. (dissertação) – UFRB, Cruz das Almas.

ARNO, Fernanda. **Violência e Masculinidade em Chapecó (1958-1974).** 2015. (dissertação) – UFSC, Florianópolis.

BAGNI, Guilherme. **Cyberhooligans: A manifestação da violência nas redes sociais.** 2015. (dissertação) – UNESP, Rio Claro.

BATISTA, Kevin Samuel Alves. **Masculinidades e violência de gênero: um estudo sobre violências e metamorfoses na perspectiva da psicologia social e crítica.** 2018. (dissertação) – UFC, Fortaleza.

BERNABE, Marina Francisqueto. **“Ninguém nasce homem: torna-se homem”:** A produção dos gêneros e a precarização da vida - Problematizando as masculinidades em jovens em cumprimento de medida socioeducativa. 2018. (dissertação) – UFES, Vitória.

BERTOL, Carolina Esmanhoto. **Inscrição da lei, constituição subjetiva e masculinidades: cenas de adolescentes cumprindo medida socioeducativa.** 2010. (dissertação) – UFSC, Florianópolis.

BILLAND, Jan Stanislas Joaquim. **Como dialogar com homens autores de violência contra mulheres?** Etnografia de um grupo reflexivo. 2016. (tese) – USP, São Paulo.

BILLERBECK, Luana Marcia de Oliveira. **Subjetividades masculinas: identidades dos homens que praticaram violência doméstica e familiar no contexto do Paraná.** 2018. (tese) – UEPG, Ponta Grossa.

BORELI, Andrea. **Matei por amor!** Representações do masculino e do feminino nos crimes passionais – São Paulo nos anos 20 e 30. 2018. (tese) – UFPA, Belém.

BRANCAGLIONI, Bianca de Cassia Alvarez. **Violência por parceiro íntimo na adolescência: uma análise na perspectiva das categorias gênero, violência de gênero e geração.** 2016. (dissertação) – USP, São Paulo.

BRAGA, Iara Falleiros. **Quem é homossexual carrega consigo o fardo do preconceito: violências contra adolescentes e jovens homossexuais e a rede de apoio social.** 2017. (tese) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

BRASCO, Priscila Jandrey. **Masculinidades e Violência Conjugal.** 2018. (dissertação) – Fundação Univ. Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Porto Alegre.

BUGAI, Fernanda de Araújo. **Sistema Prisional: Gênero e encarceramento feminino no município de Guarapuava – PR.** 2018. (dissertação) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava.

BURBULHAN, Fernanda. **A experiência michê: um estudo fenomenológico**. 2015. (dissertação) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

CAMARGO, Paulo Roberto Ferreira de. **Crises performáticas: representações de masculinidades no cinema de Beto Brant**. 2018. (tese) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba.

CAMPBELL, Debra Frances. **Television violence and young adults in Brazil: a content analysis of the popular telenovella, “Malhação”**. 2015. (tese) – UNESP, Rio Claro.

CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Manual de Acesso**. Brasília, 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br/images/documents/Portal_Periodicos_CAPES_Guia_2019_4_oficial.pdf>. Acesso em: 16 set. 2020.

CARDOSO, David Tiago. **Através do espelho: gênero e masculinidade nas práticas discursivas das Equipes de Referência do CREAS**. 2018. (dissertação) – UFSC, Florianópolis.

CARRARO, Elis Marina. **Trabalho com homens autores de violências: estratégia para o enfrentamento das violências de gênero**. 2019. (dissertação) – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava.

CARVALHO, Fabiana Aparecida de. **Homem não chora: o abuso sexual contra meninos**. 2015. (tese) – PUC-SP, São Paulo.

CASTRO, Nitiren Queiroz. **Subjetividade e Identidade de Educadores de Oficinas de Hip-Hop (Breaking)**. 2015. (dissertação) – Centro Universitário FIEO, Osasco.

CASTRO, Ricardo Gonçalves. **Redimindo Masculinidades: Representações e significados de masculinidades e violência na perspectiva de uma teologia pastoral amazônica**. 2018. (tese) – PUC-Rio, Rio de Janeiro.

CIPRIANO, Maria do Socorro. **A adúltera no território da infidelidade**. 2002. (dissertação) – UNICAMP, Campinas.

CORDEIRO, Ernesto dos Santos. **Educação e Gênero: Entre os Muros, os Quintais e a Rua - Debates e Embates dentro e fora do Território Escolar**. 2017. (dissertação) – Universidade da Região de Joinville, Joinville.

COSTA, Alexandra Lopes da. **O Tônico dos Machos: o uso de psicoativos no contexto das masculinidades e a violência de gênero no campo**. 2012. (dissertação) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados.

COSTA, Mariana Diogo de Lima. **Perspectiva Androcêntrica do aborto? Análise sociológica sobre o fenômeno do abortamento entre casais na cidade de João Pessoa**. 2019. (tese) – UFPB, João Pessoa.

DANTAS, Aline Rodrigues Moreira. **Violência conjugal: uma leitura psicanalítica sobre o agressor**. 2017. (dissertação) – UNIR Centro, Porto Velho.

DUTRA, João Victor Pinto. **Matryoshka Putina: masculinidades, segurança e fronteiras na Rússia**. 2015. (dissertação) – PUC-Rio, Rio de Janeiro.

FELIPPE, Leticia Silveira. **Violência sexual em meninos: gênero e masculinidade**. 2016. (dissertação) – UERJ, Rio de Janeiro.

FERRARI, Alex Silva. **Patriarcado e violência: desemprego masculino e reviravolta feminina nos papéis sociais de gênero, Vitória-ES (2002-2010)**. 2016. (dissertação) – UFES, Vitória.

FERREIRA, Douglas Vicente. **As culturas do Jiu-Jitsu e a produção de corpos e de masculinidades “cascas-grossas”**. 2016. (dissertação) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas.

FERREIRA, Glícia Araújo. **Sobreviventes de uma guerra particular: experiências de mulheres atendidas pelo Serviço de Prevenção à Violência Doméstica da PMMG**. 2017. (dissertação) – PUC-Minas, Belo Horizonte.

FERREIRA, Natalia Damazio Pinto. **A Necropolítica Masculinista das Prisões: Uma Análise do Litígio Estratégico Brasileiro no Sistema Interamericano de Direitos Humanos**. 2019. (tese) – PUC-Rio, Rio de Janeiro.

FONSECA, Candida Clara de Oliveira Pereira da. **“À flor da pele”: histórias de mulheres em situação de violência atendidas pelo CREAS- Conselheiro Lafaiete- MG**. 2019. (tese) – PUC-Minas, Belo Horizonte.

FORNARI, Lucimara Fabiana. **Potencialidades e limites do jogo violetas para o enfrentamento da violência de gênero**. 2019. (tese) – USP, São Paulo.

FRANCA, Elisete Santana da Cruz. **As relações de sociabilidade e as (re)interpretações de gênero e masculinidades de jovens no contexto escolar**. 2018. (tese) – UFBA, Salvador.

GARCIA, Ana Luiza Casasanta. **Reflexões sobre ética, família e moralidade da ação violenta em narrativas de homens autores de violência**. 2018. (dissertação) – UFSC, Florianópolis.

GIRALDI, Klariene Andrielly. **Perspectivas feministas e de masculinidades: o papel do Poder Judiciário na desconstrução da violência contra a mulher**. 2016. (dissertação) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

GNOATO, Gilberto. **Análise do discurso feminino entre casais violentos na cultura da agressão**. 2017. (tese) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba.

GOMES, Fernando Bertani. **Necropolíticas Espaciais e a Instituição de Masculinidades de Jovens Homens envolvidos na Violência Homicida na Cidade de Ponta Grossa, Paraná**. 2018. (tese) – UEPG, Ponta Grossa.

- GONCALVES, Kamila Baldino. **Relacionamento amoroso: perspectivas de homens acusados de violência conjugal**. 2019. (dissertação) – Fundação Univ. Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Porto Alegre.
- GRACIA, Emerson Flores. **Masculinidades e Tortura: gênero e o uso sistemático da tortura na Ditadura Civil-Militar Brasileira**. 2018. (dissertação) – UFRGS, Porto Alegre.
- GUERRA, Oscar Ulloa. **Como ser homens nestes tempos? Pedagogias de gênero no Manual H**. 2015. (tese) – UFRGS, Porto Alegre.
- GUIMARÃES, Fabricio. **“Ela não precisava chamar a polícia...”: anestésias relacionais e duplo-vínculos na perspectiva de homens autores de violência conjugal**. 2015. (tese) – UnB, Brasília.
- HOHENDORFF, Jean Von. **Dinâmica da violência sexual contra meninos**. 2016. (tese) – UFRGS, Porto Alegre.
- JESUS, Damiana dos Santos de. **“Quero ver se você é essa mulher toda”**: Um estudo sobre feminilidades vivenciadas por mulheres acusadas de homicídio. 2017. (dissertação) UFBA, Salvador.
- JUNIOR, Manoel Sebastião Nascimento. **Análise crítica do discurso nos estudos de violência relacional: homens violentados por mulheres nos gêneros boletim de ocorrência e termo circunstanciado**. 2011. (dissertação) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão.
- KELLER, Daniel Gevehr. **Masculinidade Hiato: Cultura, gênero e moda**. 2016. (dissertação) – Universidade Feevale, Novo Hamburgo.
- KOERICH, Bruna Rosso. **Entre trajetória, desejos e (im)possibilidades: projetos de futuro na socioeducação de meio aberto**. 2018. (dissertação) – PUC-RS, Porto Alegre.
- LEITE, Maria Helena de Medeiros. **Reeducar para não reincidir: análise da experiência de grupos reflexivos com homens autores de violência no juizado da violência doméstica e familiar contra mulher de Mossoró/RN**. 2017. (dissertação) – UFRN, Natal.
- LEMOS, Diego José Sousa. **Contando as mortes da violência trans-homofóbica: uma pesquisa sociojurídica dos processos criminais na cidade do Recife e uma análise criminológico-queer da violência letal**. 2017. (dissertação) – UFPE, Recife.
- LIMA, Daniel Attianesi de. **“Só quem sentiu o frio das grades, sabe o calor da liberdade”**: discursos de masculinidades e violência no Instituto Penal de Campo Grande (IPCG). 2019. (dissertação) – UFMS, Pioneiros.
- LIMA, Edgley Duarte de. **A produção de masculinidades na comunicação institucional da política de saúde do homem no Brasil: entre fronteiras e sentidos**. 2018. (dissertação) – UFPE, Recife.
- LOPES, Wanessa Kelly Pinheiro. **Violência Conjugal: Símbolos e motivações do homem do interior do Ceará**. 2015. (dissertação) – UFPB, João Pessoa.

MACEDO, Aldenora Conceição de. **Ser e tornar-se: meninas e meninos nas socializações de gênero na infância.** 2017. (dissertação) – UnB, Brasília.

MACIEL, Lucas da Costa. **Siuatamatik, ou ser como mulher: afeto, gênero e sexualidade nahua na produção do corpo kuilot.** 2018. (dissertação) – UNICAMP, Campinas.

MAGALHÃES, Rosânia Alves. **A representação das masculinidades em textos da Lygia Bojunga.** 2019. (tese) – UFU, Uberlândia.

MALTEZ, Juliana Campos. **Das arquibancadas dos estádios às pistas da cidade: um estudo sobre torcedores organizados de Salvador, Bahia.** 2018. (dissertação) – UFBA, Salvador.

MASCHIO, Rafael Luiz. **Sob a pena do escrivão: discursos e gênero nos inquéritos policiais de crime de violência conjugal em Itajaí (1998-2010).** 2016. (dissertação) – UFSC, Florianópolis.

MARCH, Kety Carla de. **“Jogo de luzes e sombras”: processos criminais e subjetividades masculinas no Paraná dos anos 1950.** 2015. (tese) – UFPR, Curitiba.

MEQUE, Etelvina Alexandre Caetano. **A violência doméstica contra a mulher e o atendimento jurídico na cidade de Maputo – Moçambique.** 2016. (dissertação) – USP, São Paulo.

MISTURA, Tales Furtado. **Vivência de homens autores de violência contra a mulher em Grupo Reflexivo: memórias e significados presentes.** 2015. (dissertação) – USP, São Paulo.

MOORE, Hannah Keturah. **Violência policial, masculinidade negra e empoderamento através da arte: dois estudos de caso com jovens negros em Salvador.** 2016. (dissertação) – UFBA, Salvador.

MOORE, Rafael Alberto. **Violência e Gênero: Vulnerabilidade Masculina.** 2015. (dissertação) – UnB, Brasília.

MORAES, Andrea Maria Carvalho. **Como um 'sexopata' diz 'eu te amo': masculinidade em João Vêncio: os seus amores.** 2018. (dissertação) – USP, São Paulo.

MORAES, Maria da Conceição Santos. **Atendimento às mulheres em situação de violência: uma questão de gênero e raça/cor na saúde.** 2016. (dissertação) – Unifesp, São Paulo.

MOURA, Artur Fernandes de. **Entre muros e afetos: a sexualidade de jovens autores de ato infracional no CASE-Mossoró.** 2019. (dissertação) – UFRN, Natal.

MOREIRA, Alexandre Martins. **A Violência Por Parceiro Íntimo (VPI) em casais homoafetivos masculinos: Visibilizando o fenômeno.** 2017. (dissertação) – UFMG, Belo Horizonte.

NEVES, Iran Pereira da Costa. **Sobremortalidade masculina e estereótipos de gênero na atenção primária em saúde**. 2017. (dissertação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande.

OLIVEIRA, Cleber Teixeira de. **Construção da identidade masculina e relação intragênero: uma cartografia pensando a socialização**. 2018. (dissertação) – UENF, Campos.

OLIVEIRA, Daniela Cristina Neves de. **Crônicas dos Jovens na Periferia: Criminalização da Pobreza, Sociabilidades e Conflitos**. 2018. (dissertação) – UFES, Vitória.

OLIVEIRA, Eliane Cristina Brito de. **Do gangsta às minas: O RAP do Distrito Federal e as Masculinidades Negras**. 2017. (dissertação) – UnB, Brasília.

OLIVEIRA, Francis Fonseca. **Entrelaçando masculinidades e juventudes no Portal de Periódicos CAPES entre 2000 e 2017**. 2018. (dissertação) – Fundação Universidade Federal de Sergipe, Aracaju.

OLIVEIRA, Isabela Venturoza de. "Homem é homem": narrativas sobre gênero e violência em um grupo reflexivo com homens denunciados por crimes da Lei Maria da Penha. 2016. (dissertação) – USP, São Paulo.

OLIVEIRA, Luciana Maria Ribeiro de. **Meninos bandidos? Interfaces entre criminalidade e identidade masculina em homens jovens**. 2006. (dissertação) – UFPE, Recife.

OLIVEIRA, Margareth Laska de. **A erotização da infância e a cultura do estupro na obra " Sapato de salto" de Lygia Bojunga**. 2017. (dissertação) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba.

OSHIRO, Claudia Maria. **Violência de gênero e religião: uma análise da influência do cristianismo em relações familiares violentas a partir de mulheres acolhidas nas casas abrigo regional grande ABC e de agressores**. 2017. (dissertação) – Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo.

OTTO, Natalia Bittencour. **Profissionais, rivais e sobreviventes: intersecções entre gênero e violência nas narrativas de meninas autoras de atos infracionais violentos**. 2017. (dissertação) – USP, São Paulo.

PACHECO, Paulo Victor Silva. **"Não quero ver, mas quero que aconteça": Linchamento, punição e justiça em uma comunidade negra em São Luís do Maranhão**. 2019. (dissertação) – UnB.

PAIXÃO, Gilvânia Patrícia do Nascimento. **Violência Conjugal e a experiência jurídico-policial: vivência de homens em processo criminal**. 2016. (tese) – UFBA, Salvador.

PEREIRA, Bruno. **Symphony of erotic icons: Erotismo e o corpo masculino na fotografia de Alair Gomes**. 2017. (dissertação) – UNESP, Assis.

PEREIRA, Edson Salviano Nery. **Fantasmas que investigam**: nação, masculinidades, violência em A Varanda do Frangipani e O Filho da Mãe. 2018. (dissertação) – USP, São Paulo.

PINHEIRO, Zuleika de Andrade Câmara. **Vidas infames**: uma etnografia das masculinidades, identidades de gênero e sobrevivências de homens que moram nas ruas. 2018. (tese) – UNESP, São Paulo.

PODESTA, Lucas Lima de. **Os usos do conceito de transfobia e as abordagens das formas específicas de violência contra pessoas trans por organizações do movimento trans no Brasil**. 2018. (dissertação) – UFG, Goiânia.

REIS, Lucas Henrique dos. **Cowboys de Clint Eastwood**: Fronteira identidade nacional e masculinidades em Gran Torino (2008) e Sniper Americano (2014). 2018. (dissertação) – UFU, Uberlândia.

RENA, Ana Cláudia Castello Branco. **Maternidade e feminilidade: um estudo da subjetividade de mães negligentes na assistência social**. 2012. (dissertação) – PUC-Minas, Belo Horizonte.

RIBEIRO, Jakson dos Santos. **Filhos da princesa do sertão**: representações da masculinidade na imprensa em Caxias/MA durante a Primeira República. 2018. (tese) – UFPA, Belém.

RIBEIRO, Vaena Caroline Martins. **O que eles dizem?** A violência doméstica contra as mulheres a partir da representação do discurso dos homens agressores. 2017. (dissertação) – Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros.

RIGHETO, Carla. **Árbitros**: Vilões e/ou Mediadores do Espetáculo? 2016. (dissertação) – UNICAMP, Campinas.

ROSA, Otavio Chagas. **A ficção do homem**: um estudo sobre a recepção masculina de telenovelas. 2018. (dissertação) – UFSM, Santa Maria.

SANTOS, Andressa Gordya Lopes dos. **Amores Alucinados**: relações de gênero, violência e criminalidade nos road movies de casais de foras da lei. 2018. (dissertação) – UNICAMP, Campinas.

SANTOS, Erotildes de Souza. **Caminhos para prevenção primária do abuso sexual contra crianças**: uma reflexão sobre as tecnologias educativas. 2018. (dissertação) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

SANTOS, Maria Juliana de Jesus. **Os traumas da violência patriarcal em Lya Luft**. 2019. (dissertação) – Fundação Universidade Federal de Sergipe, Aracaju.

SANTOS, Renata Bravo dos. **Poder patriarcal e discurso nos feminicídios**: a importância da tipificação do crime como medida de rompimento com o ciclo naturalizado de violências contra as mulheres. 2018. (dissertação) – Faculdade de Direito de Vitória, Vitória.

SANTOS, Paloma Oliveira. **Brinquedos, culturas infantis e diversidade de gênero: uma análise sobre a 'sexta-feira: dia do brinquedo' na educação infantil.** 2018. (dissertação) – Unifesp, São Paulo.

SCOTT, Juliano Beck. **Grupos reflexivos com homens autores de violência doméstica contra mulher.** 2018. (tese) – UFRN, Natal.

SENA, Lucia Lamounier. ***I Love my White*: mulheres no registro do tráfico ilegal de drogas.** 2015. (tese) – PUC-Minas, Belo Horizonte.

SILVA, Alexandre Rodrigo Nishiwakida. **Relações de gênero nos clássicos da didática: reflexões possíveis acerca da ideia de masculinidade.** 2017. (tese) – UFScar, São Carlos.

SILVA, Andrey Ferreira da. **Elementos constitutivos da masculinidade de homens em processo criminal por violência conjugal.** 2019. (tese) – UFBA, Salvador.

SILVA, Carla Simone. **Masculinidades possíveis em um grupo de homens apenados pela Lei Maria da Penha.** 2016. (dissertação) – UEPG, Ponta Grossa.

SILVA, Diogo Sousa. **Existe uma barreira que faz com que as pessoas trans não cheguem lá: itinerários terapêuticos, necessidades e demandas de saúde de homens trans no município de Salvador-BA.** 2017. (dissertação) – UFBA, Salvador.

SILVA, Glauber Lucas Ceará. **Corpos penetrantes e masculinidades: um estudo crítico às práticas patri(viri)arçais.** 2017. (dissertação) – UFF, Niterói.

SILVA, Júlio César Santos da. **Homens Envenenados como Foco do Cuidar: Cuidado de Enfermagem em Emergência.** 2016. (tese) – UFRJ, Rio de Janeiro.

SILVA, Luana de Arruda e. **O cuidado ao homem na atenção primária: uma análise na perspectiva Bourdieusiana.** 2017. (dissertação) – UFMT, Cuiabá.

SOARES, Cecília Teixeira. **Grupos Reflexivos para Autores de Violência contra a Mulher: isso funciona?** 2018. (tese) – UFRJ, Rio de Janeiro.

SOARES, Jenefer Estrela. **Olhar, ouvir e atender: um estudo sobre o centro de referência de atenção à mulher Loreta Valadares.** 2015. (dissertação) – UFBA, Salvador.

SOARES, Renata Gomes. **Violência e masculinidade: estratégias para sensibilização e prevenção da violência na população masculina.** 2019. (dissertação) – UnB, Brasília.

SOARES, Vanessa Arlesia de Souza Ferretti “— **Mas tem gente que não entende assim.**” // “—**É. É por isso que a gente tá aqui.**”: A sessão de grupo socioeducativo para homens autores de violência contra a mulher e a (re)construção discursiva de masculinidades. 2018. (tese) – UFSC, Florianópolis.

SOUSA, Anderson Reis de. **Percepções da violência conjugal e repercussões da prisão: discurso coletivo de homens em processo criminal.** 2016. (dissertação) – UFBA, Salvador.

SOUSA, Gaspar Alexandre Machado de. **Violência contra a mulher na perspectiva dos homens encarcerados por essa prática no Complexo Prisional de Aparecida de Goiânia**. 2017. (tese) – UFG, Goiânia.

SOUZA, Ana Clara Telles Cavalcante de. **Drug Moms, Drug Warriors: Performances de Gênero e Produção da (In)segurança na Construção Discursiva da Guerra às Drogas para a América Latina**. 2015. (dissertação) – PUC-Rio, Rio de Janeiro.

SOUZA, David Emmanuel da Silva. **O futuro da política sexual no Brasil após o fortalecimento dos estudos de masculinidade**. 2017. (dissertação) – UFF, Niterói.

SOUZA, Fabíola Carolina de. **Marcelo Rezende, um apresentador performático: do telejornalismo policial à celebração**. 2018. (tese) – UFMG, Belo Horizonte.

SOUZA, Luciana Melo e. **Violência doméstica fatal contra crianças: narrativas construídas pelos agressores**. 2015. (tese) – UFBA, Salvador.

SPAZIANI, Raquel Baptista. **Violência sexual contra crianças: a inserção da perspectiva de gênero em pesquisas de pós-graduação da área da educação**. 2017. (tese) – UNESP, São Paulo.

STACUL, Juan Filipe. **Masculinidades em crise: escrita, violência e (des)subjetivação em Feliz Ano Novo (1975) e Taxi Driver (1976)**. 2016. (tese) – PUC-Minas, Belo Horizonte.

TELES, Jamile Santana. **Violência doméstica conjugal em Aracaju**. Traços de personalidade e habilidades sociais de homens agressores. 2018. (tese) – Universidade Tiradentes, Aracaju.

TINEN, Pedro de Araújo Nogueira. **Espaços e masculinidades em Nagisa Oshima: Tabu e Furo**. 2018. (dissertação) – UNICAMP, Campinas.

VARELA, Luis Pablo Orozco. **Entre la espada y la pared: pedagogías de la sexualidade en torno a moral sexual, prostitución y formación de masculinidades en Costa Rica**. 2016. (dissertação) – UFRGS, Porto Alegre.

VERAS, Erica Vericia Canuto de Oliveira. **A masculinidade no banco dos réus: um estudo sobre gênero, sistema de justiça penal e aplicação da Lei Maria da Penha**. 2018. (tese) – UFRN, Natal.

VIANA, Marcos Alan. **A lacuna moral na educação de meninos: o impacto das novas configurações de masculinidade na subjetividade infantil**. 2017. (dissertação) – UFPR, Curitiba.

VILLA, Gabriela Esteves. **Autonomia e Sexualidade Entre Adolescentes Assistidos/as no Instituto Querô em Santos/SP**. 2017. (dissertação) – Unifesp, São Paulo.

WESTPHAL, Rafaela. **Homens que mataram mulheres: a experiência que narram de si**. 2016. (dissertação) – UFPR, Curitiba.

APÊNDICE

Recurso Pedagógico: Caderno *Bravíssimo*

O recurso pedagógico que compõe a dissertação é o caderno *Bravíssimo: abandona as ideia e chuta o balde*, com histórias elaboradas pelos adolescentes participantes e por mim. Ele foi pensado quando constatei a dificuldade de encontrar materiais para trabalhar a temática de gênero nas oficinas. Iniciei o processo mobilizando um encontro onde a atividade consistia em desenhar mulheres e homens, livremente. Encaminhei essas imagens para os estudantes parceiros do curso de Design da UFMG, que transformaram os desenhos em personagens. Os símbolos ligados à criminalidade, como cifrões e armas, tatuagens e marcas de roupas muito presentes nos desenhos, foram transformados em outros símbolos, para provocar tensionamentos, sem, contudo, descaracterizar a imagem *pinchada* do bandido.

Apresentei aos participantes o desenho dos personagens e a primeira história, “Chama no desembolo”, já no formato do caderno. Nessa narrativa, Riquelme fala com Peterson que quer convidar Gabi para sair, mas que não tem dinheiro. O desfecho da história mobiliza uma reflexão sobre gênero e masculinidades, inaugurando talvez um movimento contra-hegemônico, onde mulheres também podem pagar a conta. A história gerou debate na oficina, mas foi aprovada por todos. Depois desta, outras histórias e outras temáticas surgiram nas falas e vivências dos adolescentes, onde se elaboravam principalmente roteiros sobre um futuro longe da criminalidade.

O recurso pedagógico é feito em coautoria com todos os participantes. Cada personagem corresponde a um participante e as histórias narradas em suas descrições são verídicas, com exceção da Gabi, que é uma criação minha. Adoto uma linguagem voltada para essas juventudes, com gírias, expressões e realidades específicas do contexto, vislumbrando não só promover discussões sobre gênero, mas sobretudo registrar narrativas e histórias de vida.

ANEXOS

ANEXO 1

Modelo de Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)

Olá, tudo bem?

Eu sei que você já me conhece e é meu aluno da oficina “Homens que Transformam”, mas eu vou me apresentar de um outro jeito por aqui. Aí, se tiver qualquer dúvida, você vai me perguntando, ok?

Me chamo Izabela e sou estudante lá da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Eu estou fazendo Mestrado, que é um curso que vem depois da graduação, aquela que a gente faz ENEM para entrar, sabe? Meu Mestrado é sobre Educação.

Para eu entrar nesse Mestrado, eu tive que fazer um projeto de pesquisa. O que que é isso? É apresentar para faculdade um tema muito importante e que por isso precisa ser mais pesquisado. Aí quando a gente entra nesse curso, a gente estuda muuuuuuito sobre aquele tema e faz também pesquisas com pessoas que possam ajudar nesse estudo. Eu escolhi estudar o Socioeducativo e por isso eu venho pedir sua colaboração.

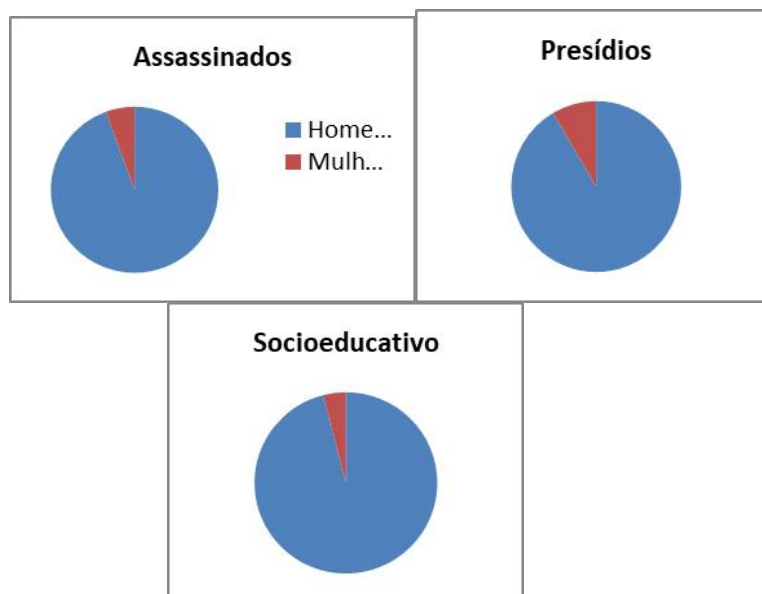
Minha pesquisa se chama “_____”. Calma! O nome é grande, mas eu vou explicar. Antes disso eu vou dizer por que eu resolvi estudar isso.

Tem um documento do governo que se chama *Atlas da Violência*, e lá eu vi que foram assassinadas 65.602 pessoas no Brasil, em 2017. Eu fiquei arrasada e fui entender isso melhor. Aí eu vi que dessas pessoas que morreram, 94,4% SÃO HOMENS. Pior ainda, eu vi nesse documento que homicídio é a causa de 60% das mortes de jovens de 15 a 19 anos.

Quer dizer que a juventude não está morrendo doente, de acidente de carro ou outras coisas. Mais da metade dos jovens que morrem, morrem assassinados. Eu fiquei arrasada, sério.

Fui então olhar outros documentos, para saber a realidade dos socioeducativos e dos presídios. Aí eu vi que em 2016, 96% das pessoas internas no socioeducativo são homens, ou 25.360 jovens. Nos presídios são 91,5% de homens, que são 726.712 pessoas.

São mais de 700 mil pessoas presas, dá para acreditar? E muuuuuuito mais homens. Vou mostrar isso em desenhos pra você ver como isso é grave.



Essa parte azul aí mostra a quantidade de homens assassinados, cumprindo medida socioeducativa, ou presos. Esse pedacinho vermelho é a quantidade de mulheres.

Eu pensei, por que homens? E aí? Pode me ajudar a responder? É por que vocês vão mais pro corre que as mulheres? Eu quero conversar com você, saber sua história, como é sua casa, sua família, sua vizinhança, sua escola, e entender melhor por que você entrou pro corre. Tem a ver com ser homem? Quero saber mais ainda, você tá a fim de sair?

Depois de estudar muito, conversar com você e outros homens, vou escrever uma dissertação de Mestrado, que é um texto grandão com os resultados da pesquisa. Isso é importante porque, dependendo do que eu “descobrir” nos meus estudos, eu consigo lutar por uma educação diferente, onde homens não vivam nesse mundão de violência. Até aqui, tudo bem?

•Professora, como é minha participação na prática?

Se você concordar, a gente combina com a unidade um dia pra conversar só nós dois. Eu tenho um papel com várias perguntas e durante a conversa você vai respondendo. Claro, só aquelas que você quiser.

•Essa sua pesquisa é muito chata. Alguém ganha alguma coisa com isso?

Eu luto por uma educação diferente. Pra gente viver num mundão com menos violência. Minha pesquisa vai dar o que falar e a gente pode melhorar o que tem sido feito né? Eu vou fazer também um caderno da oficina que você já participa, para ser usado por várias pessoas, em todas as unidades.

• ***Se eu não quiser responder alguma pergunta?***

Não responda. Tá tudo bem.

• ***Você vai gravar?***

Sim, preciso gravar. Se não gravar eu não lembro nada depois.

• ***Se eu quiser desistir?***

Você pode desistir a hora que você quiser. Mesmo depois de finalizada a entrevista.

• ***E se eu quiser ler o trabalho?***

Quando estiver pronto, só me pedir que eu arrumo pra você. Mas tudo vai ficar guardado lá na UFMG. Tem o endereço e telefone nesse documento.

• ***Eu pago para participar?***

Não. É uma participação gratuita.

• ***Eu recebo dinheiro ou outro benefício?***

Também não.

• ***Eu sou obrigado a participar?***

Não. A participação é escolha sua.

• ***E se eu concordar e mudar de ideia?***

Sem problemas. Você pode mudar de ideia a qualquer momento.

• ***Se eu participar ou não participar, eu vou ser punido pela unidade, pelas técnicas, pelos agentes, ou pelo juiz?***

Jamais. Não atrapalha de forma alguma o cumprimento da sua medida.

• ***Se eu não quiser participar, você vai ficar brava comigo?***

De jeito nenhum. Nossa aula e parceria continuam normalmente.

• ***Você vai usar meu nome?***

Não. Vou usar nomes inventados.

• ***Eu tenho que assinar alguma coisa?***

Sim. O “Termo de Assentimento Livre e Esclarecido”, que é esse documento aqui.

• ***Eu posso ficar com uma cópia desse documento?***

Claro. Você e eu ficaremos com uma cópia assinada. Esse documento é meu compromisso.

• ***Eu corro algum risco com essa pesquisa?***

Sim. Você pode ficar desconfortável ou constrangido com alguma pergunta. Ou ficar triste, nunca se sabe. São perguntas pessoais e sempre tem um risco psicológico, né? Mas assim, o que não quiser falar, não fala. E pode desistir a qualquer momento também.

• ***Você vai usar essa entrevista para outras coisas?***

Não. Só usarei para minha pesquisa.

• ***Você vai guardar segredo?***

Com certeza. Tudo que conversamos é sigiloso. O que você falar vai ficar guardado comigo e com meu professor. Quando eu escrever a minha dissertação, eu não usarei o seu nome então não tem como saber quem falou.

• ***Onde vão ficar guardados esses dados? Por quanto tempo?***

Lá na Faculdade de Educação da UFMG, por cinco anos. Será guardado pelo meu professor Frederico. O nome, endereço, telefone e e-mail dele está no final desse documento.

• ***Se eu tiver alguma dúvida depois ou quiser retirar a autorização, como eu faço?***

Meu telefone e do professor estão no final desse documento. Você pode procurar a gente a qualquer momento, ok? A sua desistência vale a partir do momento que você pedir.

• ***E se eu sofrer algum tipo de dano com essa pesquisa? O que eu posso fazer?***

Você tem a garantia de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

E aí? Posso contar com você? Se sim, preciso que assine esse documento pra mim.

Este termo de consentimento encontra-se **impresso em duas vias originais**, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

A pesquisa só terá início com a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UFMG, cujos dados completos se encontram no final desse documento, atendendo às determinações do item IV.5, alínea “c”, da Resolução 466/2012 da CNS.

Nós, pesquisadores, declaramos que esse termo atende às determinações do item IV.3, IV.5, IV.6 e demais da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

Eu, _____, portador do documento de Identificação _____ fui informado de maneira clara dos objetivos, métodos, riscos e benefícios da pesquisa “_____”. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se eu quiser.

Declaro que concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma via original deste termo de assentimento livre e esclarecido assinado por mim e pela pesquisadora mestranda, que me deu a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Assinatura do Participante

Izabela de Faria Miranda
Pesquisadora Mestranda

Prof. Dr. Frederico Assis Cardoso
Pesquisador responsável

Prof. Dr. Guilherme de Alcântara
Pesquisador correspondente

Contatos: IZABELA DE FARIA MIRANDA, PROF. DR. FREDERICO ASSIS CARDOSO e PROF. DR. GUILHERME DE ALCÂNTARA. Av. Antônio Carlos, 6627, Faculdade de Educação, Sala 1626, DECAE/FAE. Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP:

31270-901. **Telefone (31)99717.4445.** E-mails: izabelafm@yahoo.com.br; fredasc@ufmg.br e guilhealcan@gmail.com. **COEP-UFMG – Comissão de Ética em Pesquisa da UFMG.** Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar – Sala 2005. Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901. Telefone: 34094592. E-mail: coep@prpq.ufmg.br.

ANEXO 2

Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Convite à Sra. Diretora da unidade socioeducativa _____

É com imensa satisfação que convidamos você para participar da construção de nossa pesquisa “_____”. **O objetivo** que pretendemos alcançar com a colaboração dos adolescentes e dessa Unidade é compreender os processos de socialização masculina de adolescentes do sistema socioeducativo, e sua relação com a violência e prática de atos infracionais. Com isso, visamos aprofundar o debate sobre políticas de prevenção à criminalidade, ressocialização e reincidência infracional, sob a perspectiva de gênero. E mais, elaborar e disponibilizar um pequeno livro de charges, com histórias pertinentes ao cotidiano dos adolescentes, mas com desfechos não hegemônicos: «Bravíssimo, abandona as ideia e chuta o balde».

A **justificativa** do projeto se inicia com dados da Segurança Pública Federal. Segundo o *Atlas da Violência* de 2019, no ano de 2017 o Brasil alcançou a marca 65.602 homicídios, sendo 94,4% praticados contra homens. Entre os jovens de 15 a 19 anos, o homicídio corresponde a 59,1% das causas de morte. Além de vítimas, são os homens os grandes responsáveis pelos altos números de violência e criminalidade no Brasil. Os dados do Levantamento Anual do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE (2018) apontam que, no ano de 2016, homens representavam 96% dos jovens internos, em cumprimento de medida socioeducativa, o que totaliza 25.360 jovens. Dado os altíssimos índices de violência, principalmente aquela ligada à juventude masculina, o que **justifica a escolha** de jovens homens, em cumprimento de medida socioeducativa, para realização dessa pesquisa, atendendo à exigência do item IV.6, a da Resolução 466/12. Para alcançar esse objetivo, pretendo realizar entrevista com os adolescentes que se disponibilizarem a contribuir voluntariamente com a pesquisa. Além disso, será elaborado caderno de campo das oficinas do projeto “Homens que Transformam”, que se encontram em andamento na unidade Santa Terezinha. A participação dos adolescentes é **opcional e gratuita**, sendo convidados todos aqueles participam da oficina “Homens que transformam”. O adolescente convidado **pode aceitar ou recusar** participar da pesquisa, bem como desistir a qualquer momento **sem sofrer qualquer represália**. O adolescente e a unidade devem ainda **consentir com gravação das**

entrevistas. A participação ou recusa não interfere no andamento da medida socioeducativa, seja para beneficiá-lo, seja para prejudicá-lo. Os participantes também **não receberão valores** ou vantagens financeiras e **não terão qualquer tipo de custo.** De toda forma, o adolescente tem a **garantia de indenização** diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa. A adesão é identificada pela apresentação do projeto e devida orientação, seguida da assinatura em documento específico, “Termo de Assentimento Livre e Esclarecido” - TALE. Os **riscos** são aqueles ligados aos desconfortos psicológicos gerados pelas perguntas da entrevista, ou devido à exposição das narrativas e opiniões. Tais **riscos podem ser minimizados** com a antecipação da informação de que não são obrigados a responder perguntas que os deixe desconfortáveis e que ele pode **retirar a autorização** de utilização, a qualquer momento, entrando em contato com os/a pesquisadores/a. De toda forma a equipe técnica da unidade se disponibilizou tanto para tirar dúvidas como também para **dar suporte psicológico, para amenizar eventuais desconfortos aos entrevistados.** São também esperados **benefícios**, já que o aprofundamento no tema possibilita a articulação de políticas públicas centradas também nas políticas de masculinidade. Além disso, é previsto **benefício individual** ao adolescente que participar da pesquisa, que receberá um exemplar do livro “Bravíssimo, abandona as ideia e chuta o balde”, ou impressão física, caso assim ele deseje. As entrevistas serão realizadas conforme disponibilidade de datas e horários dos participantes e conveniência da unidade. Será garantido a **confidencialidade dos dados e o anonimato** dos participantes, em todas as fases da realização da pesquisa. Todo material fruto da investigação será de uso acadêmico e científico, sob responsabilidade dos/a pesquisadores/as, **exclusivo para essa pesquisa.** Após a finalização da coleta de dados serão todos retirados dos computadores e armazenados em **HD externo** e guardado na sala 1626 DECAE-FAE/UFMG, que fica sempre trancada e a faculdade em constante vigilância. Os/a pesquisadores/as tomarão todos os cuidados com o **armazenamento dos dados**, para garantir que terceiros não tenham acesso a eles. Porém, pode haver algum arrombamento ou extravio de chaves, hipótese essa em que alguém entre na sala, sem autorização, **prejudicando a privacidade e identidade dos adolescentes entrevistados.** Esse material será arquivado por um período de **05 (cinco) anos**, a contar da defesa da Dissertação deste trabalho, sob custódia do Prof. Dr. Frederico Assis Cardoso. Depois desse tempo serão destruídos. O adolescente e a unidade socioeducativa terão total **acesso aos/às pesquisadores/as para acompanhamento** de todas as fases da pesquisa, esclarecimento de **dúvidas** e principalmente acesso aos resultados obtidos. Terá também acesso ao COEP em caso de **dúvidas éticas.** Todos esses contatos constam no final deste documento.

Este termo de consentimento encontra-se **impresso em duas vias originais**, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

A pesquisa já está aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UFMG, cujos dados completos se encontram no final desse documento, atendendo às determinações do item IV.5, alínea “c”, da Resolução 466/2012 da CNS. Nós, pesquisadores, declaramos que esse termo atende às determinações do item IV.3, IV.5, IV.6 e demais da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

Eu, _____, portadora do documento de Identificação, MASP _____, Diretora Geral da Unidade Socioeducativa Santa Terezinha, responsável pelo acautelamento do adolescente abaixo mencionado, fui informada dos objetivos, métodos, riscos e benefícios da pesquisa “_____”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas, CONCORDO, diante da AUTORIZAÇÃO expedida pelo Poder Judiciário, com a realização da pesquisa, bem como a gravação da entrevista e demais procedimentos metodológicos.

Adolescente acautelado _____

Identidade _____

Belo Horizonte, ____ de _____ de 2020.

XXXXXXX

Diretora Geral da Unidade Socioeducativa Santa Terezinha

Izabela de Faria Miranda (Pesquisadora Mestranda)

Prof. Dr. Frederico Assis Cardoso
Pesquisador responsável

Prof. Dr. Guilherme de Alcântara
Pesquisador corresponsável

DECAE/FAE. Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901. Telefone (31)99717.4445. E-mails: izabelafm@yahoo.com.br; fredasc@ufmg.br e guilhealcan@gmail.com. **COEP-UFMG – Comissão de Ética em Pesquisa da UFMG.** Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar – Sala 2005. Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901. Telefone: 34094592. E-mail: coep@prpq.ufmg.br.

ANEXO 3

Modelo de entrevista semiestruturada

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

Izabela de Faria Miranda
(Orientanda)

Prof. Dr. Frederico Assis Cardoso
(Orientador)

Prof. Dr. Guilherme de Alcântara
(Co-orientador)

ENTREVISTA

Olá. Você foi selecionado para responder a esta entrevista que faz parte da pesquisa “*Socializações masculinas e envolvimento com a criminalidade: Juventudes e sistema socioeducativo. Por masculinidades não violentas*”. Ela está ligada à declaração do documento Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), já assinado por você. Mas claro, você pode mudar de ideia a qualquer momento e sua decisão será respeitada. Pode também deixar de responder qualquer pergunta, ok? Lembrando que os dados serão sigilosos e somente o resultado será analisado.

Em caso de dúvidas ou de necessidade de contatos, você pode procurar os/a pesquisadores/a: izabelafm@yahoo.com.br, fredasc@ufmg.br, guilhealcan@gmail.com

Nome: _____

Idade _____

Escolha do nome fictício _____

- 1.O que é ser homem pra você?
- 2.Como deve ser um homem pra você?
- 3.O que ele faz, como se veste?
- 4.O que você acha que é assim “coisa de homem”?
- 5.Podemos falar do *corre*?
- 6.Quem te chamou pro *corre*? Como foi isso?
- 7.Tem alguém na sua casa que é do *corre*? Quem?
- 8.Quem morava com você quando você entrou pro *corre*?
- 9.Quanto você ganha mais ou menos?
- 10.Você gasta com o quê?
- 11.Sua família aceita grana do *corre*?
- 12.Você tem *patrão*?
- 13.Você gosta dele?
- 14.O que ele faz que você gosta?
- 15.O que ele faz que você não gosta?
- 16.Você queria ser como ele?
- 17.Você queria ser *patrão*?
- 18.Seu *patrão* bate nas mulheres dele? O que você acha disso?
- 19.Seu *patrão* é legal com os filhos dele? Ele faz o quê?
- 20.Você acha que ele é bom lá para sua *quebrada*? Por quê?
- 21.Ele é bom pra você? Por quê?
- 22.Você obedece ele?
- 23.O que acontece se não obedecer?
- 24.Por que você decidiu trabalhar pra ele?
- 25.O que você mais gosta no *corre*?
- 26.Você se acha poderoso lá na sua *quebrada*?
- 27.Você se sente respeitado?
- 28.Você se sentia respeitado lá, antes do *corre*?

29. Seu *patrão* é respeitado lá?
30. Mas ele é respeitado porque as pessoas gostam dele, ou por medo?
31. Você acha que o *corre* dá respeito pro homem?
32. Você acha que grana dá respeito pro homem?
33. Você acha que andar armado dá respeito pro homem?
34. Você anda armado? Por quê?
35. Quando anda, você mostra que está com a arma, ou esconde?
36. Você se acha um bandido?
37. Você acha que bandido tem cara de bandido?
38. Você acha que as pessoas te tratam como bandido lá no *mundão*?
39. O que você acha que leva as pessoas a te tratar como bandido?
40. Como é a cara de um bandido?
41. Um político ou empresário corrupto são bandidos?
42. Mas eles têm cara de bandido?
43. Se você não fosse do *corre*, acha que as pessoas iam te respeitar?
44. Você consegue sair do *corre* se quiser? É só parar?
45. Você tem vontade de sair?
46. Você trabalhava antes de entrar aqui, além do *corre*?
47. Tem vontade de trabalhar?
48. Que tipo de trabalho você gostaria de ter?
49. Você concordaria em trabalhar 8-10 horas por dia, pegar ônibus, trabalhar fim de semana e ganhar um salário mínimo?
50. Você sairia do *corre* por um trabalho desse?
51. Você acha justo uma pessoa ganhar um salário mínimo e outros ganharem tanto?
52. Isso já te revoltou alguma vez?
53. Você já ficou revoltado por não conseguir comprar alguma coisa?
54. Você já pensou no estudo como uma forma de ganhar mais dinheiro?
55. O que é um homem de respeito pra você? Pra você...
56. Tem respeito, um homem que apanha da mulher dele?
57. Tem respeito, um homem que foi traído e não fez nada?
58. Tem respeito, um homem que namora outro homem?
59. Tem respeito, um homem que se veste de mulher?

60. Tem respeito, um homem que não consegue pagar as contas de casa dele, trabalhando?
61. Tem respeito, um homem que não sabe dirigir nem pilotar?
62. Tem respeito, um homem que “deixa” a mulher dele sair ou viajar sozinha?
63. Tem respeito, um homem que troca as fraldas dos filhos dele?
64. Tem respeito, um homem que não quer trair a mulher dele quando uma gostosa *se joga*?
65. Quem é o homem mais responsa que você conhece? Por quê?
66. Quem mais cuidou de você durante a vida, homem ou mulher?
67. Você acha que homem é superior à mulher?
68. Você acha que alguns homens são melhores que outros?
69. Você acha que homens e mulheres podem fazer as mesmas coisas?

TALVEZ

70. Você foi à escola hoje?
71. Qual matéria você gosta mais?
72. Está estudando o quê?
73. Antes de entrar pro *corre* você estava estudando?
74. Qual série?
75. Você gostava da escola?
76. Já tomou bomba? Quantas?
77. Você saiu da escola, por quê?
78. Alguém te mandou sair da escola ou foi decisão sua?
79. Quando você foi pro *corre*, você estava estudando?
80. Sua mãe achou ruim de você sair da escola?
81. Sua mãe ou família pedia pra você levar dinheiro pra casa, ou você que quis?
82. Quem morava com você na época que você foi pro *corre*?
83. Você lembra de alguma coisa que tenha acontecido, que te fez querer entrar pro *corre*?
84. Você conhece seu pai?
85. Vê ele sempre ou não vê há muito tempo?
86. Gosta de baile funk?
87. Você foi a primeira vez antes ou depois de entrar pro *corre*?
88. Já pagou bebida pra todo mundo no baile?

89. Você já usou dinheiro pra pegar mulher?
90. Você está namorando? Qual nome dela?
91. Já traiu ela? Por quê?
92. Você já foi traído?
93. O que fez depois?
94. Você acha que você tem que pegar geral?
95. Você gosta de ficar com muita mina ao mesmo tempo?
96. Você acha que se você não quiser ficar com uma mulher, galera vai te zuar?
97. Tem alguma música que você acha que tem a ver com seus romances lá no mundão?
98. Gosta de produto de marca? Qual?
99. Onde você conheceu essa marca? É cara?
100. Onde você consegue esse produto?
101. Você acha que comprar essas coisas te deixa mais respeitado na *quebrada*?
102. E o que mais você gosta de comprar com seu dinheiro?
103. Já foi pra praia?
104. Já foi ao teatro ou cinema? Qual peça você gostou mais?
105. Qual foi o último presente que você comprou pra sua mãe?
106. Quem é o cara mais legal que você convivia? É seu amigo?
107. Ele é legal por quê?
108. O que ele faz?
109. Tem algum cara que você queria ser igual a ele? Qualquer um.
110. Tem algum cara na TV que você gosta e queria ser igual?
111. Tem algum cara na TV que você acha que parece com você?
112. Pra terminar, só para eu conhecer melhor. Que tipo música você gosta?
113. Fala o nome dos seus cantores preferidos.
114. Fala uma música dele para eu conhecer.
115. Que tipo de filme você gosta? Me dá um nome aí!
116. Você tem rede social? Acessa sempre?
117. O que gosta de olhar na internet?

BRAVISSIMO

Abandona as ideias e chuta o balde

SKOM. BAEFGS YKKE

WFF - ES
A19 - Esudar
NORT
2021



BRÁVISSIMO

ABANDONA AS IDEIA E CHUTA O BALDE

IDEALIZAÇÃO E ORGANIZAÇÃO

Izabela Miranda

HISTÓRIAS, VIDAS E INSPIRAÇÕES

Alexander, Calvin, Davi, Elias, Fernando, Filipe, Gabriel, Gustavo, João Vitor, Marcelo, Marcos, Mateus, Matheus, Michael, Miguel, Miguell, Peterson, Raione, Riquelme, Ryan, Thales

E todas as outras jovens vidas que se entrelaçaram à minha dentro do sistema socioeducativo.

Ronaldo (para sempre em nossos corações)

ROTEIROS

Elias

Izabela

Vitor

ILUSTRAÇÃO E EDITORIAL

Daniel Rodrigues

Ícaro Dantas

Koé! Meu nome é Izabela, sou educadora social da Indômitas Coletiva Feminista e tenho um projeto chamado Bravíssimo: abandona as ideia e chuta o balde. Nesse projeto a gente se encontra nas unidades socioeducativas para desembolar sobre homens e corre.

CAMINHO BRAVISSIMO

-Você sabia que no Brasil, a cada 100 adolescentes cumprindo medida, 96 são homens?

-Em Minas Gerais, na interna, a cada 100 adolescentes, 99 são homens.

O que que pega com os homens? Por que eles estão indo pro corre muito mais que as mulheres?

Esse é o principal desembolo do projeto. Mas eu sou uma mulher, né? Então a gente conversa também sobre mulheres, fechamento e revoada, machismo, “coisa de homem”, “coisa de mulher” e se isso tem a ver com o corre.

Este caderno foi feito com adolescentes que já participaram do projeto Bravíssimo. As histórias falam das suas realidades e os personagens são inspirados nos desenhos que eles fizeram.



CHAMA NO DESEMBOLO

SKOM. BAEF



Handwritten graffiti tags and symbols on the left wall.

Handwritten graffiti tags and symbols on the left wall.

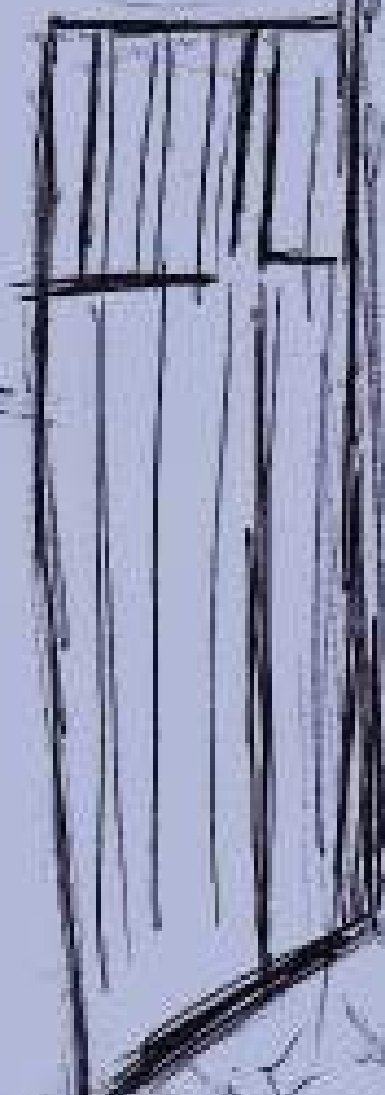
Handwritten graffiti tags and symbols on the left wall.

Handwritten graffiti tags and symbols on the left wall.



Handwritten graffiti tags and symbols on a vertical pole.

Handwritten graffiti tags and symbols on a vertical pole.



Handwritten graffiti tags and symbols on the right wall.







PETERSON SAI DO CORRE

SKOM. BAEFFG

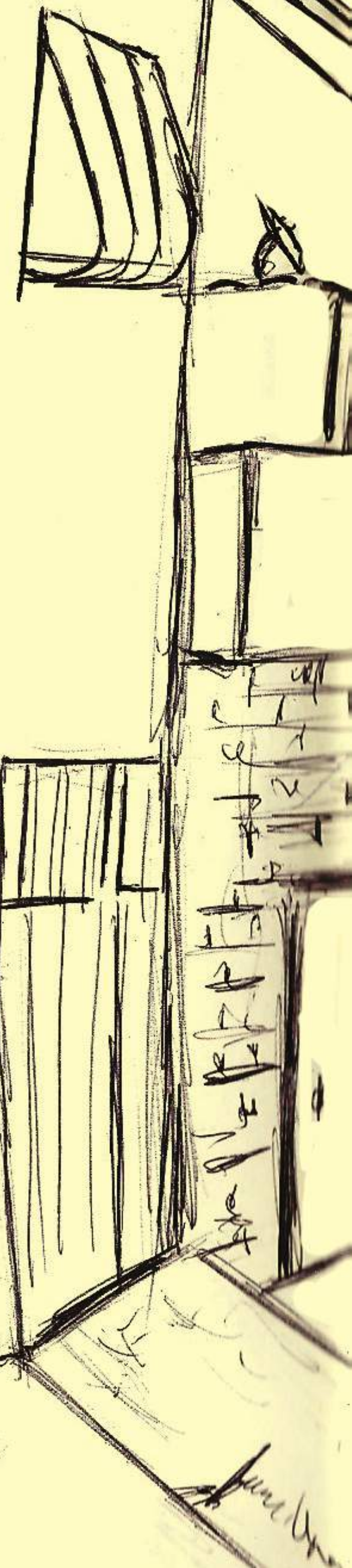
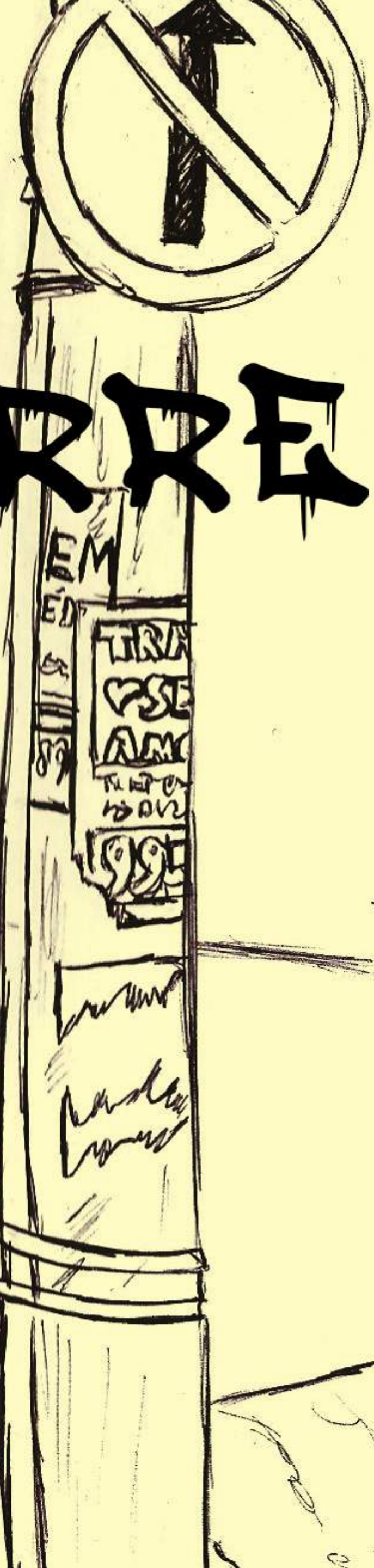
YV KKE



Handwritten scribbles and symbols.

Handwritten text including "A 9 - 30 01" and other illegible scribbles.

Handwritten text including "NORT" and "2021".







E SE EU RODAR?

SKOM. BAEF E V K E



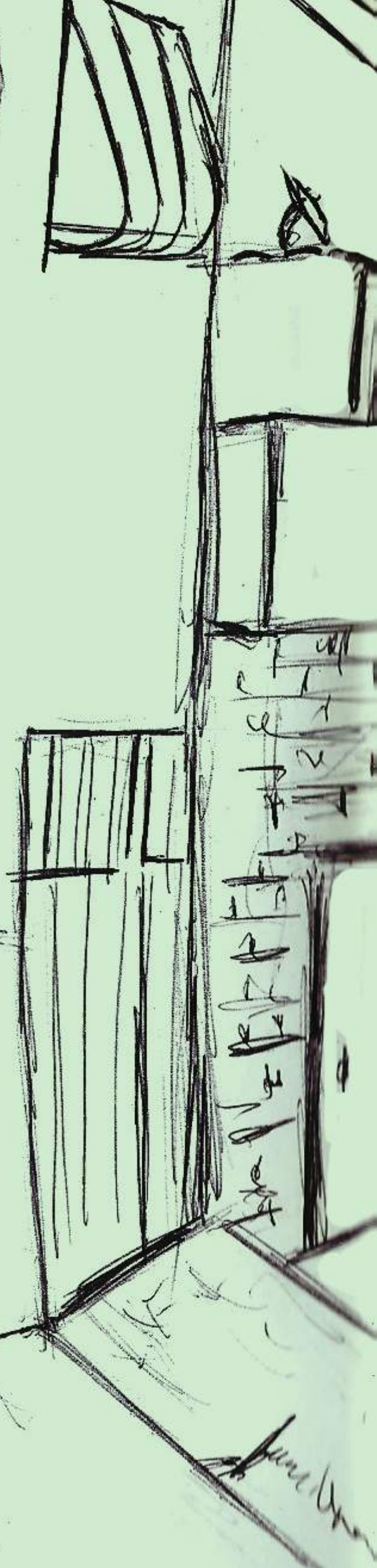
W F
A 9 - E u d r
X T A F K S K W

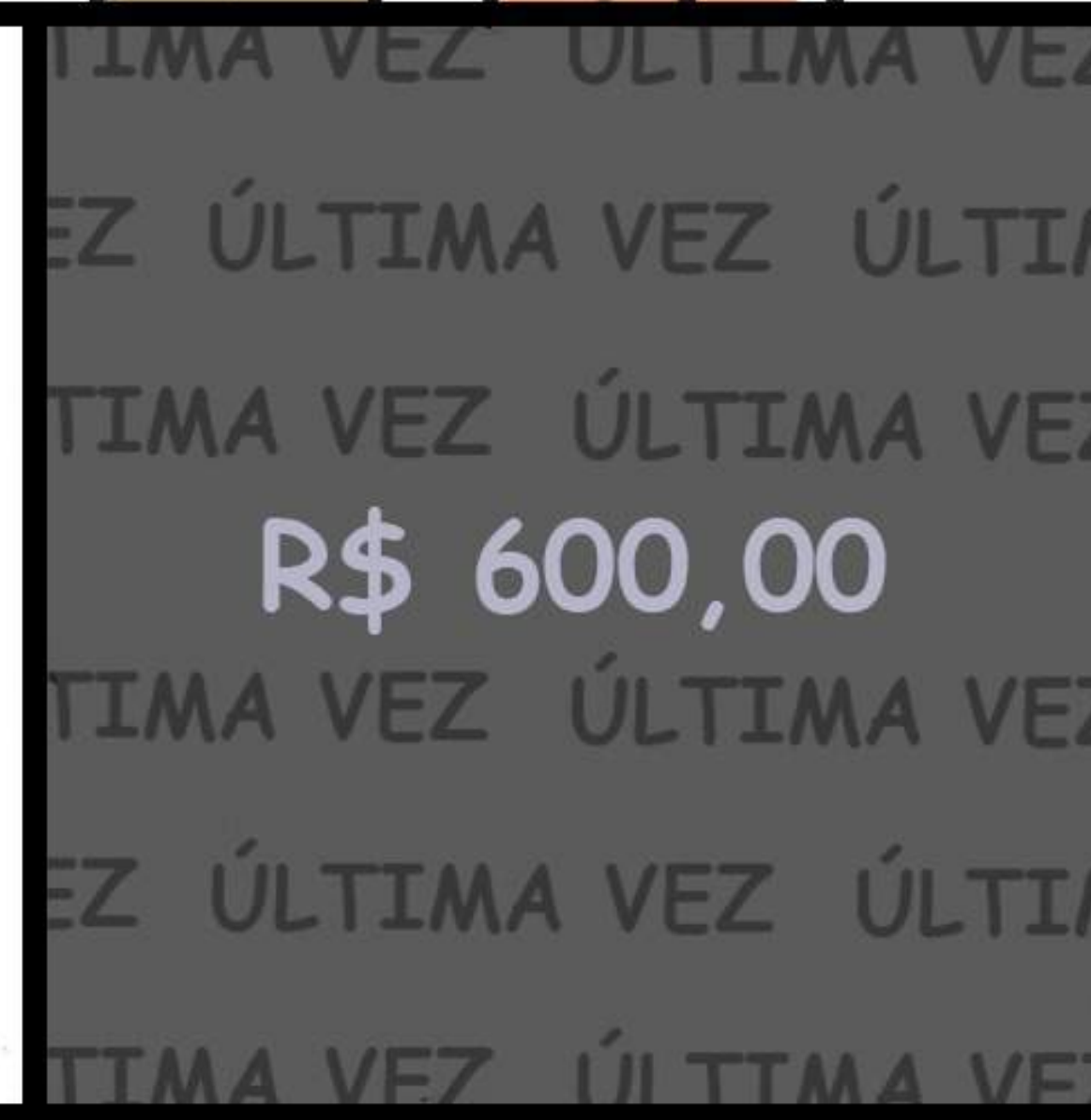
N O R P
2021



EM
ED
TRA
VSE
AM
1999

Handwritten scribbles on the pillar.







ELIAS SAI DO CORRE



SKOM. E. G. S.

NOVA 2021

EM
EM
TRA
PSE
AM
1999











HOMEM NÃO TEM BUNDA

SKOMBAEPG YKKE



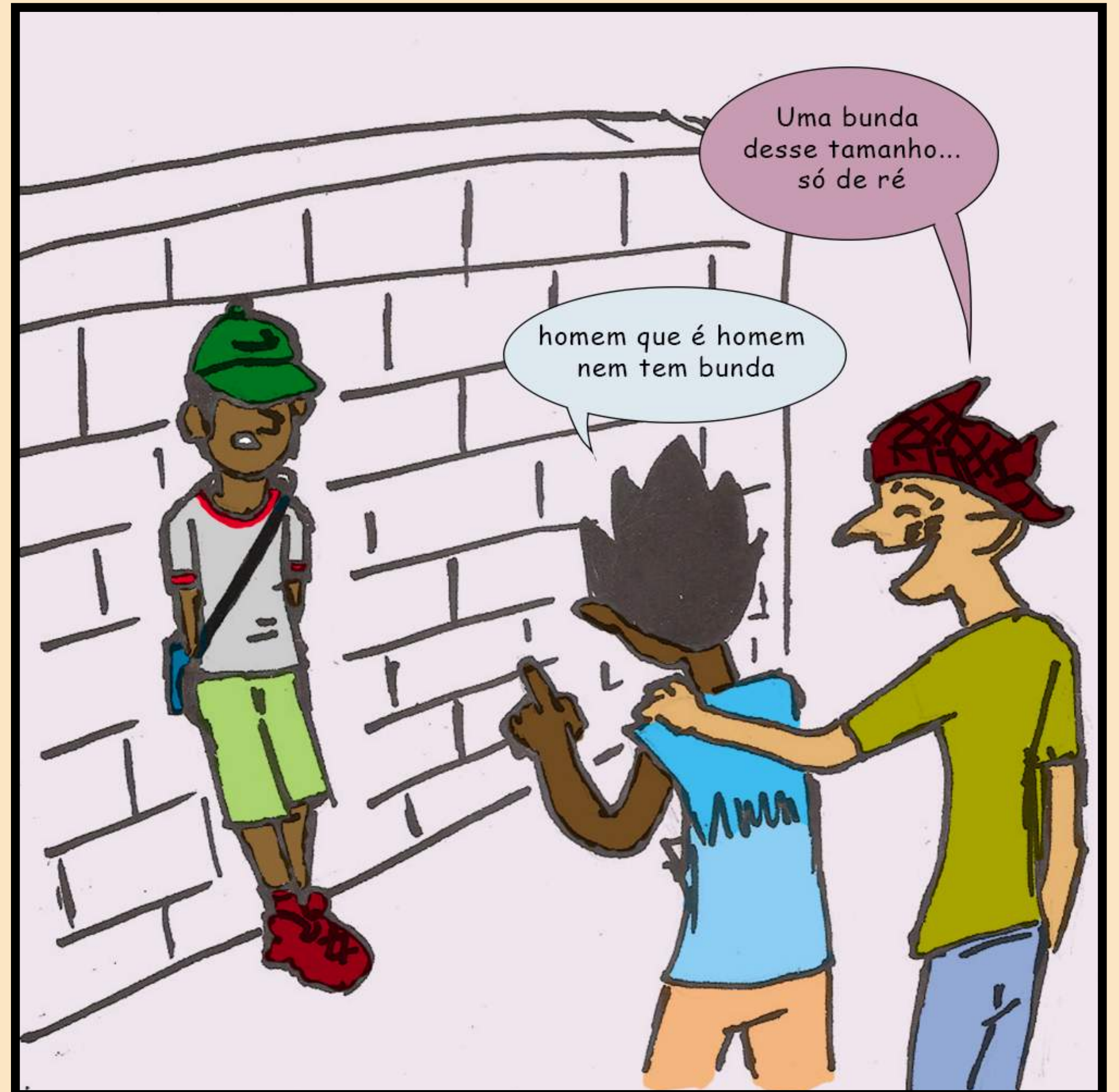
Al 9 - Bunda
XTA... K... W

NO...
2021

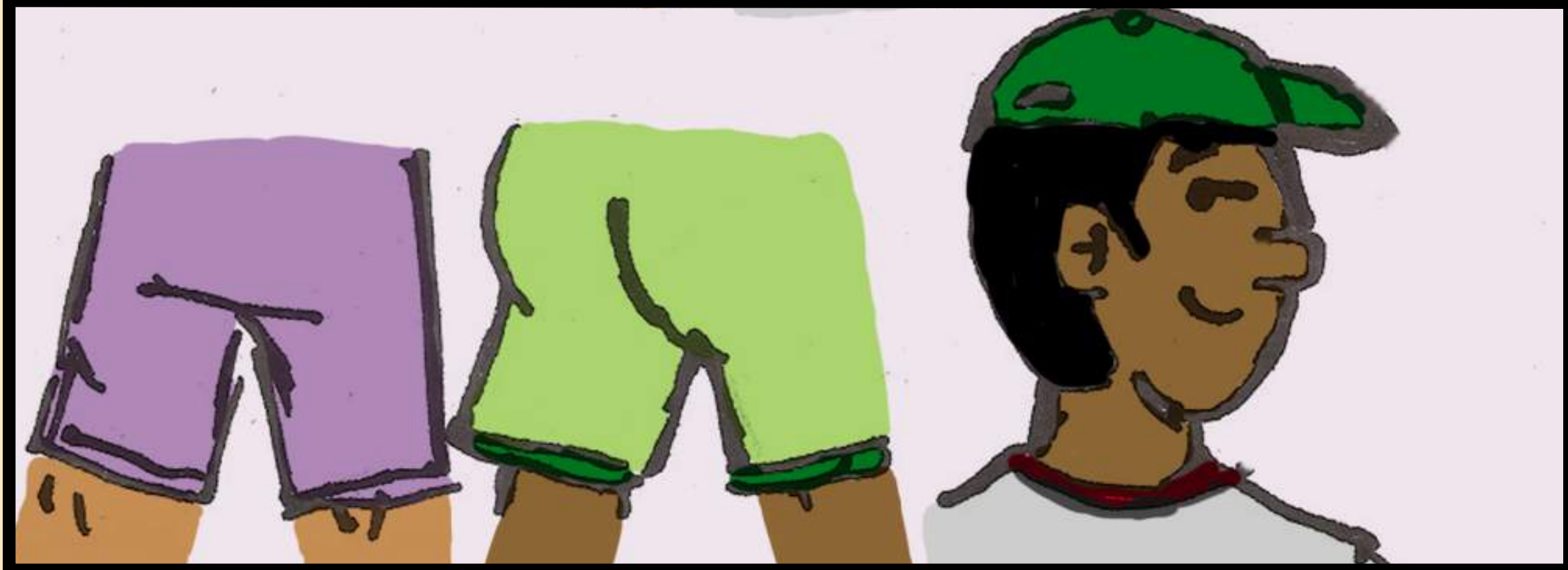


TR...
PSE
AM...
1999

Handwritten signature or mark in the bottom right corner.







UMA BOA IDEIA PRO

FUTURO

SKOM. BAERD

YKK



TRIA
VSE
AMC
1999



2021







Na minha última marchada minha mãe não tinha dinheiro nem pro kit da visita, ou uns mascante. E olha que eu ficava no plantão quase todo dia.



AS HISTÓRIAS
POR TRÁS DAS
HISTÓRIAS

CHAMA NO DESEMBOLO

É uma história que eu fiz pensando no desembolo dos meninos pra chamar as mulheres pra sair. Geralmente eles me falam que homens tem que ter dinheiro pra pagar bebida, comida e droga para as mulheres. Eu não acho isso certo por que mulheres e homens podem dividir tudo e ser sempre dez a dez.

HOMEM NÃO TEM BUNDA?

É um caso que aconteceu na oficina. Mas o final da história é diferente.

"PETERSON SAI DO CORRE" E "E SE EU RODAR?"

Surgiu quando peterson avisou que seu desligamento estava saindo e que ele não ia voltar pro corre. Ryan não botou fé e ficava provocando peterson. Aí nós começamos a montar uma história que falava da nova realidade de peterson e as dificuldades que ele podia passar.

ELIAS SAI DO CORRE

É uma história feita pelo elias. Um dia da oficina ele me entregou um papel com os desenhos e os diálogos prontos. Nós só passamos ela para nosso caderno.

UMA BOA IDEIA PRO FUTURO

É uma história que eu e o vitor fizemos. Ela surgiu quando a gente conversava sobre as dificuldades da vida dos adolescentes, as ilusões do tráfico de drogas e a rotina da biqueira.

OS MENINOS

**TODAS ESSAS VIDAS E HISTÓRIAS SÃO REAIS,
MAS O NOME É DE MENTIRA.**

DAVI

Davi fez 19 anos em 2020 e nós comemoramos juntos, no mundão.

Ele marchou mais de um ano e nas primeiras oficinas com ele sempre tinha briga. Não era ele que provocava, mas ele reagia.

Teve uma vez que ele foi algemado, com a mão para trás. Mas Davi sempre foi meu parceiro e dava muita moral pro nosso desembolo. Quando ele saiu a gente falava todo dia, fazia chamada de vídeo.

Ele começou a trabalhar de servente e também vender água no centro. Um dia os fiscal levou a mercadoria dele e ele me ligou bolado.

Eu também já fui lá na casa dele e sua coroa minha amiga agora.

Mas o mundão é cheio de tentação e desacerto. Eu acho que ele voltou a dar um high, fumar chá e se envolveu de novo.

Tomou tiro na perna e teve que fugir da quebrada. Depois sua mãe também foi ameaçada e teve que sair.

Hoje ele está morando em outra cidade e está casado com uma mulher pela ordi.

Um dia ele me ligou e eu pedi pra falar com ela. Dei uma boa ideia, que era pro Davi sempre tratar ela bem. Ela falou que já tinha sido casada e que não deixava homem fazer maldade com ela mais não. Ele pegou o telefone de novo e me disse:

- Xaina hein amiga, você tem que jogar é no meu time.

- Eu jogo no time de quem tá certo. Trata ela bem, viu?

- Claro, amiga. Ctlg.

- Jae, amigo. Só força.



FERNANDO

Fernando fez 18 anos no sistema. A mãe e a irmã levaram um bolo e nós cantamos parabéns.

Ele falava pra mim “fessora, você não vai gostar de mim no mundão. Tudo que você fala que não gosta, eu sou no mundão”. Ele tem preconceito com gay, gosta de ostentar e eu acho isso xaina. Mas eu amo esse menino...

Quando o assunto é mulher e relacionamento, ele é muito parecido comigo. Ele não quer casar e nem ter filhos.

Quando eu cortei meu cabelo bem curto, de um lado só, ele falou pra lançar logo um moicano e raspar do lado. Os outros adolescentes acharam feio.

Quando ele saiu a gente conversava quase todo dia. Na chamada de vídeo ele mostrava roupas de marca, perfumes e whisky que ele lançava. Eu falava “o salário de jovem aprendiz tá bom hein?”. E ele “ctlg, fessora. Eu sei administrar meu salário”. Eu pagava de louca, mas sabia que ele estava envolvido.

Fernando está preso, na de maior. Eu tô colando na coroa dele, que está desempregada, passando dificuldade e muito triste por que ele vai fazer 19 anos na cadeia.



PETERSON

Peterson também fez 18 anos no sistema.

Ele tem uma filhinha pequena. Sua mãe ia fazer uma comemoração no dia de visita e ele disse que eu tinha que ir. Mas acabou que eu viajei e não deu. “Cê nem veio né fessora?”, Mas ficou suave quando eu expliquei.

Um dia eu dei um livro infantil pra ele dar pra filha dele. A capa era uma menininha negra. Ele ficou um tempão olhando pro livro, calado, viajando. “Só agradece, fessora”.

Nos primeiros dias de oficina ele só andava de cara fechada e era só chacota com ele: “noiado”, “mun-drunga”. Depois ficou mec e ele começou a bagunçar. Chamei no canto pro desembolo e ficou suave.

Quando ele saiu do sistema a gente desembolou no zap.

Um dia ele tava no ônibus com fernando, voltando do trabalho e fizemos uma chamada de vídeo. Ele disse assim “que cara gorda é essa aí, fessora?”, Eu respondi “que cara feia é essa aí, peterson?”.

Nesse mesmo dia fernando me ligou mais tarde, desesperado, falando que peterson tinha sido preso no centro da cidade. Eles levaram um enquadro e a polícia encontrou uma dólar com ele. No dia seguinte ele foi liberado, deu usuário.

Depois de um tempo a gente foi afastando, mas eu fiquei sabendo que ele surtou no emprego e largou tudo.

Ele não responde minhas mensagens mais, mas eu vejo ele no facebook.



MARCOS

Marcos tem 16 anos e é muito inteligente.

Ele gosta de música e não só de funk. Quando eu passava alguma atividade que tinha música, ele ficava doido, cantava, ria.

Ele também era aquele cara que prestava atenção nos detalhes das coisas. Uma vez ele ficou viajando no meu colar, todo colorido, falou que era “doido demais”.

Ele estava feliz com um emprego de jovem aprendiz que conseguiu no sistema. Fazia muitos planos pro futuro e a gente combinava de trombar depois do serviço. Ele também ficava muito feliz quando os outros meninos conseguiam trabalho.

Quando saiu do sistema ele foi morar com o avô, mas deu poucos dias ele começou a faltar o serviço e um dia não voltou mais pra casa. O avô ficou desesperado e depois descobriu que ele tava na casa da mãe.

Fernando trabalhava com marcos e me falou que ajudou ele a comprar uns panos, cortar cabelo e um dia eles saíram pro baile.

Parece que marcos usou alguma droga e daí não quis voltar mais.

Ele está na rua. Nós trombamos no centro da cidade, perto da sua maloca. Ele estava mais magro, barbudo, mas com uma cara muito alegre. Ele me disse que estava bem.



GABI

Gabi tem 17 anos e está terminando o ensino médio.

Ela trança cabelo, faz unha de acrílico e sempre tem um dinheiro para curtir o baile.

Ela não quer casar, não quer ter filhos e não sonha com um príncipe.

Gabi prefere os maloqueiros e também as maloqueiras.

Ela respeita todo mundo e exige respeito.

Ela não deixa ninguém mandar nela e nem acha que homem tem que pagar suas coisas.

Seu sonho é abrir um salão afro dentro da quebrada.

Eu não conheço gabi.



RIQUELME

Riquelme eu conheço há muito tempo, mas trombamos de novo quando ele já estava fazendo 18 anos. Eu fiz seu bolo de aniversário e no final do parabéns eu entreguei uma carta pra ele, escondido dos outros adolescentes. No final da carta eu falava “te amo, amigo”.

Isso virou assunto do corredor. Ninguém entendia nada. “Amor só de mãe” ou de mulher, namorada, esposa. “Será que Riquelme vai comer a professora?”. Mas a carta de Riquelme foi só a primeira. Todos os adolescentes que faziam aniversário recebiam cartas com “eu te amo”.

Riquelme saiu do sistema com emprego de jovem aprendiz e me ligou no dia seguinte. Ele me falou que fora do corre tudo era diferente, que até o sorriso dele estava diferente. Nesse dia eu tive certeza que Riquelme tinha saído do corre.

Mas ele sumiu e alguns dias depois eu descobri que ele estava preso. Foi o Miguel que me contou. Eu fiquei muito mal e chorei muito. A gente conversou da cadeia pelo face e zap. Ele saiu depois de alguns meses, de tornozeleira, e disse que estava fora do corre. Fiquei muito feliz, de novo.

Ele então tomou tiro e quase morreu. Ele voltou pra vingar, mas depois de uns dias parece que desistiu. Me pediu ajuda para fazer um currículo e arrumar emprego. Quando perguntei por que ele decidiu sair ele respondeu: “minha mãe, ela tá sofrendo demais”. Fiquei muito feliz, de novo.

Marquei de ir na sua casa ajudar com currículo e conhecer sua família. No dia da visita ele sumiu e não me deu mais notícias.

Fiquei sabendo que rolou um desacerto e que ele voltou pro corre, de novo. Ele está preso novamente. Fiquei triste, mais uma vez, mas tenho que respeitar a escolha de Riquelme



RONALDO

“Cria não morre! Cria vira lenda!”, Essa é uma frase do corre, mas eu nunca gostei dela.

Ronaldo era cria. Ronaldo era envolvido. Ronaldo me disse que não tinha medo de morrer. Ronaldo morreu! Ele vai ficar pra sempre no meu coração e no coração de todos que o amavam. Mas ronaldo não virou lenda.

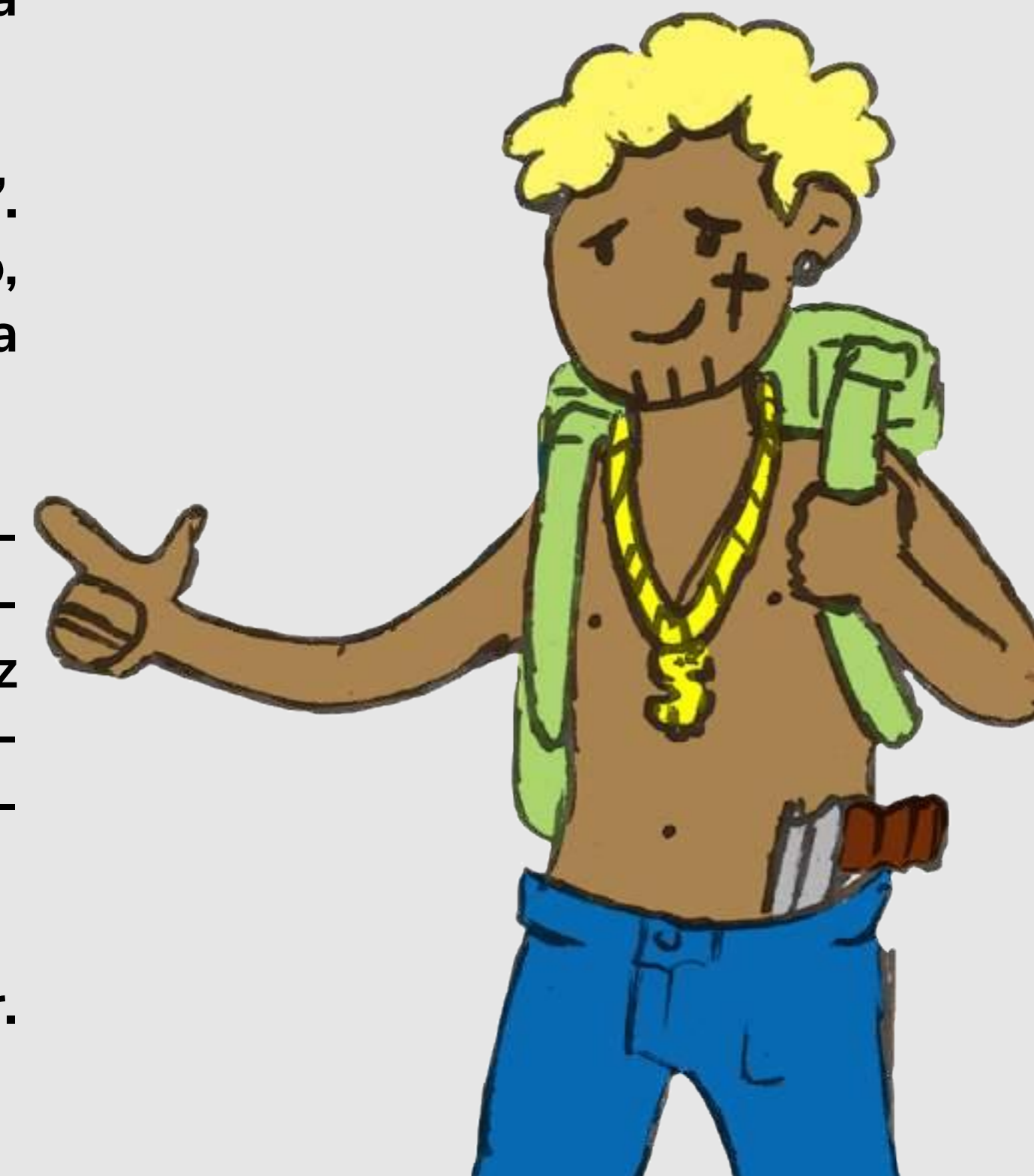
São mais de 25 mil pessoas que morrem assassinadas no brasil, todo ano. Nenhum de nós vai virar lenda. Somos apenas uma pessoa, uma vida, que vale muito como qualquer outra.

A vida de ronaldo não devia ter acabado. Ele tinha acabado de fazer 19 anos. Eu lembro que ele estava apaixonado. Ele até escreveu uma carta de amor, que eu passei a limpo. Mas antes eu perguntei, “isso que você está falando pra ela é verdade? Por que eu não ajudo homem a enganar mulher não”. Será que ele chegou a entregar?

Um dia eu estava despedindo da turma, estendi a mão e ele me puxou falando, “me dá um abraço, fessora”. O dia do seu desligamento era dia de oficina. Eu lembro do ronaldo na entrada da quadra gritando “cantô, fessora” e eu chamei ele pra dentro, pra me dar um abraço de despedida. Ele veio andando e segurando a calça que tava caindo. A gente deu nosso último abraço. Eu choro agora de novo, por lembrar.

Ele me ligou no mesmo dia do desligamento. Me ligou também um dia de madrugada para pedir r\$10,00 emprestado para gasolina. Só quando eu acordei que eu ouvi o áudio. Eu já ouvi muita gente dizendo que “bandido tem que morrer”. Mas do Ronaldo eu ouvi uma história de muita dificuldade: “cheguei a comer só arroz e feijão, tem vez que não tinha. É mó xaina fessora (...). não tem os carroceiro que tem na favela? Que tem carroça? Que faz os corre e pega as questão lá no sacolão da favela? (...) Eles pega pros cavalo dele aí os morador pega, cê tá ligado!”.

Agradeço por sua vida, amigo. Farei luta a sua morte, pela vida de quem ainda vive. Eu nunca vou esquecer. Cria não morre! Cria vira estrela! Te amo, Ronaldo.



ELIAS

Elias. É aquele menino que a gente não entende por que está na cadeia.

Ele tem cara de menino, brinca demais, sem limites pra tiração.

Eu lembro que o Davi falava que Elias não podia fazer as coisas que ele fazia na cadeia, e que ele ia acabar apanhando. Mas ele é tão legal que ninguém fazia nada com ele. Tinha gente até que protegia ele.

Elias era diferente de todo mundo. Ele aprendeu a falar o que eu queria ouvir, mas muita coisa ele falava por que ele achava mesmo.

Geralmente ele pensa diferente da maioria dos meninos. Ele não paga de cabuloso e acha normal direitos iguais pra homem e mulher.

Um dia, quando todo mundo falava que tem que cair pra dentro nas brigas, ele falou “cê tá doido? Olha meu tamanho. Eu já deito no chão e coloco a mão pra trás”.

Ele gostava de brincar e levava a cadeia suave do jeito que dava. Eu nunca vi ele triste, nem desanimado. Ele ama moto, carro, velocidade e não tem juízo nenhum...

Na cadeia ele fez um porta joias de pino pra mim, escrito “eu te amo”. É claro que eu amo ele também.

Ele é um grande amigo e aqui no mundão a gente se fala direto. Ele está morando em outra cidade e trabalhando de servente.





INDÔMITAS
Coletiva Feminista